



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

XI Legislatura

Número: 45

II Sessão Legislativa

Horta, terça-feira, 20 de fevereiro de 2018

**Presidente:** *Deputada Ana Luís*

**Secretários:** *Deputada Bárbara Chaves e Deputado Jorge Jorge*

### SUMÁRIO

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 10 minutos.*

A sessão iniciou-se com o [debate por iniciativa do Governo Regional sobre “A União Europeia Pós 2020”](#).

Após a intervenção do Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas (*Rui Bettencourt*), iniciou-se o debate com a participação dos Srs. Deputados Duarte Freitas (*PSD*), Artur Lima (*CDS-PP*), José San-Bento (*PS*), da Sra. Deputada Zuraida Soares (*BE*) e dos Srs. Deputados António Almeida (*PSD*), Francisco César (*PS*) e Carlos Silva (*PS*).

Usaram ainda da palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas (*João Ponte*) e o Sr. Vice-Presidente do Governo (*Sérgio Ávila*).

Seguiu-se o debate do [Projeto de Resolução n.º 39/XI – «Alargamento dos beneficiários do Programa “Berço de Emprego”»](#), apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Apresentado o diploma pela Sra. Deputada Sónia Nicolau (*PS*), usaram posteriormente da palavra os Srs. Deputados Paulo Parece (*PSD*), Rui Martins (*CDS-PP*) e a Sra. Deputada Zuraida Soares (*BE*). Sobre o mesmo tema usou da palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo (*Sérgio Ávila*).

Seguiu-se a votação que registou a aprovação por unanimidade.

Proferiu uma declaração de voto a Sra. Deputada Sónia Nicolau (*PS*).

Posteriormente, iniciou-se o debate sobre o [Projeto de Resolução n.º 59/XI – “Recomenda ao Governo Regional da Região Autónoma dos Açores a cedência, à Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Ilha do Faial \(APADIF\), de parcela de terreno, na ilha do Faial, da propriedade da Região Autónoma dos Açores, e a consequente celebração de um contrato de cooperação-valor investimento com o objetivo de assegurar o financiamento necessário à execução de obras de construção e edificação de um Centro de Atividades Ocupacionais”](#), apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS-PP.

Usaram da palavra os Srs. Deputados Rui Martins, a quem coube a apresentação da iniciativa, Carlos Ferreira (*PSD*), Tiago Branco (*PS*) e a Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social (*Andreia Costa*).

O diploma em apreço foi rejeitado por maioria.

Proferiram declarações de voto os Srs. Deputados Rui Martins (*CDS-PP*), Tiago Branco (*PS*) e Carlos Ferreira (*PSD*).

Seguiu-se o debate da [Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 11/XI – “Desafeta do regime florestal parcial uma parcela de terreno localizada no núcleo florestal das Fontinhas, freguesia de S. Brás, concelho da Praia da Vitória”](#).

Após a apresentação do diploma pelo Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas (*João Ponte*), usaram da palavra para

participar no debate os/as Srs./as Deputados/as Luís Rendeiro (*PSD*), Francisco Coelho (*PS*) e a Sra. Deputada Catarina Cabeceiras (*CDS-PP*).

A Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada por unanimidade.

Sobre a [Petição n.º 1/XI – “Pela recuperação e preservação do Forte de São João Baptista, na ilha de Santa Maria”](#), apresentada por [Ângela dos Santos Loura](#), na qualidade de primeira subscritora, e após a leitura do relatório pelo Sr. Deputado João Paulo Ávila, relator da Comissão de Assuntos Sociais, proferiram intervenções os Srs. Deputados João Vasco Costa (*PS*), Paulo Parece (*PSD*), Rui Martins (*CDS-PP*) e a Sra. Deputada Zuraida Soares (*BE*).

Por fim, foi debatido o [Projeto de Resolução n.º 25/XI – “Recomenda ao Governo Regional a contratação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil para a realização de uma auditoria técnica às obras do novo cais de passageiros e respetivo molhe do Porto da Horta”](#), apresentado pelo Grupo Parlamentar do BE.

Após a intervenção do Sr. Deputado António Lima (*BE*), iniciou-se o debate, tendo usado da palavra para o efeito os Srs. Deputados Luís Garcia (*PSD*), Tiago Branco (*PS*), Graça Silveira (*CDS-PP*), Rui Martins (*CDS-PP*), José Ávila (*PS*), Carlos Ferreira (*PSD*), bem como a Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas (*Ana Cunha*).

Submetido à votação o diploma foi rejeitado por maioria.

Proferiu uma declaração de voto o Sr. Deputado António Lima (*BE*).

*Os trabalhos terminaram às 19 horas e 48 minutos.*

**Presidente:** Bom dia, Sras. e Srs. Deputados.

Pedia ao Sr. Secretário o favor de fazer a chamada.

*Eram 10 horas e 10 minutos.*

**Secretário:** Bom dia.

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os/as seguintes Deputados/as:*

***Partido Socialista (PS)***

**Ana Luísa Pereira Luís**

**André Cláudio Gambão Rodrigues**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**Bárbara Pereira Torres de Medeiros Chaves**

**Carlos Emanuel Rego Silva**

**Dionísio Medeiros Faria e Maia**

**Domingos Manuel Cristiano Oliveira da Cunha**

**Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral**

**Francisco Miguel Vital Gomes do Vale César**

**Iasalde Fraga Nunes**

**João Paulo Lopes Araújo Ávila**

**José António Vieira da Silva Contente**

**José Carlos Gomes San-Bento** de Sousa

**José Manuel Gregório Ávila**

**Manuel** Alberto da Silva **Pereira**

**Manuel** José da Silva **Ramos**

Maria da **Graça** Oliveira **Silva**

**Maria de Fátima** Soares Fernandes Rocha **Ferreira**

**Maria Isabel** da Silveira Costa Rosa **Quinto**

**Miguel** António Moniz **Costa**

**Mónica** Gomes Oliveira **Rocha**

**Pedro** Miguel Medeiros de **Moura**

**Renata** **Correia Botelho**

**Ricardo** Bettencourt **Ramalho**

**Sónia** Cristina Franco **Nicolau**

**Susana** Goulart **Costa**

**Tiago** Dutra da Costa Rodrigues **Branco**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**António** Augusto Baptista Soares **Marinho**

**António** Manuel Silva **Almeida**

**António** Oldemiro das Neves **Pedroso**

**António** Vasco Vieira Neto de **Viveiros**

**Bruno** Filipe de Freitas **Belo**

**Carlos** Manuel da Silveira **Ferreira**

**Catarina** Goulart **Chamacame Furtado**

**César** Leandro Costa **Toste**

**Duarte** Nuno D'Ávila Martins de **Freitas**

**Jaime** Luís Melo **Vieira**

**Jorge** Alexandre Alves Moniz **Jorge**

**Luís** Carlos Correia **Garcia**

**Luís** **Maurício** Mendonça Santos

**Luís** Miguel Forjaz **Rendeiro**

**Marco** José Freitas da **Costa**

**Maria** João Soares **Carreiro**

**Mónica** Reis Simões **Seidi**

**Paulo** Henrique **Parece** Batista

*Partido Popular (CDS-PP)*

**Artur** Manuel Leal **Lima**

**Catarina** de Oliveira **Cabeceiras**

Maria da **Graça** Amaral da **Silveira**

**Rui** Miguel Oliveira **Martins**

*Bloco de Esquerda (BE)*

**António** Manuel Raposo **Lima**

**Zuraida** Maria de Almeida **Soares**

*Partido Popular Monárquico (PPM)*

**Paulo** Jorge Abraços **Estêvão**

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Estão presentes 52 Sras. e Srs. Deputados. Temos quórum. Declaro aberta a Sessão. Pode entrar o público.

Entramos na Agenda da nossa Reunião. O primeiro ponto é o **debate por iniciativa do Governo Regional sobre “A União Europeia Pós 2020”**.

Os tempos foram definidos pela Conferência de Líderes e são os seguintes:

O Partido Socialista e o Governo Regional dispõem de 32 minutos;

O PSD de 24 minutos;

O CDS-PP de 15 minutos;

O Bloco de Esquerda de 12 minutos;

E as Representações Parlamentares do PCP e do PPM de 10 minutos.

Para dar início ao debate tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas** (*Rui Bettencourt*): Sra. Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo Regional:

O Governo dos Açores decidiu trazer a esta Assembleia, por sua iniciativa, o debate sobre um tema que, pela importância que tem para o futuro da nossa Região, assume um carácter verdadeiramente estruturante para o nosso desenvolvimento económico e decisivo para a qualidade de vida dos Açorianos na próxima década.

Este debate enquadra-se no compromisso que assumimos – e concretizámos – de abrir a discussão sobre esta questão não só à sociedade civil açoriana, incluindo, evidentemente, os parceiros sociais da Região – UGT, CGTP, Federação Agrícola e Federação das Pescas –, mas também no âmbito político, considerando que se perspetiva um processo negocial difícil, tendo em conta os interesses, as visões e as abordagens em presença.

Neste momento e neste Parlamento, o primeiro ponto que o Governo gostaria de salientar é precisamente a relevância política e institucional que assume uma posição verdadeiramente açoriana sobre o que os Açores pretendem que seja o próximo Quadro Financeiro Plurianual da União Europeia.

Procuramos uma posição concertada, que nos projete no futuro, coletivamente, e que nos dê mais força para fazermos valer as nossas pretensões, perante as instituições europeias e perante o Estado-Membro.

Assim, o Governo dos Açores decidiu, em junho de 2017 promover este debate sobre a União Europeia pós 2020 neste momento charneira da vida da Europa não apenas pelos desafios com que está confrontada, mas particularmente porque nos próximos meses atravessaremos um processo de definição de alguns dos instrumentos fundamentais para a sua configuração futura, enquanto projeto civilizacional e de progresso.

Deste processo não devem – não podem – estar alheadas as Regiões Autónomas e, muito menos, aquelas que, como a Região Autónoma



dos Açores, possuem competências políticas, legislativas e administrativas que lhe conferem um papel preponderante na definição das políticas nacionais sobre estes domínios e, mais ainda, sobre a aplicação futura dos instrumentos financeiros, políticos ou outros que têm aplicação no nosso território.

E, se isso é válido a nível europeu, mais válido ainda é, até por razões daquilo que estabelece a Constituição da República e o Estatuto Político-Administrativo, quanto ao nosso país.

Interessa, por isso, que, da parte da República, sejam reforçados os mecanismos de participação das regiões autónomas e, em concreto, da Região Autónoma dos Açores, na definição das posições de Portugal neste domínio.

É ainda com um objetivo genuíno de construção de uma posição regional comum e, portanto, emanada também da posição dos seus órgãos de Governo próprio, que promovemos hoje este debate e apresentámos a este plenário uma Proposta de Resolução sobre a estratégia açoriana para a preparação do próximo Quadro Financeiro Plurianual da União Europeia pós 2020 que, esperemos, possa vira a consubstanciar essa mesma posição comum.

Sra. Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

A relevância dessa posição comum é tanto maior quanto significativas são as condicionantes em presença na negociação do próximo Quadro Financeiro Plurianual que têm enformado o projeto europeu, com destaque, naturalmente, para a Política de Coesão,

Política Agrícola Comum e demais instrumentos que compõem os designados Fundos Europeus Estruturais e de Investimento.

Por serem de todos conhecidos, bastará a sua enunciação sintética: saída do Reino Unido da União Europeia com a consequente retirada do seu contributo financeiro para o Orçamento da União, necessidade de financiamento de novas competências e políticas da União nos domínios das migrações, da segurança, da defesa, mas também da mobilidade, da investigação e da mitigação das alterações climáticas.

Tudo isto são pressões significativas para a reestruturação da tipologia e dos mecanismos de apoio à Política de Coesão e à Política Agrícola Comum de uma base de subvenções, com a introdução de mecanismos financeiros alternativos e de natureza mais liberal, bem como o tradicional debate entre contribuintes e recipientes líquidos e as pressões para a diminuição do orçamento global da UE, para mencionar apenas alguns.

Mas, confrontado com esses desafios, aquilo que advoga o Governo dos Açores é aquilo que é a essência do projeto europeu. Isto é: não poderemos ter Europa, maior coesão económica, social e territorial, mais emprego, qualificação e desenvolvimento, menos disparidades entre territórios europeus, se não se pugnar por uma Política de Coesão – principal política de investimento comunitário na União, no nosso país e na nossa Região – forte, robusta e com recursos financeiros à medida, capaz de gerar o crescimento económico, dar resposta às questões sociais nas regiões mais frágeis e esbater as diferenças estruturais existentes.

Não se pode defender uma capacidade produtiva europeia que não tenha em conta os nossos espaços rurais, a tenacidade dos nossos produtores e o seu papel enquanto pilar da coesão económica e social dos territórios com maiores fragilidades, se não tivermos uma Política Agrícola Comum forte e justa e se esta não se mantiver, também, como um pilar do nosso desenvolvimento futuro.

Não se pode promover uma gestão sustentável dos recursos do mar se não se dotar as nossas frotas pesqueiras das necessárias melhorias, da qualificação dos seus recursos humanos e melhores meios de valorização do pescado, do financiamento na aquacultura e na valorização do mar profundo.

Não pode a União Europeia almejar liderar no domínio da inovação, da ciência e investigação se não permitir que, em regiões como a nossa, haja um forte investimento nessas áreas a fim de podermos alavancar as nossas capacidades e de podermos contribuir para os desafios com que os europeus estão confrontados.

Não pode a União Europeia projetar-se no mundo sem que os Açores, com 18% do mar europeu, com a sua posição geoestratégica única, com os Açorianos do arquipélago e os da Diáspora, com o seu europeísmo forte, sejam considerados uma região chave.

Naturalmente, não se trata, nesta altura, de definir os recursos financeiros que devemos reivindicar, mas antes a ambição e o caminho que nos deve guiar neste processo, neste novo contexto de novos desafios, de novas realidades e de novas respostas, para uns

Açores e uma Europa mais próspera, mais coesa, desenvolvida, competitiva e solidária.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Berto Messias*): Muito bem!

**O Orador:** É necessário também que os Açores, Portugal e a Europa saibam que cada uma das nossas políticas de desenvolvimento também são de desenvolvimento da Europa.

Na preparação deste Quadro Financeiro que tão importante é para nós, devemos aqui referir o que disse, quarta-feira passada, o Presidente Juncker: “Os orçamentos não são exercícios contabilísticos. Eles são o reflexo das nossas prioridades e da nossa ambição. Começemos, então, a debater a Europa que queremos”.

É essa ambição que nos move. A de definir, com determinação, aqueles que são os aspetos fundamentais do papel que deve desempenhar a Europa nos Açores e da posição dos Açores na Europa no pós 2020.

Nesse contexto, importa ainda realçar três aspetos que nos posicionam positivamente.

O primeiro tem a ver com a vivacidade com que os Açores têm agido neste processo a afirmar, a suscitar, a impulsionar, ora no Fórum das Regiões Ultraperiféricas, em março de 2017, a elaborar o memorando com mais de 200 propostas concretas que inspirou a Estratégia da Comissão Europeia para as RUP publicada em outubro, ora na Conferência dos Presidentes das RUP na Guiana Francesa, ora com o Presidente da Comissão Europeia ou com vários Comissários, a

afirmar a posição dos Açores, ou ainda no Comité das Regiões ou igualmente a estabelecer alianças com atores – chave do Parlamento Europeu, do Comité Económico e Social Europeu e de todas as instâncias comunitárias.

Igualmente, o nosso percurso na execução e no impacto dos fundos comunitários alocados aos Açores traz argumentos que sustentam a pertinência da ação açoriana que, desde 1990 até ao último Quadro Comunitário de Apoio, de 2007 a 2013, terão sido de mais de cinco mil milhões de euros.

Esses fundos, numa região arquipelágica, distante do continente europeu, dispersa, com mercados de pequena dimensão e economia de pequena escala, desempenharam e devem continuar a desempenhar um papel fundamental na promoção da coesão económica, social e territorial e na aproximação aos níveis de desenvolvimento do restante espaço comunitário.

Despistando o efeito estatístico derivado dos alargamentos, considerando assim como base de comparação a União Europeia a 15 estados-membros em 2015, tomando o mesmo indicador, o PIB ‘per capita’ em paridades de compra, este apontava para uma aproximação à média da UE 15 desde 2001 em mais de 11 pontos percentuais, quando, a nível nacional, essa aproximação se quedou pelos cinco pontos.

O terceiro aspeto que tem de ser central é o respeito e a potenciação da nossa condição ultraperiférica.

O desenvolvimento que, fruto da ação dos sucessivos Governos dos Açores, imprimimos à nossa Região ao longo deste processo de décadas de participação no projeto comunitário, não nos deve fazer esquecer o facto de termos ainda e sempre fragilidades que resultam da natureza dispersa, fragmentada, pequena do nosso território. Mas, se é certo que mantemos as fragilidades que caracterizam a nossa ultraperiferia, também é certo que a nossa posição geoestratégica dá dimensão à Europa e apresenta uma mais valia negocial forte para Portugal.

Esta nossa atividade sem vacilar na defesa dos interesses dos Açores, esta nossa capacidade coletiva de investir e de desenhar o futuro para bem do Povo Açoriano, a necessidade de agir em permanência para mitigar as nossas fragilidades que decorrem da nossa ultraperiferia e as potencialidades que trazemos à União Europeia, dando-lhe uma dimensão oceânica e um posicionamento geoestratégico transatlântico, devem, pois, ser vistos como elementos positivos e tidos em conta pelo Estado-Membro Portugal nas negociações a vir.

Sra. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

“O futuro da Europa está nas nossas mãos” e para isso “promoveremos um processo de decisão democrático, eficaz e transparente”. Este desiderato enunciado na Declaração de Roma, a 25 de março de 2017, que comemorava os 60 anos do histórico tratado que instituiu a então Comunidade Económica Europeia, e que

lançou o processo de definição do futuro da Europa, é, pois, o desiderato que aqui trazemos a esta casa da democracia açoriana.

Assumamos, pois, em conjunto, o futuro nas nossas mãos.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Secretário Regional.

A Mesa já tem algumas inscrições. Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Em 2026 comemoraremos os 50 anos da Autonomia.

É já amanhã.

A União Europeia pós-2020, que hoje discutimos, tem a ver connosco.

Não nos devemos deter apenas nas perspetivas financeiras e no que poderemos receber da Europa.

Não aceito resignado o papel de chapéu na mão, à espera do que nos podem dar ou do que podemos negociar.

Temos o dever de pensar aqui o que queremos do projeto europeu e o que temos a dar a este projeto.

Temos mar, ambiente e temos esta forma de sermos portugueses e europeus no meio do Atlântico.

No mar, nos seus recursos haliêuticos, no potencial do mar profundo, mas também na autoestrada que o mar oferece e que devemos cuidar, estão muitos méritos que podemos oferecer à Europa.

No ambiente, nos nossos recursos naturais, na riqueza da nossa biodiversidade, mas também nos projetos ambientais desenvolvidos em ilhas como paradigma de sustentabilidade, estão outros méritos que podemos oferecer à Europa.

Nas pessoas, nas nossas gentes, na riqueza dos nossos laços na diáspora, mas também na intrínseca vontade e capacidade de criar sustento e nos adaptarmos, estão méritos inegáveis que podemos oferecer à Europa.

Mas também, e de novo, pensando mais no que podemos dar do que no que podemos receber, temos de refletir nas grandes questões que se colocam à nossa sociedade – aos europeus.

A Europa construiu-se no pós-guerra e viveu o maior período de paz e prosperidade da sua história milenar.

A guerra, felizmente, é um assunto do passado, mas, infelizmente, o período em que cada dia era melhor do que o anterior, também é um pouco um assunto do passado.



As dinâmicas da globalização, este mundo que fica cada vez mais pequeno, a competitividade entre países e um capitalismo industrial que deu lugar, infelizmente, ao capitalismo financeiro trouxeram desafios que não têm tido a melhor resposta da Europa.

É certo e reconhecido que a globalização é inexorável e tem permitido libertar centenas de milhões de seres humanos da pobreza extrema. Mas também é certo que colocou a descoberto situações que nos afligem pela dramática vivência e convivência com expressões económicas, sociais e culturais a que não estamos habituados.

É certo que o mundo cada vez mais pequeno e a mobilidade das pessoas e dos bens são algo positivo, mas os nacionalismos a que assistimos, as migrações dramáticas e o comércio que, sendo livre, não é justo, não podem também deixar de nos perturbar.

É certo que a evolução da economia, o comércio digital e a disponibilidade de bens e capital têm vindo a dinamizar muitos espaços económicos, mas o capitalismo financeiro, o dinheiro sem rosto e o capitalismo especulativo não podem deixar de ter um freio para bem da justiça e da liberdade.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Tudo isto tem originado a discussão sobre a União Europeia nos nossos dias e sobre o papel que deve assumir perante nós, Europeus, e perante o mundo.

Em primeiro lugar, quero dizer-vos, para mim, a União Europeia, sempre foi e é, antes de ser um espaço económico, social ou até político, um espaço de valores.

Nós, Europeus, temos de compreender que centenas de milhões de pessoas olham para a União Europeia como um farol de liberdade.

Nós, Europeus, temos de perceber que dezenas de milhões de pessoas viram na União Europeia uma âncora de estabilidade e democracia depois de saírem de processos políticos totalitários, como aconteceu também com Portugal e Espanha.

Nós, Europeus, temos de nos orgulhar de ser a União Europeia que, no concerto global, lidera (e acho que devemos ter muito orgulho nisso) a defesa dos direitos humanos.

Nós, Europeus, temos de perceber que, não resolvendo todos os nossos problemas, eles seriam (não tenho dúvidas) muito maiores se não existisse União Europeia.

Nós, Europeus, temos de perceber que o facilitismo errôneo de “bruxelizar” os problemas e nacionalizar ou regionalizar as soluções só leva a que o populismo cresça.

Nós Europeus, temos de perceber, finalmente, o que é ser: nós, Europeus.

E não podemos ficar à margem de todas as questões essenciais que se discutem no nosso mundo, no mundo Europeu (algumas delas coloco-as aqui):

A dicotomia dos estados soberanos e das soberanias regionais ou transacionais;

O federalismo que atenta o estado-nação, estado-nação que tem uma história tão forte nos países da União Europeia;

A sociedade de bem-estar que é preciso sustentar e talvez por isso é preciso reformar;

As novas políticas de família que urge implementar;

O stress dos alargamentos, naturalmente;

A existência (e é isso que também temos que pensar, também nós aqui) de impostos europeus (a possibilidade de haver um imposto europeu) para financiar exatamente o Orçamento Comunitário;

A maior progressividade fiscal, é importante que também reflitamos;

A organização fiscal ou, por outro lado, a harmonização fiscal, é preciso também refletir;

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O António Costa! O António Costa é que quer impostos!

**O Orador:** O fim dos paraísos fiscais, é preciso trabalhar para tal;

As leis laborais concorrenciais, ou a concorrência com leis laborais de diferentes estados;

Ou algo que é preciso também começar a pensar: o rendimento básico universal. Sim defendo que devemos começar a pensar nos Açores, enquanto europeus, pelo menos pensar, o Rendimento Básico Universal e há experiências interessantes a analisar.

Estas, entre muitas questões, são também, questões nossas. São questões de nós, Europeus.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Simultaneamente, temos, naturalmente, de nos preparar para as perspetivas financeiras propriamente ditas.

Falemos então, agora, daquilo com que podemos contar de Bruxelas para nos ajudar a chegar aos lugares de frente do desenvolvimento económico, social e cultural.

Falar da Europa pós-2020 é, também, fazer a reflexão sobre o que comemoraremos nos 50 anos da Autonomia.

É já amanhã, e novo digo.

Para tal e antes de mais, é preciso esclarecer que o verdadeiro argumento, a real medida e a principal alavanca das nossas posições junto das instâncias comunitárias, é o Estatuto da Ultraperiferia.

Podemos falar de regiões periféricas marítimas, mas existem dezenas e não defendem os interesses e as especificidades dos Açores.

Podemos falar do Comité das Regiões e das Regiões, mas existem muitas e não têm nada a ver com os nossos interesses específicos.

Até podemos falar de regiões de montanha, mas a verdade é que existem muitas mais, mais conhecidas, mais peculiares e mais fortes.

Por isso, Sras. e Srs. Deputados, entendo que nos devemos focar no essencial deixando de lado o acessório. O essencial é agarrarmo-nos ao conceito de Ultraperiferia:

Porque, por um lado, somos um pouco pais deste conceito da ultraperiferia. Relembro que foi através do Dr. Mota Amaral, no âmbito do Conselho da Europa, que se começou a propor e a levantar esta situação, tendo sido consagrada em 1988 no Conselho Europeu de Rodes;

Porque também (é preciso anotar) é crucial alavancarmos, na defesa do conceito da ultraperiferia as nossas posições, porque é ele que está estatuído no artigo 349.º do Tratado de Lisboa, portanto, tem valor constitucional;

Porque faz parte do acervo de programas e derrogações das Instituições;

Porque é, verdadeiramente, o que nos caracteriza;

E também porque, especificamente, nos identifica e nomeia ao mais alto nível, no âmbito constitucional europeu.

Mais, porque depois do acórdão de Mayotte, a Comissão Europeia ficou obrigada a olhar com cada vez maior atenção ao Estatuto da Ultraperiferia.

Por isso, talvez nunca como agora, temos condições, se soubermos aproveitar, e estamos aqui para o ajudar, para dar um grande passo

em frente nos apoios e derrogações para fazer face à nossa necessidade e especificidade.

O PSD/Açores, como partido responsável, tem vindo a apresentar propostas e a colocar-se ao serviço dos Açores – que, deixem-me dizê-lo, nada tem a ver com colocar-se ao serviço dos interesses do Partido Socialista, como compreenderão.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Apresentámos, entre outros, contributos para o combate à pobreza, para os problemas da SATA ou para a Saúde.

E nas últimas perspetivas financeiras, há alguns anos atrás, apresentámos o nosso contributo, a nossa visão.

Por isso, deixem-me dizer-vos, não precisamos de um desafio para ajudar e vamos, naturalmente, votar favoravelmente a Resolução que o Governo apresentou.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Nós vamos votar contra!

**O Orador:** Seria bom, no entanto, que houvesse, por vezes, mais vontade, ou uma vontade mais célere, de se deixarem ajudar.

Por exemplo, em relação ao gabinete dos Açores em Bruxelas, levámos mais de 10 anos a propor, até que o Governo Regional o aceitasse.

Esperemos que não se percam outros dez anos de defesa dos Açores em Bruxelas sem lhe dar o devido contexto, isto é, ser uma presença

direta da sociedade açoriana e da economia dos Açores junto das instâncias comunitárias.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Nos 42 anos de Autonomia e nos 32 anos de integração europeia passámos de nove ilhas separadas para uma Região.

Não tínhamos energia elétrica, não tínhamos portos, não tínhamos aeroportos, não tínhamos estradas, não tínhamos hospitais e centros de saúde.

Agora temos a infraestrutura, mas faltam-nos ainda muitos resultados.

Os apoios europeus, geridos em Autonomia política, obrigavam a outra ambição.

A Europa ajudou-nos, o dinheiro fez obra, mas muitas das nossas políticas falharam. E não entendam isto apenas como uma crítica à atual governação. Falei de 42 anos de vivência autonómica.

De forma tristemente eloquente, temos a Educação como o nosso maior falhanço e por isso não nos libertámos verdadeiramente como povo. Não desenvolvemos o potencial de todos e cada um dos Açorianos.

Por isso, para comemorar os 50 anos da Autonomia de cabeça erguida, entendo que devemos ter na Educação a prioridade das prioridades, como já referi.

No falhanço da Educação nos Açores podemos encontrar muitas das razões para que a igualdade de oportunidades continue a faltar.

Continuamos, infelizmente, a ter os piores indicadores na pobreza, na exclusão, na violência doméstica, nas dependências, na gravidez precoce, no insucesso e abandono escolar. Uma sociedade fragilizada, portanto.

Custa dizê-lo, custa assumi-lo, mas temos de o enfrentar.

Pessoalmente nunca tive funções executivas no âmbito regional,...

**Deputada Mónica Rocha (PS):** Graças a Deus!

**O Orador:** ... mas como cidadão, como responsável político...

Repito: pessoalmente nunca tive funções executivas no âmbito regional,...

**Deputada Mónica Rocha (PS):** Graças a Deus!

**O Orador:** ... mas como cidadão, como responsável político sinto-me também parte deste problema e sinto também que não tenho sido capaz de o ajudar a resolver.

Negá-lo, fechar os olhos, iludir a realidade, não resolve o problema.

E o problema é gravíssimo, pelo menos para quem tem consciência de que isto não é uma brincadeira.

Vamos falar das perspetivas financeiras, vamos falar da Autonomia, vamos comemorar mais apoios e fundos e vamos celebrar os 50 anos de Autonomia.



Mas, em 2026, só teremos razões justas para celebrar se ultrapassarmos, nos próximos oito anos, os falhanços que não resolvemos em 42.

A Autonomia deveria puxar-nos para cima em relação a Portugal e à Europa, mas algumas políticas puxaram os Açores para trás.

Para além de uma mudança profunda em relação às políticas educativas – para o que disponibilizamos, desde já e está à disposição de todos, o nosso programa eleitoral elaborado pelo investigador Francisco Simões e que, estamos convictos, poderia ajudar muito a ultrapassar esta situação –, entendemos que, no que toca às verbas comunitárias propriamente ditas, o objetivo global deverá ser a coesão social e territorial.

A modelação territorial e sectorial dos apoios deve reconhecer as necessidades e potencialidade de cada ilha e de cada setor.

Temos de incentivar de forma diferente e mais forte o investimento, o empreendedorismo e a empregabilidade nas zonas das nossas ilhas – e temos zonas dessas em todas as ilhas – onde se registam maiores dificuldades de fixação de pessoas e onde cresce a desertificação humana e o envelhecimento populacional.

Para a verdadeira coesão territorial temos de organizar um programa de combate à insularidade e dupla insularidade com uma visão global dos transportes aéreos, marítimos e terrestres.

Um verdadeiro projeto de continuidade territorial externa e interna que englobe as infraestruturas, os meios aéreos, marítimos e terrestres e a logística subsequente.

Nos 50 anos da Autonomia devemos querer comemorar uma Educação que nos puxe para cima e promova a coesão social, e um programa de incentivos modelado às diferentes realidades de todas as parcelas do arquipélago, associado a um sistema logístico de transporte que assegure verdadeiramente a coesão territorial.

Sra. Presidente, Srs. Deputados:

Isto que fiz é falar da Europa pós-2020 e da comemoração dos 50 anos de Autonomia.

É já amanhã.

Disse.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A Europa hoje encontra-se no limiar de um novo tempo. A crise financeira e económica à escala mundial, que teve início em 2008 nos Estados Unidos, abalou profundamente a Europa, fazendo emergir um período de incerteza dentro das suas fronteiras, quanto à

concretização da união política e à convergência económica e social dos seus povos.

Uma década depois, sem que a crise económica esteja ainda ultrapassada, a União Europeia é hoje, também, confrontada com novas problemáticas que preenchem o horizonte do seu caminho. A saída da Grã-Bretanha, os problemas das migrações, a ascensão dos populismos e as ameaças internas e externas à segurança, constituem encruzilhadas que temos hoje, conjuntamente, o desígnio de solidariamente ultrapassar.

Neste contexto de incerteza, na procura de soluções de futuro, a União Europeia manifesta, também hoje, uma predisposição para encontrar soluções que possam garantir uma maior proximidade e democraticidade no seu funcionamento, bem como nos seus processos de decisão.

Neste quadro, termos uma opinião sobre o desenvolvimento da união monetária, termos uma opinião sobre a constituição do Fundo Monetário Europeu, termos uma opinião sobre os modelos de competência no quadro das instituições e da integração comunitária, termos uma opinião quanto às prioridades a estabelecer na política de segurança comum, das migrações e da convergência económica e social é, para o CDS, um dever de pronúncia sobre o qual, esta assembleia, não pode nem deve abster-se e, muito menos demitir-se, de responsabilmente considerar.

Está em causa o nosso futuro coletivo e não há razão maior do que esta que seja mais legitimadora do lugar que todos aqui ocupamos. É

neste contexto que este parlamento deve olhar para a construção europeia, porque é, por este caminho, que a Europa procura hoje o sentido do seu novo futuro.

Nesse sentido, felicito-o a si, Senhor Secretário, por ter trazido a esta casa, e presumo que pela primeira vez, este debate sobre esta temática e com este objetivo.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Estamos a chegar ao fim de duas décadas em que foram disponibilizados à região avultados montantes financeiros de fundos comunitários sem que conseguíssemos alavancar a nossa competitividade.

A nossa agricultura e as nossas pescas continuam, infelizmente, num desesperante e agonizante estado de dependência de financiamento. O nosso emprego continua a ser de baixos salários e cada vez mais precário. Os estágios continuam a ser a única resposta que damos à nossa juventude. A aposta na investigação e a na inovação têm sempre um princípio anunciado, mas o que a realidade demonstra é o êxodo dos nossos mais bem preparados. O acesso à saúde que é cada vez mais declarado, mas é para os açorianos cada vez mais distante. Os transportes que são ciclicamente anunciados como pensados em rede continuam sem responder de forma integrada às nossas necessidades. As políticas sociais continuam sem se refletirem nas condições de vida de açorianos e o progresso, cada vez mais proclamado, não nos retirou da cauda dos índices de desenvolvimento

e coesão e não consegue responder às graves situações de pobreza na região e por todos reconhecida.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário:

Portugal como Estado-membro e os Açores como Região Ultraperiférica da União Europeia não podem perder poder político e negocial no quadro dos novos desafios comunitários.

Importa hoje, mais do que nunca, saber o que queremos ser enquanto região e enquanto país, para com responsabilidade podermos construir o futuro de todos nós.

Os Açores precisam de um novo paradigma de políticas públicas que nos conduzam ao desenvolvimento económico e a percorrermos o caminho da convergência europeia.

Este caminho tem dois sentidos. Só dando podemos receber. Só contribuindo podemos requerer. Não podemos deixar de, enquanto açorianos, enquanto portugueses, enquanto europeus, nos pronunciarmos sobre os desafios a que solidariamente temos de responder.

Que nenhum desafio da Europa não seja nesta Casa tido como nosso. No dia em que não assumirmos as nossas responsabilidades perante a construção europeia, abdicaremos, inevitavelmente, de reivindicar os nossos direitos. Faltar-nos-ia o essencial: a legitimidade de quem se sente parte.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O CDS entende que a Europa e os seus desafios futuros constituem um dos eixos que mais justificariam um compromisso dos partidos democráticos e europeístas deste parlamento, e estará, sempre disponível, responsabilmente, para afirmar os interesses do nosso povo e da nossa região.

Estamos e estaremos disponíveis para construir o futuro.

Os Açores precisam de uma nova esperança.

Muito obrigado.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do CDS-PP)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado José San-Bento.

**(\*) Deputado José San-Bento (PS):** Sra. Presidente da Assembleia, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Queria, em primeiro lugar, felicitar o Governo e dar os parabéns ao Sr. Secretário pela oportunidade e pelo mérito desta iniciativa que permite a todos manifestar, sem prejuízo daquilo que também vamos discutir no âmbito da Resolução, a posição sobre estas questões importantes relacionadas com o futuro da Europa, o cenário pós 2020. Não escondemos também a nossa satisfação e o nosso orgulho em podermos participar neste debate. Uma Região como os Açores, com 250 mil habitantes, e que tem a oportunidade, como tem sido prática

dos Governos dos Açores, de manifestar e de influenciar a construção europeia.

Esta iniciativa do Governo tem, para nós, um duplo significado. Por um lado, convoca-nos para um debate exigente e para a definição de uma posição clara de defesa dos interesses dos Açores, e o PS olha para este debate tendo em conta o futuro, não lamentando o passado, como outros já aqui fizeram, e, por outro, representa uma oportunidade de construir um consenso em torno da defesa do desenvolvimento dos Açores e do bem-estar dos açorianos.

Debater o futuro da União Europeia pós 2020 é já possível de deslumbrar no Plano Europeu (que eu também não gostaria de deixar passar aqui) a existência de duas visões distintas sobre esse futuro.

Por um lado, os que querem reforçar o Orçamento da União Europeia, por forma a esta manter a sua dimensão política e a sua identidade com políticas solidárias (como é o caso da política de coesão, como é o caso da Política Agrícola Comum, da política das pescas) e também de forma a integrar as novas exigências dos cidadãos europeus ao nível da segurança, das migrações, das alterações climáticas, do combate ao terrorismo entre outros aspetos (este é um grupo que tem essa visão) e também um outro grupo que quer manter as contribuições nacionais para o orçamento comunitário e com isso significa o corte dessas políticas que são, do nosso ponto de vista, identitárias do projeto europeu, até porque há necessidade de financiar novas prioridades que os cidadãos impõem à Europa e também acomodar o fim da contribuição do Reino Unido.

Portanto, para nós, o maior orçamento comunitário representa uma maior união e mais Europa e achamos que os cidadãos europeus e o mundo precisam de mais Europa e nós estamos à vontade para o afirmar.

Ao contrário de outros nós não temos o hábito de considerar que tudo o que corre bem nos Açores se deve a nós e que tudo o que corre mal é culpa da União Europeia. Não é esta (nunca foi!) a postura do Partido Socialista.

Pelo contrário, nós temos consciência que em grande medida aquilo que corre bem nos Açores se deve à solidariedade europeia e nacional e à nossa participação ativa na União Europeia, por isso acreditamos na Europa, no futuro da Europa e na nossa participação e no contributo que nós devemos dar para este futuro.

E neste sentido queria enaltecer, salientar e sublinhar a liderança que o Governo Regional tem tido, de há muito tempo a esta parte, de envolver toda a sociedade açoriana na consensualização da posição dos Açores sobre o futuro da política europeia pós 2020.

Foi impressionante esse trabalho. Vários colegas do Partido Socialista, inclusive eu próprio, participámos nestas iniciativas, com cinco oficinas, três conferências e muitas outras iniciativas em que envolvemos toda a sociedade açoriana e isso tem que ficar bem claro.

Eu destacaria, por imperativos de tempo, a Associação de Municípios dos Açores, as três Câmaras de Comércio, a Federação Agrícola dos Açores, a Federação das Pescas, a Universidade dos Açores, a AICOPA, a UGT, a CGTP, o INOVA, as Escolas Profissionais,



diversas empresas, entre muitas outras oportunidades, inclusivamente representantes de todos os partidos políticos.

Portanto, houve esta oportunidade e esta preocupação de envolver todos.

Também é bom que se diga que quem participou nesses trabalhos ficou com a ideia clara que os Açores (eu acho que nunca participaram) seguramente não participam nesta fase, neste processo, como alguém que está de “chapéu na mão”. Isso não corresponde de forma alguma à verdade.

Os Açores têm uma importância muito grande no plano europeu. As Regiões Ultraperiféricas representam uma área muito significativa da zona marítima da Europa.

Os Açores têm uma dimensão atlântica que é um grande atributo para a construção europeia e grande parte do futuro da Europa e do futuro dos Açores vai passar pelo mar e pela exploração do oceano profundo ao nível de vários setores de ponta: ao nível científico, como o da exploração do mar profundo, da exploração espacial e ao nível de muitas outras questões que têm a ver com uma posição geoestratégica muito particular e que é hoje vista fora da visão clássica e militar. Também aquilo que tem a ver com uma outra dimensão, que é uma dimensão relacionada com o tradicional universalismo português e no qual os Açores também naturalmente se inserem como uma Região que tem capacidade de diálogo com muitas regiões do mundo, que é uma ponte na relação transatlântica. Isso são tudo aspetos cada vez mais valorizados na construção

européia e, por isso mesmo, são cada vez mais atributos que os Açores podem dar à União Europeia. Aliás, isso é reconhecimento pelas mais altas instâncias Europeias.

Portanto, perante esta questão que alguns colocam, se nós devemos diminuir a ambição ou aumentar os recursos, para nós a resposta é clara: nós temos que reforçar a dimensão política do projeto europeu, nós temos que manter a política de coesão como uma das grandes prioridades e o princípio da convergência. Isto significa que há um caminho difícil, como também foi aqui muito bem salientado pelo Sr. Secretário, que é necessário percorrer, mas nós temos que percorrer e nós temos que ter obviamente sempre em linha, como o Governo tem tido, esta preocupação, como foi aqui dito pelo PSD, de sabermos utilizar o Estatuto da Região Ultraperiférica, e nós estamos à vontade. Foi com o Governo Regional do PS e foi com o Governo da República do PS que se conseguiu consagrar no Tratado da União esse reconhecimento...

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... mas nós não podemos eximirnos das nossas responsabilidades a outros níveis, Sr. Secretário, e aqui queria também saudá-lo, porque esta prioridade e este enfâse que o Deputado Duarte Freitas aqui manifestou é correta, mas na minha opinião não é totalmente adequada e é incompleta, porque os Açores não podem deixar de manifestar a sua posição e a sua visão ao nível das outras políticas, nomeadamente porque nós, como é óbvio, e já o afirmei aqui várias vezes, temos que proceder a uma coesão nos

Açores em três planos: uma coesão territorial onde obviamente as infraestruturas e os transportes são fundamentais, uma coesão social onde diversos equipamentos sociais, como hospitais, centros de saúde e outros equipamentos de apoio à família, crianças e idosos são muito importantes, mas também a coesão económica, a coesão que permite que nós possamos conciliar os setores tradicionais da nossa economia com a inovação e competitividade que também já caracterizam uma parte muito importante da nossa realidade económica.

Portanto, é necessário os Açores terem esta perspetiva sempre presente.

Nós temos consciência que o nosso sucesso se deve também ao sucesso das políticas europeias, como eu já aqui referi, e por isso o futuro dos Açores depende de forma decisiva do futuro da União Europeia,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isso é que é mau!

**O Orador:** ... por isso é que é fundamental os Açores serem uma daquelas vozes que defendem a dimensão política da Europa e não qualquer tipo de regressão que possa fazer a Europa caminhar no sentido apenas de uma União aduaneira.

Portanto, é muito importante nós salientarmos esses aspetos e por isso nós também consideramos que quer a solidariedade europeia, quer a solidariedade nacional, são fundamentais porque conferem estabilidade e a previsibilidade que são fundamentais para nós encetarmos mais um ciclo de desenvolvimento dos Açores e neste sentido este debate é realmente da maior importância.

Por isso nós queremos destacar, sem prejuízo de tudo o que debateremos aquando da Proposta de Resolução, que nós temos que ter uma posição, como o Governo tem feito, e muito bem, de defesa do Estatuto das Regiões Ultraperiféricas, de defesa do nosso setor primário, como também tem feito vários partidos e destacaria aqui o PCP e o CDS que têm tido um papel também importante na defesa desses setores.

Isso implica que nós devemos ter também, como terceira questão, uma aposta no emprego, que é um aspeto que também preocupa todos os partidos, e essas questões têm que estar também presentes nesse debate.

Em quarto lugar, uma prioridade à qualificação, à ciência e à inovação, como o Bloco de Esquerda muitas vezes, aqui também tem salientado, para além de outros partidos, e também a defesa, como já referi, da política de coesão, o reforço, se possível da política de coesão, manter os níveis de financiamento do FEDER, do Fundo Social Europeu, que são essenciais para a identidade do processo de construção europeia e neste sentido também é justo salientar o papel que o Partido Social Democrata e a família política do Partido Social Democrata têm tido no plano europeu.

Isso é que nos permitirá ter uma posição que reforce aquilo que nós temos procurado fazer.

Não quero antecipar a discussão da Proposta de Resolução, mas o Sr. Secretário também falou nisso, é fundamental nós mantermos o montante de financiamento, é fundamental nós mantermos as taxas de

cofinanciamento, é fundamental nós utilizarmos o Estatuto de Região Ultraperiférica para dar força ao POSEI, para atenuar e corrigir as imperfeições que a Política Agrícola Comum tem tido. Portanto, é fundamental seguirmos este caminho, porque é desta forma que nós poderemos defender os Açores e já ao nível da regulamentação (mas isso será para sexta-feira) será também importante nós refletirmos sobre a necessidade do financiamento de infraestruturas e manutenção de infraestruturas, mas isso é um debate mais detalhado que não farei agora aqui.

Com estas medidas nós não estamos a defender apenas os interesses dos Açores, como já referi. Nós estamos também a assumir as nossas responsabilidades de apresentar a nossa opinião e a nossa visão sobre o futuro da Europa.

Este debate, Sras. e Srs. Deputados, deve ser também um debate que independentemente de nós, ao contrário do que já foi feito aqui, não concordarmos com a avaliação que foi feita ao nível do percurso que nós desenvolvemos até aqui, uma coisa nós queremos aqui esclarecer: Uma coisa são divergências internas sobre a utilização dos financiamentos comunitários e a leitura desses resultados; outra coisa bem diferente é o consenso desejável para o qual todos os partidos devem contribuir e que deve ser construído na Região para apoiar o Governo Regional na defesa dos interesses dos Açores em Bruxelas. O PS está perfeitamente à vontade para afirmar aqui esta diferença. No passado, como sabem, o Partido Socialista divergiu várias vezes dos Governos do PSD liderados pelo Dr. Mota Amaral.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Vamos ver se têm coragem de divergir do Governo de António Costa!

**O Orador:** Mas no essencial, sempre que esteve em causa o apoio para a defesa dos Açores, sempre que foi necessário os Governos do PSD e do Dr. Mota Amaral contarem com o amplo consenso nesta câmara para ajudar o Governo Regional a defender os interesses dos Açores, o Partido Socialista esteve sempre presente,...

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... esteve sempre na primeira linha do combate político, ao lado do PSD, ao lado do Dr. Mota Amaral.

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Muito bem!

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Até parece que nós não estávamos cá!

**O Orador:** Portanto, nós achamos, Sras. e Srs. Deputados, que é isto que os açorianos hoje esperam do PS com as responsabilidades do Governo e exigem da oposição neste Parlamento.

Muito obrigado.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O Sr. La Palice não teria feito melhor discurso!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Por iniciativa do Governo Regional, debate-se, hoje, nesta Casa, “A União Europeia Pós 2020”.

Apraz-nos registar esta evolução do Governo Regional e do Partido Socialista, pois, não vai muito longe o tempo em que estes – assessorados por PSD e CDS – lançavam impropérios, quando o Bloco de Esquerda (direta ou indiretamente) chamava esses temas a debate.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Mas o assessor agora é o Bloco de Esquerda!

**A Oradora:** Registamos, portanto, com agrado esta mudança.

Está, então, a Europa pós 2020 em equação. Lamentavelmente – mas como convém aos detentores do poder – este debate está, praticamente, circunscrito ao envelope financeiro.

É pena, pois a tão propalada EUROPA – da coesão económica e social e do desenvolvimento sustentado – não tem sido uma realidade. Bem pelo contrário: aquilo a que temos assistido é ao acelerar das desigualdades, seja no quadro do interior dos diversos países, seja entre países pobres e países ricos, numa permanente diferenciação.

E para esta constatação, não faltam elementos factuais. Vejamos alguns aspetos:

Em 2001, a balança de transação corrente, na Alemanha, tinha um saldo negativo de 7,2 mil milhões de euros e Portugal, igualmente negativo, de 13,9 mil milhões de euros.

Em 2015, a Alemanha teve um saldo positivo de 211,5 mil milhões de euros, na sua balança de transações correntes, enquanto Portugal teve um saldo positivo de 0,2 mil milhões de euros.

No acumulado de 2001 a 2015, a Alemanha apresenta 2, 003 biliões de euros (milhares de milhares de milhões de euros), enquanto Portugal apresenta um saldo negativo de 162,1 mil milhões de euros. Ora, aqui temos um bom exemplo da falsidade da tese da tão propalada “coesão”.

Mas os mesmos resultados podemos encontrar, na evolução da balança comercial.

No passado, os países financiavam-se junto do seu banco central; hoje, não é permitida essa prática, tal como não o é junto do Banco Central Europeu. Após Maastricht, os países em dificuldades são obrigados a financiar-se junto da banca comercial ou junto de fundos, pagando, para isso, juros agiotas.

Mas o mercado financeiro – nomeadamente, os bancos – pode ir financiar-se junto do BCE a juros mais baixos.

Com estas regras de financiamento, fica muito claro, quanto do dinheiro dos países – isto é, dos/as trabalhadores/as – é canalizado para benefício da grande finança. Calcula-se que, desde a ratificação do Tratado de Maastricht, só em juros, os países tenham pago cerca de 350 mil milhões de euros para a banca.



Portanto, a transferência de capital dos pobres para os ricos, dos países em dificuldades para a banca internacional, bem como o aumento de diferencial, entre os países mais e menos desenvolvidos, tem sido, de facto, a verdadeira realidade deste processo de construção europeia. Um processo que tem sido (para além de um promotor, não da convergência entre povos, regiões e países, mas, acima de tudo, de divergência) um compressor da prática democrática. São estes os seus traços identitários.

A falta de democracia, a proibição de participação dos povos neste processo de construção europeia, uma tremenda ausência de sustentabilidade democrática dos órgãos que dirigem a União – e até o próprio Parlamento Europeu é um gigante com pés de barro, cerceado de francos poderes de propositura e de fiscalização.

O ‘euro’ e os seus mecanismos de concretização são, na sua essência, geradores de desigualdade entre países e uma negação de qualquer vislumbre democrático.

Era isto – e não é pouco! – que deveríamos estar a debater. Mas não, estes assuntos são tabu e tudo segue em frente, mesmo sabendo todos/as nós que esta construção europeia é a semente, onde prolifera o conservadorismo, os nacionalismos arrebatados e o crescimento exponencial da extrema direita, nazi/fascista, mesmo que travestida de outras vestes.

Bom, mas, neste momento, podemos, enfim, debater alguma coisa, a saber, apenas e só, o envelope financeiro no pós 2020.

Ora, mantendo-se as regras do passado, o envelope financeiro será reduzido, em relação ao quadro anterior. O culpado desta situação é sobretudo o Brexit.

Está montado todo um cenário para um autêntico festival de pretensos debates sobre o futuro europeu. Mas, no fundo, todos estes debates se resumem a mais uma décima ou duas de contribuição dos Estados membros.

**Deputado José San-Bento (PS):** Isso não é rigoroso!

**A Oradora:** António Costa, Primeiro-Ministro, tenta tomar a dianteira e avança, com propostas que, apesar de velhas, mantêm-se pertinentes, como é o caso da reprivatização da taxa Tobin.

Não podemos estar mais de acordo que são necessários muitos e muitos mais meios, para cumprir, minimamente, a retórica europeia da 'coesão' e do 'desenvolvimento harmonioso e sustentado da União'.

Investimento na economia (em particular, dos países menos desenvolvidos) e investimento no social, nas suas diversas dimensões.

Tudo isto é crucial – dizemos nós e muito mais gente que olha para esta Europa em desagregação.

Mas este intuito – simples, óbvio e urgente – é combatido, ferozmente, pelo desígnio dos poderosos que têm nas mãos os comandos do processo europeu.

No entanto, no meio desta corrida às declarações e retóricas do momento, temos um elefante, na sala de porcelanas e de que ninguém ousa falar abertamente.

Chama-se "exército europeu", o qual, eufemisticamente, dá pelo nome de Cooperação Estruturada Permanente.

Por fim, o grande desígnio da Alemanha começa a tomar forma, isto é, aliar ao seu potencial económico a capacidade militar, assim atrelando toda a Europa ao seu projeto hegemónico.

Este é o verdadeiro elefante que vai, na prática, consumir rios de dinheiro – dinheiro que tanta falta faz aos povos da Europa.

Nesta matéria, o melhor que podemos ouvir a diversos líderes políticos são coisas do tipo: temos o Brexit e outras responsabilidades novas que a Europa vai assumir.

Mais uma vez, os interesses estratégicos da Alemanha, em Aliança com a França de Macron, se sobrepõem aos interesses dos povos da Europa.

É esta a verdadeira razão do regatear de verbas, nos corredores da Europa. O Brexit – que não deixa de ser um facto – serve como o pretexto útil, no sentido de preparar a opinião pública para que, na melhor das hipóteses, tudo o que será possível é manter-se o nível de fundos do quadro anterior, ou um qualquer aumento sem relevância.

Acompanhamos as reivindicações açorianas de reforço, a sério, de fundos europeus, nomeadamente em áreas como a agricultura e pescas, que tanto têm sido castigadas com as políticas europeias.

No caso concreto do leite, a concretizarem-se as estimativas de aumento da produção, a curto prazo, adensam-se, de forma preocupante, as más previsões para a economia regional e para os nossos produtores.

Mas se nos cabe a nós, Açorianos/as, pugnar pela defesa dos nossos interesses e, em especial, aos órgãos de governo próprio dos Açores tudo fazerem para esse objetivo, não pode o Bloco de Esquerda deixar de salientar, neste momento, o atraso que se verifica, na alteração do nosso Estatuto Político-Administrativo.

Desde 2016 que o Bloco de Esquerda apresentou propostas concretas de alteração para que, no que concerne aos Tratados Internacionais, a Região tenha um papel decisivo, naquilo que a nós diz respeito, nas matérias destes acordos.

Não podemos continuar a ser como uma espécie de lobby, perante qualquer governo da República; nos Tratados Internacionais, temos de estar de corpo inteiro, naquilo que nos diz respeito.

No sentido de pôr cobro a este atraso, o Bloco de Esquerda anuncia, desde já que, no quadro da Comissão Parlamentar Eventual para a Reforma da Autonomia – em exercício, presume-se – apresentará, formalmente, as suas propostas concretas para a efetiva alteração do nosso Estatuto, durante o próximo mês de março.

Porque – Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo – na nossa opinião, não podemos debater os Açores, na política europeia, sem colocar em equação os maiores trunfos dos Açores: falo, obviamente, da nossa posição geoestratégica e do Mar.

Infelizmente, estas mais-valias não são utilizadas, de forma potenciadora, pelo Governo Regional.

Enredado, por vontade própria, na linha estratégica do Governo da República – no que às questões militares diz respeito –, e com o apoio

entusiástico da direita, capitulou na transformação da Base das Lajes e do Porto da Praia da Vitória, num forte pilar para um novo paradigma da nossa economia, como seja o HUB marítimo e aéreo.

Contenta-se com algumas das migalhas que sobram do futuro empreendimento militar, o qual (desenganem-se os saudosistas) não terá, jamais, o relevo do passado.

No Mar, claudicou perante o Governo da República, quer no que diz respeito à alteração da Lei do Mar (a qual concentra todo o poder de decisão sobre o nosso mar e as suas riquezas, no Terreiro do Paço), quer no que concerne à instalação de um Centro Internacional de Investigação, com envergadura para passar a ser um pilar de uma nova economia, ao invés de uma estrutura de apoio a quem nos vier cá buscar as nossas riquezas.

Estas cedências impedem-nos, hoje, de ter outra força, outra capacidade de reivindicar um lugar diferente e mais forte, no contexto da discussão do novo Quadro Comunitário e empurra-nos – sempre e sempre – para o festejo das migalhas.

Para o Bloco de Esquerda, não há batalhas perdidas, no que diz respeito a trabalhar para uma economia moderna, na nossa Região, que atraia jovens, inteligência e empresas de maior valor acrescentado. E, também por isso, quero anunciar aqui que, em março próximo, entregaremos ao Governo Regional e à Comissão Parlamentar Eventual para a Reforma da Autonomia, a nossa proposta de alteração à chamada Lei do Mar.

Neste combate pelos fundos europeus, não deixaremos de nos juntar a todos/as que pugnem, no atual quadro, pela melhor defesa dos Açores mas, como queremos mais para os Açores, como DE FACTO colocamos "os Açores primeiro", não deixaremos de lutar por aquilo que outros já prometeram e, afinal, já esqueceram.

Disse.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada. Informo que o Bloco de Esquerda esgotou o seu tempo para o debate.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado António Almeida.

**Deputado António Almeida (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A construção da União Europeia é, em si própria, e nos seus nobres propósitos, um projeto de coesão económica e social, sustentado num território marcado pela diversidade dos seus recursos endógenos, das suas economias, da cultura e da história dos seus povos e na forma de pensar das suas gentes.

Cinco anos depois de seis países terem firmado o Tratado de Roma, nasce em 1962, a Política Agrícola Comum com dois objetivos: proporcionar aos cidadãos da União Europeia alimentos a preços acessíveis e assegurar um nível de vida equitativo aos agricultores.

Evoluiu da escassez à abundância de alimentos, ao desafio da sustentabilidade e do ambiente e mais recentemente ao papel dos agricultores no contexto do desenvolvimento rural.

Com a adesão sucessiva de diversos estados membros e com os acordos de globalização do comércio, a PAC nem sempre foi uma política coerente junto dos agricultores ou dos demais cidadãos.

Dos que consideravam a afetação exagerada de financiamento (embora exigindo mais qualidade e menor preço) aos que, cumprindo com as exigências e condicionados pelos financiamentos públicos caminhavam num sentido, para logo depois terem de aceitar o seu contrário.

Foi assim com as quotas leiteiras num equilíbrio entre produção e o mercado e o seu contrário com a liberalização da produção, ora também limitada por critérios subjetivos aos interesses de cada indústria.

Apesar dos instrumentos financeiros disponibilizados na União Europeia e dos critérios exigentes em condicionalidade ambiental e de elegibilidade para os apoios públicos a par do sistemático objetivo na redução do peso orçamental da Agricultura no orçamento da União Europeia, os cidadãos europeus vêm exigindo ao setor agrícola e aos agricultores um vasto conjunto de serviços, de diferente natureza, que não são pagos na proporção dos seus custos e nos evidentes benefícios para toda a sociedade.

Chega a ser humilhante ter uma política restritiva junto dos agricultores e da agroindústria na União Europeia, por respeito aos interesses dos consumidores e observar a permissão na entrada no espaço europeu de produtos que incorporam transgénicos, produzidos em países que em nada respeitam o ambiente, nem os direitos sociais

dos agricultores e dos trabalhadores agrícolas, da agroindústria e dos serviços, a preços tremendamente concorrenciais e desonestos para a Agricultura e para o Desenvolvimento Rural europeus.

Chegamos novamente ao debate periódico europeu, agora em circunstâncias diferentes.

O impacto da ameaça na redução do orçamento da União Europeia por via da saída do Reino Unido, mas também do impacto das alterações climáticas (à escala global) e do acentuar das preocupações na preservação ambiental, criam ainda maiores desafios.

Nesta matéria o mundo também se move com grande incoerência: querem menos terra arável, menos atividade agrícola, mais terra disponível para garantir a biodiversidade, menor utilização de fertilizantes e de fitofármacos e, por outro lado, os mesmos interlocutores precisam de mais alimentos (com as projeções de crescimento da população mundial a alimentar), de produtos mais baratos, mas ainda com maior qualidade, e com um grau maior de normalização e que respeitem um vasto número de requisitos, com custos de produção mais elevados.

Cada vez que lemos os documentos produzidos pelas instituições europeias versando o futuro da PAC ficamos entusiasmados: é agora que vamos ter uma política orientadora, que vai respeitar o rendimento dos agricultores, valorizar os seus produtos e serviços e “pôr na ordem” a grande distribuição que, legitimada na política de preços baixos junto dos seus clientes, esmaga a viabilidade da



economia agrícola no país ou na região onde desenvolvem a sua própria atividade comercial.

Uma visão responsável dos Açores sobre as políticas da União Europeia não resulta de uma estratégia de quem pede, mas sim de quem participa no projeto europeu de corpo inteiro, parceiro certamente, mas num quadro institucional próprio que tem de estar na primeira linha do discurso político nacional e regional.

Se o investimento público e o apoio ao investimento privado não se basearem no princípio da criação de condições de sustentabilidade da economia e da criação autónoma de emprego, poderemos estar a construir uma sociedade de dependência contributiva que em algum momento pode obter o descrédito de quem financia.

É responsável questionarmo-nos agora, após diversos quadros comunitários de apoio e com muitos milhões atribuídos pela União Europeia, por que razão se afirma que 60% das explorações leiteiras dos Açores estão em falência, por que delapidamos a nossa indústria transformadora nas fileiras da diversificação quando sucessivos governos inscreviam medidas que nunca atingiam os objetivos determinados, por que razão as indústrias disputam os mesmos mercados com os mesmos produtos por via da redução de preços, por que razão os agricultores reclamam apoios públicos para impedir a quebra de rendimento?

**Deputado Marco Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Devemos ou não estar preocupados com financiamento público a empresas privadas sem viabilidade técnica, económica e

financeira, sobredimensionadas para o mercado onde se inserem, desarticuladas de políticas integradas ou inexistentes e com estudos de mercado virtuais?

Devemos ou não estar apreensivos quando a emergência é mais importante do que o planeamento!

A história da nossa participação no projeto europeu permitiu, sem dúvida, modernizar a nossa economia, aumentar e qualificar as nossas produções, e nossos profissionais, construir infraestruturas e adquirir máquinas e equipamentos, mas também o aumento da dependência de recursos públicos.

Com os instrumentos que foram disponibilizados e os critérios condicionantes importa enaltecer o desempenho de agricultores, pescadores e empresários que contribuíram certamente para a evolução da nossa economia regional.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

O governo português, representante formal do Estado Membro, e, por conseguinte, dos Açores e da Madeira, não pode exigir das instâncias da União Europeia a aplicação do princípio da subsidiariedade e esquecer-se de o assumir com as suas regiões autónomas, ainda mais quando estas são reconhecidas como regiões ultraperiféricas e têm direito a discriminação positiva nas políticas económicas e sociais que o próprio Estado representa.

Por outro lado, o governo dos Açores tem de investir muito mais na informação e na formação dos açorianos numa cidadania europeia

participativa e não na cidadania consumada, abrangendo nessa estratégia os destinatários finais, os açorianos e os empresários, estimulando em cada ilha a participação dos açorianos no seu próprio desenvolvimento.

Esconder os Açores a pretexto da sua reduzida dimensão económica, social e territorial dos desafios que tem de enfrentar no futuro é hipotecar a sustentabilidade das novas gerações.

Estimular o uso de tecnologias modernas, encorajar jovens a serem agricultores, integrar as preocupações dos cidadãos quanto à produção agrícola sustentável, saúde, nutrição, desperdício e bem-estar animal, e a criação de uma plataforma de gestão do risco para apoiar os agricultores no comércio e no impacto da volatilidade dos preços, bem como a simplificação administrativa e política, são objetivos desta revisão da PAC pós 2020 e devem aplicar-se nos Açores.

Se quisermos participar ativamente neste debate europeu e na regulamentação das suas políticas temos de saber que economia e sociedade queremos nos Açores nas próximas décadas.

Queremos agricultores a fazer fila para se inscreverem nas candidaturas aos apoios da União Europeia num programa de “Rendimento Social Garantido Agrícola” ou queremos empresários agrícolas prestadores de serviços rurais na produção de produtos agrícolas diferenciados,...

**Deputado Duarte Freitas (PSD):**Muito bem!

**O Orador:** ... procurados pelos mercados que querem pagar o justo valor,...

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. Deputado.

**O Orador:** ... que sejam reconhecidos e pagos como respeitadores do ambiente e da paisagem e que persistem em habitar nas freguesias rurais, mantendo esses territórios vivos como a marca identitária dos Açores.

Termino já, Sra. Presidente.

Num cenário de contenção ou de crescimento orçamental europeu junto dos Açores será obrigatório fazer opções. Financiar tudo e todos pode resultar em deixar todos mal, em vez de apoiar o potencial endógeno de cada ilha, de cada empresa ou instituição ou de cada açoriano.

A União Europeia reconheceu direitos aos Açores. Temos também o dever de mostrar à União Europeia que somos capazes de utilizar os recursos financeiros e a discriminação positiva a favor do desenvolvimento sustentável e não de uma economia dependente das finanças públicas

Coesão não é financiar todos de forma igual, mas sim apostar na valorização que cada europeu que vive nos Açores oferece ao mundo.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem!

Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado José San-Bento.

(\*) **Deputado José San-Bento (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Uma pequena intervenção apenas para responder ao Sr. Deputado António Almeida que decidiu, neste debate, concentrar-se essencialmente na PAC, e fez bem, atendendo à, como também salientei, enorme importância que esta política tem na Europa, no orçamento comunitário e também nos Açores.

**Deputado Marco Costa (PSD):** Ele disse “nalgumas ilhas”!

**O Orador:** Portanto, naturalmente que é um tema que deve ser abordado nestas questões. Infelizmente, ainda mais agora com o PSD sem tempo, este não é o momento mais propício e mais estimulante para termos aqui um debate mais profundo, mas certamente que vamos ter esta oportunidade, mas não queria deixar de fazer duas referências, Sr. Deputado.

Em relação à PAC, é verdade que as últimas reformas deste importante instrumento de apoio à agricultura, na Europa, particularmente também nos Açores, têm seguido um caminho de liberalização que não tem sido do nosso agrado e o Partido Socialista, o Governo e o Sr. Secretário da Agricultura, e também o Governo nacional, têm manifestado essa posição.

Infelizmente no passado não foi sempre assim, mas isso tem acontecido ao nível do próprio Estado português, porque nós não

podemos aceitar que uma política que faz parte do projeto fundacional da União Europeia esteja a ser descaracterizada no sentido de que está a beneficiar os países mais fortes, os países mais ricos, os países mais poderosos e os países com melhor localização geográfica do ponto de vista da Europa continental e da sua rede logística.

Por isso é que o Partido Socialista, Sr. Deputado António Almeida, como certamente reconhece, tem estado também sempre muito atento e na primeira linha de defesa, em primeiro lugar, de uma Política Agrícola Comum que permita o reforço do primeiro pilar que é aquilo que confere um complemento ao rendimento dos agricultores e também ao nível do segundo pilar que é aquilo que promove o apoio ao investimento e, no fundo, o desenvolvimento rural que também é fundamental para as nossas comunidades e para a nossa Região.

Por isso é que o Partido Socialista nunca hesitou nesta luta, que é uma luta difícil, como senhor muito bem sabe, mas é uma luta que nós nunca viramos a cara para defender a nossa agricultura e os nossos agricultores.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** E vamos continuar neste caminho, porque os agricultores já nos conhecem e sabem que certamente podem contar com outros partidos, podem votar noutros partidos, mas sabem que o Partido Socialista está sempre na primeira linha na defesa dos seus interesses.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** É assim que nós vamos continuar e foi desta forma que foi possível percorrermos um trajeto impressionante ao nível da modernização e de desenvolvimento da nossa agricultura e isso também deve ser aqui salientado.

Por último, apenas referir que independentemente de todas essas questões, o PS tem também procurado sempre, e aqui também volto a salientar o papel liderante que o Sr. Secretário da Agricultura tem tido, em procurar, através do Estatuto das Regiões Ultraperiféricas, e nomeadamente daquilo que esse Estatuto especial confere, nomeadamente o POSEI...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** É só asneiras no POSEI!

**O Orador:** ... e dizia, temos procurado utilizar esse estatuto, utilizar o instrumento do POSEI para reforçar os apoios aos nossos agricultores e para defender melhor ainda a nossa agricultura e nossos agricultores.

É isso que neste debate o PS também quer salientar e os agricultores sabem que podem contar connosco, contaram no passado e vão continuar a contar no futuro.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Vamos fazer um intervalo. Regressamos ao meio-dia.

*Eram 11 horas e 30 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, agradeço que ocupem os vossos lugares.

*Eram 12 horas e 08 minutos.*

Vamos dar continuidade ao nosso debate sobre a “União Europeia pós 2020”.

Está inscrito e dou a palavra ao Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (João Ponte):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Cara e Caros Membros do Governo:

A Política Agrícola Comum (PAC) constitui a resposta da União Europeia (UE) aos importantes desafios de garantir a segurança alimentar, o uso sustentável dos recursos naturais e o desenvolvimento equilibrado das zonas rurais europeias.

Almeja, assim, garantir um padrão de vida condigno para os agricultores e trabalhadores agrícolas europeus e uma cadeia alimentar estável, variada, segura e a preços acessíveis para os seus cidadãos.

No que diz respeito à agricultura açoriana, à economia e à população do arquipélago, a PAC tem uma importância fundamental,



contribuindo para a criação de emprego, o crescimento económico e para o seu desenvolvimento sustentável. No caso particular dos Açores a PAC tem uma importância acrescida, sobretudo devido à nossa condição ultraperiférica, que resulta em diversos constrangimentos e dificuldades adicionais face aos restantes parceiros e regiões continentais europeias.

Por outro lado, a PAC tem de continuar a ser um fator de dinamização da economia rural, contribuindo para um desenvolvimento territorial equilibrado e garantindo rendimentos adequados aos agricultores, fazendo com que a atividade agrícola continue a ser atrativa.

É verdade que os rendimentos dos agricultores não são os desejados, mas daí a afirmar-se que 60% das explorações estão em falência técnica, vai uma grande distância.

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Por isso é falso e dito desta forma por alguém com responsabilidades políticas, é irresponsável.

**Deputado António Almeida (PSD):** Quem? Quem? Algum parceiro social?

**O Orador:** Põe em causa a credibilidade de gestão dos nossos agricultores.

Afeta a imagem do setor agrícola e pode até agravar o risco de eventuais operações de financiamento bancário.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Mas quem é que disse isso?

**Deputado Paulo Parece (PSD):** Já estava escrito!

**O Orador:** Por isso e de modo a clarificar e acabar de uma vez por todas com essa questão dos 60% das explorações agrícolas que estão em falência técnica, o Governo Regional propôs, na última reunião do CALL, avançar com um estudo que avalie a sustentabilidade das explorações agrícolas.

O Governo dos Açores tem defendido sempre, sem hesitações e sem contradições, a necessidade imperativa de adequados envelopes financeiros, no âmbito da PAC, destinados às Regiões Ultraperiféricas (RUP) em geral e aos Açores em particular, para, em primeiro lugar, assegurar uma agricultura mais competitiva, combater a desertificação no meio rural e a sustentabilidade do setor agroflorestal. Em segundo lugar, para colmatar os gravosos desequilíbrios provocados por fatores e decisões alheias à Região e em relação às quais esta sempre demonstrou a sua discordância, e sempre deu respostas positivas a favor do setor e dos agricultores.

São exemplos disso o fim das quotas leiteiras e o embargo russo aos produtos lácteos europeus.

Estes são fatores que, nos últimos anos, fruto da nossa fragilidade face a parceiros de muito maior dimensão, têm condicionado muito negativamente não só o escoamento dos nossos produtos, especialmente os lácteos, mas também a sua valorização e consequentemente o rendimento dos agricultores, logo, a economia Açoriana.

Face a tudo isso é justo e é imperativo que o próximo orçamento da PAC seja capaz de dar resposta a estas questões.

Internamente fizemos o que nos competia. Trabalhamos em parceria com todos os parceiros do setor. Em julho passado lançamos a consulta pública para que todos os parceiros do setor pudessem dar a sua visão para a revisão da PAC. Recolhidos todos os contributos, desde logo da Federação Agrícola dos Açores, concluímos em dezembro um documento de diagnóstico e prospetivo, que contém de forma clara o que a Região defende e pretende para o futuro da PAC.

Trata-se de um documento que identifica os desafios e aponta caminhos e soluções às entidades nacionais e europeias relativamente à agricultura, à floresta e ao desenvolvimento rural para os Açores, reforçando a ação insubstituível da PAC para o nosso desenvolvimento económico e para a coesão social.

Ainda antes do final de 2017, o Governo dos Açores entregou em mãos ao Ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural os contributos dos Açores para a PAC pós 2020, onde defendemos, precisamente, uma PAC forte, que responda aos desafios da agricultura dos Açores no futuro. Uma PAC forte implica que não haja uma redução das verbas que neste momento estão alocadas à agricultura, pois apesar do desenvolvimento alcançado nos Açores, temos ainda um caminho a percorrer em matéria de convergência à Europa Comunitária.

A nossa situação arquipelágica, o clima, a distância aos mercados, a dimensão das nossas explorações, tudo isso se traduz em sobrecustos de produção, quando se compara com o resto do país ou com outros

Estados Membros. São esses sobrecustos que devem continuar a ser compensados pela União Europeia.

Por esta razão, Sr. Deputado António Almeida, os nossos agricultores continuarão a ter que dirigir-se aos postos de atendimento agrícola, para se candidatarem a essas ajudas.

A não ser que o Sr. Deputado pense o mesmo que pensam os dirigentes da FENALAC.

Importa implementar medidas de valorização da produção dos bens de valor acrescentado gerados pelo setor. É o caso do contributo para o ambiente, o clima, a alimentação saudável, o bem-estar animal e a proteção da biodiversidade. Reforçar o apoio à agricultura e aos agricultores das zonas com desvantagens naturais e reforçar medidas que privilegiem a adoção de modos de produção que façam uma utilização sustentável dos recursos naturais deve ser mais um desafio para a próxima PAC.

Será necessário reforçar os apoios ao investimento à inovação, à investigação e à transferências de conhecimentos para aumentar a atratividade e promover o rejuvenescimento do setor e garantir mais meios para a diversificação agrícola continuar a crescer.

**Deputada Mónica Rocha (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Competitividade, ambiente, clima, nutrição e bem-estar animal, o rendimento e a cadeia alimentar, sem esquecer a agricultura familiar e os jovens agricultores, são eixos estratégicos para a PAC no pós 2020 na ótica dos Açores.

Simultaneamente é necessário que a Comissão Europeia avence com medidas objetivas para a regulação de boas práticas, impedindo práticas desleais de comércio entre empresas da cadeia alimentar.

A melhoria da competitividade é outro dos aspetos a ter em conta na PAC pós 2020. Para tal, é necessário continuar a investir na modernização do setor, nas explorações, nas infraestruturas públicas para assegurar a rentabilidade das explorações e a manutenção da nossa agricultura.

Os Açores têm feito valer os seus argumentos em diferentes momentos e em diferentes fóruns. Temos tido a oportunidade de expô-los e creio que temos sido compreendidos.

Em dezembro passado, aquando de uma deslocação a Bruxelas, acompanhado pelo presidente da Federação Agrícola dos Açores, houve a oportunidade de entregar no gabinete do Comissário Europeu um memorando com os principais desafios para a agricultura nos Açores, no âmbito da revisão da Política Agrícola Comum (PAC) pós 2020.

Também no mês de janeiro, num encontro com o Ministro da Agricultura com os homólogos de Espanha e França, em Santa Cruz de Tenerife, marcada pelo debate sobre o futuro da Política Agrícola Comum e sobre a Agricultura nas Regiões Ultraperiféricas (RUP) da União Europeia (EU), participaram representantes dos Governos das RUP dos 3 países: Açores e Madeira, Ilhas Canárias, Guadalupe e Martinica. Ficou claro a união entre estas regiões ultraperiféricas em

torno de um POSEI, que permita dar resposta aos desafios da agricultura nestes territórios insulares.

O POSEI tem sido reconhecido como positivo pela Comissão Europeia, pois tem permitido uma resposta orientada aos desafios particulares da agricultura de cada região, através do seu papel de instrumento financeiro de apoio direto ao agricultor.

Para continuar a desenvolver a agricultura nos Açores é fundamental garantir a manutenção do programa e um reforço da sua dotação orçamental. Só, assim, será possível dar resposta às necessidades dos agricultores, aos aumentos das produções registadas nos últimos anos, ao desenvolvimento de novos regimes de ajuda ou ainda para garantir a competitividade do setor agroalimentar.

Este reforço orçamental visa ainda compensar os elevados sobrecustos a que estão expostas as fileiras agrícolas numa região fortemente marcada pelos constrangimentos permanentes que caracterizam as RUP.

Importa, ainda, que se assegure uma transição tranquila entre quadros comunitários de apoio, de modo a que não sejam interrompidos os apoios financeiros aos agricultores.

Por último, relembrar que a PAC, ao longo destes últimos 50 anos, foi respondendo de forma eficaz aos desafios da sociedade europeia, e para o período pós-2020 serão criadas novas aspirações.

Do objetivo inicial de segurança alimentar, à integração de objetivos ambientais, climáticos e territoriais, a PAC contribuirá como um fator de estabilidade num contexto de incerteza geopolítica e a para a

manutenção de um meio rural atrativo e com capacidade de inovação, determinado para a preservação da paisagem, do ambiente e para a fixação das populações.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Francisco César.

(\*) **Deputado Francisco César (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Este é talvez o tema com mais relevância para o futuro dos Açores nos próximos 10 anos.

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Discutimos aqui qual é o enquadramento que os Açores deverão ter no âmbito de futuras políticas que podem incluir, desde a agricultura, as pescas, o apoio à nossa economia, ao investimento privado, ao investimento público e o apoio à coesão social.

Portanto, se há assunto ou se há temática que deve merecer a maior das nossas atenções é esta.

**Deputados José San-Bento e Carlos Silva (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Foi essa a postura do Grupo Parlamentar do Partido Socialista no âmbito desta temática e sabemos também que foi essa a postura do Governo dos Açores no âmbito dessa preparação.

Por isso é que nós realizámos Jornadas Parlamentares sobre esta temática; por isso é que procurámos fazê-lo visitando instituições e empresas que tivessem relação direta com o impacto que os Fundos Comunitários e as Políticas Comunitárias têm na vida dos Açores; por

isso é que procurámos ouvir a sociedade civil, a sociedade civil organizada, a sociedade civil individual. Procurámos recolher os contributos destas personalidades.

Mas também participámos naquilo que foi o processo de auscultação realizado pelo Governo, desde o início,...

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... através de oficinas, através de debates públicos, fazendo aquilo que para nós é a obrigação de quem é representante do povo açoriano.

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isso é hipocrisia!

**O Orador:** Sei que também não foi só o Partido Socialista que participou neste processo de auscultação do Governo dos Açores. Sei também que os Deputados, alguns Deputados representantes de partidos aqui presentes, participaram, e bem, nesse processo de auscultação.

**Deputado Marco Costa (PSD):** Isso é outra discussão!

**O Orador:** Sabemos que o passo seguinte foi também bem feito, o passo de discutir aqui no Parlamento a estratégia para o futuro dos Açores no âmbito do Quadro Financeiro Plurianual.

Estamos a fazê-lo neste momento, no local certo. Vamos fazê-lo também no final desta semana com uma resolução do Governo dos Açores.

Mas o Grupo Parlamentar do Partido Socialista acha que essa discussão, que este processo de preparação do Quadro Financeiro



Plurianual 2030, como chamam na República, deve ser acompanhado, deve ser trabalhado também pelo Parlamento dos Açores.

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**O Orador:** É neste sentido que o Grupo Parlamentar pode anunciar que irá dar entrada um Projeto de Resolução com dispensa de exame em Comissão para que a Comissão de Economia, em coordenação com as restantes comissões deste Parlamento, possa acompanhar o processo de preparação deste Quadro Financeiro Plurianual...

**Deputados José San-Bento e Carlos Silva (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... e que o faça semestralmente ouvindo quem for necessário ouvir, o Governo nomeadamente, e elabore semestralmente um relatório de acompanhamento.

O Grupo Parlamentar achou que deveria ser, ou considerou que era importante que fosse a Comissão de Economia, pois é a Comissão de Economia que concentra em si a maior parte das temáticas que estão contidas no âmbito do Quadro Financeiro Plurianual e este trabalho deve ser feito não só pela Comissão, mas em coordenação com todas as restantes comissões do Parlamento.

**Deputados José San-Bento e Carlos Silva (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Nós acreditamos que este é mais um passo para que todos os protagonistas, todos os atores sociais, possam dar verdadeiramente um contributo e para que possamos, juntos, coligados, ter um poder de reivindicação junto de Bruxelas, para que aquelas que são as nossas verdadeiras necessidades possam ser ouvidas, possam ser escutadas, possam ser discutidas e possam,

enfim, ser materializadas naquilo que serão os Quadros Financeiros Plurianuais na próxima década.

**Voices de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Julgo não haver. Pergunto ao Sr. Secretário se é já para encerrar o debate? Então para encerrar o debate tem a palavra o Sr. Secretário Regional.

Para inscrição? A Mesa de momento não tem inscrições.

Sr. Vice-Presidente tem a palavra.

**(\*) Vice-Presidente do Governo (Sérgio Ávila):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Esta matéria que aqui hoje abordamos é de particular relevância no que concerne à definição do enquadramento futuro daquilo que é a política de coesão. E política de coesão é sem dúvida um dos grandes desígnios da União Europeia.

E se é o momento de perspetivarmos o futuro em termos de coesão, também penso que é o momento de afirmarmos que a nossa trajetória, em termos de coesão, é uma trajetória que reforça a oportunidade destas mesmas políticas de coesão.

Portanto, eu gostaria de lembrar que nos últimos 15 anos os Açores foram, no conjunto dos 15 anos, a única Região do país que convergiu para a média da União Europeia em termos de Produto Interno Bruto e geração de riqueza na Europa a 28.

Efetivamente neste período de 2000 a 2015 nós convergimos 1,6 pontos percentuais para a média da União Europeia, enquanto o conjunto do país divergiu 6,6 pontos percentuais e todas as outras regiões do país divergiram da média europeia.

Mas se analisarmos a Europa a 15, ou seja, os 15 países fundadores da União Europeia, os primeiros 15 países e aqueles com maior nível de desenvolvimento, esses dados são ainda mais relevantes.

Os Açores neste período dos últimos 15 anos convergiram 6,4 pontos percentuais para a média da União Europeia e o total do país divergiu 0,4 pontos percentuais.

Estes factos fazem com que a realidade e a nossa capacidade de não só reivindicar, mas defender a política de coesão, tem nos Açores um exemplo claro de que a política de coesão permite a convergência para os níveis médios de rendimento e de riqueza da União Europeia.

Esse dado ainda é particularmente relevante quando neste momento período nós conseguimos fazer este processo global de convergência

com os recursos que foram cumulativamente disponibilizados no âmbito da política de coesão.

Por isso a trajetória de convergência global deve ser algo que deve estar sempre como prioridade no âmbito da política europeia e por isso mesmo a política de coesão deve ser um instrumento fundamental da construção de uma União Europeia cada vez mais coesa, cada vez mais equilibrada e cada vez mais...

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Berto Messias*): Muito bem!

**O Orador:** ... justa com a aproximação dos níveis médios de rendimento e de criação de riqueza da União Europeia.

Nesta matéria, os Açores devem ser dados como exemplo de sucesso dessa política.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Pergunto se há mais inscrições?

Sr. Deputado Carlos Silva tem a palavra.

(\*) **Deputado Carlos Silva** (*PS*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, restantes Membros do Governo:

Este tema, de facto, é fundamental para o futuro dos Açores e esta discussão que temos aqui hoje é precedida de um conjunto amplo de um processo de auscultação, de envolvimento de todos os partidos políticos, dos parceiros sociais, de toda a sociedade civil e isso deve ser realçado e também deve ser realçada toda a liderança que o Governo Regional tem vindo a dar neste processo como um verdadeiro exemplo de transparência, de abertura ao diálogo, de forma a construir um futuro melhor para os açorianos e para os Açores.

Este debate sobre os desafios e as prioridades da Região Autónoma dos Açores no próximo Quadro Financeiro Plurianual é importante para o nosso futuro. É um instrumento fundamental de desenvolvimento económico e social e também fator de coesão social e territorial (isso também merece ser realçado) e o documento que também aqui de certa forma já foi abordado conta com os contributos dos vários partidos aqui presentes, dos parceiros sociais e da restante sociedade civil.

Também importa realçar que os Açores e a Região Autónoma dos Açores são das Regiões do país com a maior taxa de execução dos Fundos Comunitários, próxima dos 100% e isso é um fator positivo que deve ser tido em conta nas negociações que se perspetivam ainda. Por isso o Partido Socialista dos Açores entende que o pacote financeiro alocado à Região, mais do que mantido, deve ser reforçado tendo em conta as nossas características e as especificidades de uma

Região Ultraperiférica que somos, tendo em vista a dimensão marítima e sobretudo geográfica que nós damos à União Europeia.

É por isso que trago também aqui alguns dados e alguns indicadores para reflexão que de certa forma corroboram aquilo que foi abordado pelo Vice-Presidente.

O PIB per capita da Região Autónoma dos Açores, em comparação com a convergência da União Europeia a 28, demonstra que entre 2000 e 2016, enquanto Portugal divergiu da média europeia 6,1 pontos percentuais os Açores cresceram 2,4%...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Os Costa gosta disso!

**O Orador:** ... e convergiram em mais 1,6 pontos percentuais.

A título de exemplo importa também realçar um caso mais semelhante. A Região Autónoma da Madeira regrediu no mesmo período 1,1 pontos percentuais, enquanto os Açores saíram da cauda das regiões do país e estão já acima da Região Norte e Centro de Portugal.

Um outro indicador que é relevante e que deve ser realçado tem a ver com o rendimento disponível bruto per capita das famílias, o que demonstra a riqueza produzida nos Açores. E enquanto a média de Portugal, em 2015, este valor situava-se nos 11.658, a média dos Açores era superior em cerca 150 euros. Ou seja, no período entre 2000 e 2016, o aumento do rendimento disponível bruto das famílias por habitante aumentou 46% na Região Autónoma dos Açores, enquanto a média nacional aumentou apenas 37%.

Portanto, os dados demonstram que os Açores têm vindo a convergir face à média da União Europeia. Ainda não são os números que desejávamos, mas é um importante contributo para as negociações que se apresentam no futuro.

Há um trabalho realizado, há uma boa execução dos fundos comunitários e isso deve ser um fator determinante e um argumento a favor do reforço da dotação financeira do próximo Quadro Comunitário.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições para a participação no debate?

*(Pausa)*

Julgo não haver.

Sras. e Srs. Deputados, não havendo mais inscrições para participar no debate, então dou a palavra ao Sr. Secretário Regional para fazer o encerramento em nome do Governo. Tem a palavra, Sr. Secretário.

**(\*) Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas** (*Rui Bettencourt*): Sra. Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Gostaria aqui de realçar o lado consensual, de grande maturidade que foi dado a esta questão.

Nós achamos que esta maturidade, esta responsabilidade que foi colocada aqui para discutir uma questão tão estruturante para o nosso futuro pode ter um impacto muito positivo em duas direções:

A primeira direção é que os açorianos e as açorianas que estão a ver este debate, ou que podem ver este debate, ficam a saber que nós temos um debate político, sério, muito maduro, responsável, e nós ocupamo-nos (os políticos regionais ocupam-se a sério!), com aquilo que é o futuro dos Açores. Ficámos muito contentes pelo facto de o Governo ter despoletado este processo.

Também outro impacto tem a ver com as questões europeias. É importante também que os açorianos e açorianas vejam que as questões europeias não são questões lá longe, distantes, que não dizem respeito à vida do dia-a-dia, quando é o contrário.

As questões europeias e aquilo que andamos aqui a discutir são questões de grande proximidade, de grande impacto na vida das pessoas, na vida quotidiana das pessoas, na qualidade de vida das



peessoas, e isso é importante nesta consensualidade que houve aqui, mostrarmos aos açorianos e às açorianas que esta questão europeia é tão importante que nos leva a mantermo-nos de acordo, porque nós mantemo-nos de acordo quando as questões são fundamentais.

Deixava só aqui uma breve nota para encerrar, dizendo que esta consensualidade, o debate que foi aqui colocado, a importância que foi dada pelos partidos, evidentemente despoletada pelo Governo, ajuda-nos muito, dá-nos mais segurança na caminhada que vai vir daí. Nós temos uma caminhada a fazer. Para nós é importante também ver que o Parlamento irá assegurar a continuidade, irá ver com cuidado o que estamos a fazer, através da proposta que foi colocada aqui pelo Partido Socialista.

Portanto, nós teremos também nesta caminhada a segurança a que o Parlamento açoriano está a acompanhar, está a dar força, e, portanto, esta força para nós é muito importante naquilo que vai vir aí, evidentemente até que sejam definidas e depois todo o Quadro Plurianual Financeiro.

Em todo o caso deixava aqui uma saudação a todos os que participaram. Deixava aqui também o desejo que essa participação continue nesta questão tão fundamental.

Obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Secretário Regional.

Terminámos assim o primeiro ponto da nossa Agenda. Vamos dar continuidade aos nossos trabalhos.

Sr. Deputado Francisco César tem a palavra.

**Deputado Francisco César (PS):** Sra. Presidente, era para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental. Considerando o nosso horário vamos também fazer a nossa interrupção para o almoço. Regressamos às 15H00 para dar continuidade aos nossos trabalhos.

*Eram 12 horas e 35 minutos.*

**Presidente:** Boa tarde, Sras. e Srs. Deputados.

*Eram 15 horas e 11 minutos.*

Vamos dar continuidade aos nossos trabalhos. Ficou definido pela Conferência de Líderes, como é habitual, aliás, que o ponto dois seja debatido amanhã de manhã e o ponto três da Agenda seja debatido na quinta-feira de manhã.

Sendo assim, iniciamos os trabalhos esta tarde com o ponto quatro da Agenda: **Projeto de Resolução n.º 39/XI – «Alargamento dos**

**beneficiários do Programa “Berço de Emprego”», iniciativa apresentada pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista.**

Para apresentação da iniciativa tem a palavra a Sra. Deputada Sónia Nicolau.

**(\*) Deputada Sónia Nicolau (PS):** Sra. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

O Partido Socialista apresenta este Projeto de Resolução no âmbito daquela que também é a evolução da própria sociedade no respeitante à licença parental, quer a licença parental inicial, quer a licença parental partilhada.

Este Projeto de Resolução vai beber às origens do Programa “Berço de Emprego”, um programa que está em vigor desde 2008 pelo Governo Regional dos Açores, aliás, um programa que teve um assento como uma boa iniciativa europeia em Roma, em 2014.

Na prática, o “Berço de Emprego” atualmente em vigor, o que faz é que, todas as mulheres que em licença de maternidade, aquando da sua disponibilidade para a mesma licença, são substituídas por mulheres em subsídio de desemprego.

O que aqui nós estamos a propor é que os homens, todos aqueles que venham a usufruir da licença parental partilhada, portanto após o período obrigatório pela mãe, que possam, no seu local de trabalho, ser substituídos por trabalhadores ou trabalhadoras (portanto, aqui no âmbito geral).

Este Projeto de Resolução tem como grande abrangência três grandes temas:

Primeiro, o reforçar a cultura do recurso por parte dos homens à licença parental inicial;

A questão da produtividade social e da aquisição de competências, aqui explicando mais em pormenor, uma vez que temos trabalhadores em subsídio de desemprego, estando a ocupar um posto de trabalho, terão oportunidade de desenvolver competências que até ao momento não;

E, por fim, aquilo que nós salvaguardamos como sendo uma competência do século XXI no âmbito das famílias, que é a parentalidade positiva aqui no âmbito da proteção e promoção dos direitos das nossas crianças.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Estão abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições?

Sr. Deputado Paulo Parece tem a palavra.

**(\*) Deputado Paulo Parece (PSD):** Muito obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Relativamente à iniciativa que estamos aqui a apreciar o PSD gostaria de, em primeiro lugar, afirmar que concordamos na generalidade com os pressupostos expressos no presente Projeto de Resolução.

Achamos até, e à primeira vista, bondosa e oportuna, a parte resolutive desse Projeto, a que visa essencialmente, e aquilo que foi explicado aquando da apresentação e agora reafirmado pela Sra. Deputada Sónia Nicolau, adequar à nova realidade da sociedade, portanto, considerando que o Decreto Regulamentar Regional está neste momento desadequado porque refere a substituição de mães trabalhadoras por trabalhadoras.

Portanto, aqui também entronca um pouco na igualdade do género, “para direitos iguais, responsabilidades também iguais”.

Na verdade, o Decreto Regulamentar Regional, o 8/2008/A, especifica muito particularmente as condições de substituição (cá está!) das trabalhadoras em situação de licença de maternidade por trabalhadoras beneficiárias de prestações de desemprego.

Na apresentação da iniciativa e como aqui foi reafirmado, disse a Sra. Deputada Sónia Nicolau, que entende que é possível alargar o seu âmbito de aplicação aos trabalhadores, neste caso, pai ou mãe, no período restante da licença parental inicial, ou no direito à licença parental inicial a gozar por impossibilidade da mãe ou ainda nos casos de adoção.

Portanto, no fundo, e mais uma vez, é claramente uma atualização e ajustamento à nova realidade.

Por outro lado, aquando da audição do Sr. Vice-Presidente, e aí é que ficamos um pouco mais confusos, refere o Sr. Vice-Presidente, que “a opção tem que ser feita inicialmente pela mãe ou pelo pai, não podendo haver alternância por não ser operacional. Reforçou que tem que ficar definido desde o início da licença parental quem vai gozar da licença parental, se o pai ou se a mãe, sob pena de não se conseguir efetuar a substituição”.

Entende o Grupo Parlamentar do PSD que das duas uma:

Ou que o Sr. Vice-Presidente desconhece o objeto do Projeto de Resolução, ou que numa interpretação extensiva do mesmo pretende alterar o Decreto Regulamentar Regional criando uma situação de desigualdade na aplicação da substituição, quer se trate do pai ou da mãe, por não ser operacional.

Gostaríamos, por parte do Governo, de esclarecimento relativamente a esse ponto de vista expresso pelo Sr. Vice-Presidente, porque cria assim uma situação de injustiça, que não é aquilo que é o objeto do presente diploma.

Por isso, relativamente à operacionalidade considera o Grupo Parlamentar do PSD que entendemos que o Governo, na alteração do Decreto Regulamentar Regional, quando proceder a essa alteração, terá que criar os mecanismos para não criar aqui uma situação de desigualdade e ajustar plenamente à realidade.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sr. Deputado Rui Martins tem a palavra.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta alteração ao Programa “Berço de Emprego” e o alargamento desta medida parece-nos, sem margem para dúvidas, um alargamento justo e uma boa medida. No entanto, é uma boa medida com uma má eficácia. É esta a nossa interpretação. Porquê? Sobretudo para a Administração Pública esta medida acaba por não ter a elasticidade sequer para desburocratizar aquilo que são as substituições devidas à parentalidade.

Por outro lado, e pelo facto do “Berço de Emprego” não ter mão-de-obra qualificada ou pelo menos especializada, acaba por, na grande maioria das vezes, não ser uma solução para este tipo de substituições. E eu dou a título de exemplo, a substituição de um enfermeiro que usufrua de licença parental. É sinalizada a data provável da ausência, consulta-se o “Berço de Emprego” e normalmente não tem resposta, ou seja, não há enfermeiros disponíveis.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Não há desemprego!

**O Orador:** Não há! É bom! Mas...

Aqui a situação começa a piorar um bocadinho. Porquê? Porque depois o pedido de autorização é feito à tutela, neste caso à Secretaria Regional da Saúde.

Na verdade, a Secretaria Regional da Saúde até tem dado respostas relativamente céleres, e isso é bom, mas depois por conta da Lei Orçamental este pedido vai parar à Vice-Presidência.

Na Vice-Presidência fica a marinar e por vezes a resposta é dada quando já só faltam 30 ou 40 dias para o funcionário regressar ao seu posto de trabalho, e isto é no caso de uma mãe que opte pela licença de cinco meses.

Agora imaginem no caso do cônjuge, que entretanto usufrui para lá da licença parental inicial, do sexto mês. Então aqui não há uma solução propriamente. Isto não configura uma solução para as instituições e não resta senão sobrecarregarem os restantes funcionários.

Para o privado poderá porventura ser mais útil, mas, no entanto, o “Berço de Emprego” como carece, lá está, na maioria das vezes, de mão-de-obra especializada, o alcance também não é o desejável.

Por isso repito, é uma boa medida com má eficácia.

Muito obrigado.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Muito bem, Sr. Deputado!

**Deputado Francisco Coelho (PS):** É difícil encontrar um enfermeiro!

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Se acham que é uma grande medida!...

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*



Pergunto se há mais inscrições?

Sra. Deputada Sónia Nicolau tem a palavra.

(\*) **Deputada Sónia Nicolau (PS):** Sra. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Agradecer as palavras gentis do Sr. Deputado Paulo Parece naquela que foi a avaliação ao Projeto de Resolução aqui apresentado pelo Partido Socialista.

Permitir, dentro daquela que é a minha competência, e a nossa competência, no âmbito deste Projeto de Resolução, esclarecer aquilo que é a nossa intenção e que está bem plasmado, como também bem disse, no preâmbulo do Projeto de Resolução.

A questão da licença de parentalidade e que é referida pelo Sr. Vice-Presidente, na questão de não poder haver alternância, isto foi com certeza no debate da Comissão de Assuntos Parlamentares, porque efetivamente a lei configura de forma clara que a mulher, aquando do nascimento da criança deve informar a entidade patronal, nos sete dias seguintes ao nascimento, como pretende gozar a licença de parentalidade, de um só momento ou partilhada com o seu companheiro.

Portanto, esta questão, desde logo, está definida pela Lei Geral e não há qualquer dúvida nessa matéria. Portanto, esta situação está.

A outra observação que o Sr. Deputado Paulo Parece fez não foi relativamente...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** O Sr. Vice-Presidente não conhecia o diploma!

**A Oradora:** ... ao Projeto de Resolução. Nós estamos a falar da Lei Geral do Trabalho e não do diploma, Sr. Deputado.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Não! O Sr. Vice-Presidente não sabia o que estava a dizer, era isso que ele queria dizer, ou então o relatório está mal elaborado!

**A Oradora:** Sr. Deputado Paulo Parece, no que diz respeito ao Despacho Normativo, não é esse que está aqui em apreço. O que está em apreço é o Projeto de Resolução que o Partido Socialista traz aqui. As observações que fez referem-se ao Despacho Normativo.

Quanto à questão colocada, ou às considerações, melhor dizendo, acho que é agradável ser necessário eventualmente um enfermeiro ou outro, emprego qualificado, e esse não existir. É sinal que não há desemprego, contrariamente ao que os senhores continuamente nesta Casa continuam a dizer. Quanto a isto estamos assim.

A segunda questão é que no que diz respeito aos números, eu não sei a que é que o Sr. Deputado se refere, a não ser que mostre aqui concretamente um caso em que a resposta tenha levado mais tempo do que aquele que está a dizer. Eu não sei. O que eu sei são os dados.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** A senhora tem sempre aqueles dados que os Deputados não têm, os dados que são públicos a Sra. Deputada não conhece!

**A Oradora:** E os dados o que dizem é que desde 2008 a 2013 nós tivemos a substituição de 1076 mulheres no Programa de Trabalho.

Esta é a realidade, estes são os números, e para todas aquelas mulheres que foram alvo desta medida é para elas que temos que falar, porque efetivamente estas mulheres estavam em casa a auferir o subsídio de desemprego e viram uma oportunidade de vir validar ou melhorar aquelas que são as suas competências por via da Lei da Parentalidade, o uso em particular da lei da maternidade.

Portanto, dizer ainda, Sr. Deputado, que não consigo perceber, porque não disse nada. O que o Sr. Deputado disse foi aquilo que acha que é, mas não mostrou aqui nenhum facto. Eu estou a mostrar-lhe factos, eu estou a mostrar-lhe números, eu estou a mostrar-lhe que 1076 mulheres, no prazo de cinco anos, integraram este Programa. Isto são factos, não são opiniões!... São factos!...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Essa parte não interessa!

**A Oradora:** Outra questão é dizer que destas mulheres 223 mulheres ficaram nas instituições ou em empresas a vínculo com as mesmas entidades.

Portanto, este Projeto que aqui nós apresentamos é um projeto que olha, e disse muito bem o Sr. Deputado Paulo Parece, recorrendo aqui ao nosso preâmbulo, mas repetindo, é um projeto que olha para uma nova forma de ver e impulsionar a lei da paternidade e a presença do pai e da mãe naquelas que são as devidas divisões por comum acordo, na presença da criança, sem que haja aqui um incómodo, que nós sabemos que existe, perante a entidade patronal.

Portanto, o que nós estamos aqui a fazer é a garantir que, perante a lei, perante aquela que é a Constituição que deixou de ter no seu

artigo 63.º a questão da maternidade e passou a ter maternidade e parentalidade, há aqui um à vontade da substituição da outra pessoa para validade competências. É disso que nós estamos aqui a falar.

Portanto, não vale a pena, na nossa opinião, ir buscar aqui fantasmas que não existem. O que existe é um programa claro, transparente como água.

Muito obrigada.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Deputado Luís Maurício (PSD):** O Sr. Vice-Presidente é que não conhecia o diploma!

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** É a sua opinião!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

A Mesa de momento não tem inscrições.

Sr. Deputado Paulo Parece tem a palavra.

**(\*) Deputado Paulo Parece (PSD):** Muito obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada Sónia Nicolau, é evidente, eu bem fiz referência a isso, que estamos a debruçar-nos aqui sobre o Projeto de Resolução que o Partido Socialista apresentou e isso não temos dúvidas e daí termos adjetivado até que o objeto da Resolução é bondoso e adequado.

Relativamente ao Código do Trabalho, o Código do Trabalho realmente prevê a questão de ser o pai ou a mãe a poderem gozar. Isso aí não pomos em causa, é a lei e está a ser aplicada.

Agora aquilo que achamos é que o Sr. Vice-Presidente – e foi realmente na audição na CAPAT, por isso é que fiz questão de dizer – das duas uma: ou não sabia do que estava a falar ou está abusivamente a utilizar o vosso objeto do Projeto de Resolução para estender mais, porque é ao Governo que cabe depois a regulamentação, porque é um Decreto Regulamentar Regional.

Por isso, quando pedi esclarecimentos não tinha dúvidas quanto ao objeto e à proposta do PS, tenho dúvidas realmente é depois na aplicação e na alteração do Decreto Regulamentar Regional por parte do Governo e era da parte do Governo que gostaríamos de ouvir esses esclarecimentos.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições?

Sra. Deputada Sónia Nicolau tem a palavra.

(\*) **Deputada Sónia Nicolau (PS):** Sra. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional, Srs. Secretários Regionais, Sr. Vice-Presidente:

Sr. Deputado Paulo Parece, nós poderíamos eventualmente estar aqui até ao fim da tarde a ver o acessório, mas nós não temos que ver o acessório.

**Deputado Paulo Parece (PSD):** A senhora tem razão!

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Considera o Sr. Vice-Presidente um acessório? Tenha mais consideração pelo Sr. Vice-Presidente, ele não é um acessório!

**A Oradora:** Nós temos que ver aquilo que é importante e o que é importante é quando o PSD tem a oportunidade, quase, digamos, ao nível civilizacional do direito da lei da mãe estar ao lado do Partido Socialista e de outros partidos que se manifestaram, o que faz é ir buscar, como eu dizia há pouco, o acessório.

**Deputado Paulo Parece (PSD):** Essa é rebuscada!

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Que falta de consideração!

**A Oradora:** É o que está a fazer.

O PSD está a fazer isso. O PSD o que está a fazer é a ir buscar “uma agulha” naquele que é um Projeto de Resolução.

Vamos reter-nos na questão componente resolutiva. É isto que está aqui em acordo, não é mais nada.

O que nós estamos aqui é a fazer um Projeto de Resolução que tem um fim, quanto a nós, naquele que é o enquadramento da Lei da Parentalidade, uma boa aplicação, nós estamos aqui a fazer uma análise, como o Sr. Deputado também a fez, séria, sem olhar para aquelas que foram situações que possam ter acontecido e o PSD não é capaz de elogiar sem ter ouvido...

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem, é só isso!

**A Oradora:** ... e mais, tem que haver sempre um *mas*, não são capazes de se juntar ao Partido Socialista, elogiar, votar e dizer, tem que haver sempre um *mas*. Isso, Sr. Deputado, é lamentável.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**Deputado Luís Maurício (PSD):** A Sra. Deputada é que se sente incomodada pelo PSD se associar ao diploma do Partido Socialista!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

(\*) **Deputada Zuraida Soares (BE):** Muito obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Bloco de Esquerda antes de começar a elogiar o Projeto de Resolução do Partido Socialista que trata do alargamento dos beneficiários do Programa “Berço de Emprego”, gostaria de colocar duas perguntas, neste caso à Sra. Deputada Sónia Nicolau, antes de outro tipo de considerações.

Primeiro, naquele mais de milhar de mulheres que entre 2008 e 2013, auferiram, digamos assim, deste programa, quantas foram solicitadas, ou requisitadas, por entidades privadas, e quantas foram por organismos públicos? – primeira questão.

Segunda questão: quanto é que estas mulheres auferem ao fim de um mês de trabalho?

Muito obrigada, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Paulo Parece tem agora a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Parece (PSD):** Sra. Deputada Sónia Nicolau, não vamos andar aqui num pingue-pongo e se percebeu as minhas palavras no debate, consideramos adequada a vossa proposta, o objeto do Projeto de Resolução que estamos aqui a apreciar. Portanto, quanto a isso estamos falados.

Agora, considerar como acessório, que o PSD está aqui a procurar, como disse, “no buraco da agulha”... Não estamos a procurar “no buraco da agulha”.

Eu relembro, em termos da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, que foi deliberado também ouvir o Sr. Vice-Presidente sobre a matéria e se o Sr. Vice-Presidente foi ouvido sobre a matéria relativamente a essa vossa proposta, também faz parte integrante nos esclarecimentos que queremos aqui ter.

**Deputado Francisco César (PS):** Mas esta é uma proposta do PS!

**O Orador:** Sra. Deputada Sónia Nicolau, eu percebo o seu incómodo (eu percebo o vosso incómodo!) pelo Sr. Vice-Presidente não estar aqui para prestar os esclarecimentos e então arranjou aqui uma manobra (entretanto chegou!...) dilatória, uma manobra de diversão para dar tempo do Sr. Vice-Presidente chegar.

Por isso eu fiz questão de dizer que pretendíamos esclarecimentos da parte do Governo e não da bancada do Partido Socialista, porque quanto a esta matéria estamos perfeitamente esclarecidos e concordamos.

Portanto, não estamos a discordar da vossa proposta. Queremos é ouvir os esclarecimentos do Sr. Presidente, porque achamos que há



aqui, nas declarações do Sr. Vice-Presidente, uma discrepância e até mesmo a tentativa de uma criação de injustiça que não é aquilo que V. Exas. pretendem.

Portanto, entendam-se de uma vez por todas.

É só isso que queremos dizer.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem!  
Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sra. Deputada Sónia Nicolau tem a palavra.

(\*) **Deputada Sónia Nicolau (PS):** Sra. Presidente, Sras. Deputados, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada Zuraída Soares, os dados que eu aqui trouxe relativamente a 2008, 2013 (2076 mulheres) são dados que estavam na comunicação social e estavam de uma forma global. Não lhe consigo responder.

**Deputado Francisco César (PS):** Nem tem que responder!

**A Orador:** Esses dados, com certeza, as entidades que supervisionam este programa poderão ter. Eu não tenho acesso a essa informação. A informação que eu tenho é precisamente esta que eu disse há pouco e que eu repito aqui à Sra. Deputada.

Quanto à questão do vencimento e do valor concretamente, está devidamente no Despacho Normativo 8/2008, o valor que é pago à pessoa em causa...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Já devia ter sido atualizado!

**A Oradora:** ... e que é o diferencial do valor que recebia subsídio de desemprego para a função que vai exercer pago pelo Fundo Regional do Emprego, salvo erro. Portanto, está também salvaguardado no 8/2008.

Portanto, quanto à questão que me fez, daquilo que me foi possível me responder, é isto que lhe tenho a dizer.

Para terminar, só dizer, Sr. Deputado Paulo Parece, e voltar a repetir, que as considerações que o Sr. Deputado fez e as questões que colocou, não foram sobre este Projeto de Resolução. Foi sobre o Despacho Normativo 8/2008 e as minhas considerações relativamente ao acessório era precisamente isso. Nós estamos aqui para debater o Projeto de Resolução que nós apresentamos e não o Despacho Normativo 8/2008.

Muito obrigada.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

(\*) **Deputada Zuraida Soares (BE):** Obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O dado que neste caso a Sra. Deputada Sónia Nicolau não dispõe para disponibilizar a esta câmara é importante, e aliás, do nosso ponto de vista, deveria fazer parte de uma avaliação da eficácia e do alcance deste programa que em si mesmo tem uma boa intenção, nomeadamente a empregabilidade e a formação do trabalho das mulheres, do trabalho feminino.

Agora, não ter esse dado (o Partido Socialista e o Governo) parece-me significativo da própria valorização que o Partido Socialista e o Governo dão a este Programa.

Segunda questão: quanto auferem?

Bem, Sra. Deputada, percebemos bem agora por que é que não há trabalho qualificado no “Berço de Emprego”.

Não, não há! Os senhores acabaram de dizer que quando há necessidade estão até bastante satisfeitos, e provavelmente com razão, se fosse assim (com razão, se fosse assim!) que não há enfermeiros, por exemplo, no desemprego, porque o certo é que quando são solicitados ao “Berço de Emprego” não aparecem.

Bem, olhando para aquilo que mensalmente auferem, alguém que usufrua do Programa “Berço de Emprego”, bem percebemos que trabalho qualificado não rima com “Berço de Emprego”. Pode rimar outra coisa. Pode rimar formação de empregabilidade das mulheres, pode rimar empregabilidade feminina, podem rimar outras coisas, mas não rima nem trabalho qualificado e continuo a pensar que o facto de não haver dados que digam quantas destas pessoas são solicitadas por empresas privadas e quantas é que são solicitadas por

organismos públicos, também pode querer dizer alguma coisa, é que é uma boa forma de fornecer mão-de-obra barata quando ela está disponível.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Pergunto se há mais inscrições.

Sr. Deputado Paulo Parece tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Parece (PSD):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada Sónia Nicolau, eu fico cada vez mais baralhado ou V. Exa. é que está baralhada.

Fez referência, ou por outra, disse aí que eu me referia ao Decreto... DRR 2008.

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Ao Despacho Normativo!

**O Orador:** Não foi isso que disse?

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Ao Despacho Normativo!

**O Orador:** O Despacho Normativo!

Mas para que essa vossa pretensão seja efetiva há que alterar, certo?

Há que alterar! Era a isso que eu estava a referir-me.

Só para terminar, a verdade é essa e eu vou reforçar aquilo que disse há pouco: o Sr. Vice-Presidente foi ouvido na CAPAT, no âmbito do vosso Projeto de Resolução e foi nesse âmbito que ele proferiu a sua opinião, ou a opinião do Governo nessa matéria.

Não estamos a falar aqui de coisas diferentes.

Realmente o Sr. Vice-Presidente parecia que estava a falar de coisas diferentes, e é isso que está aqui em causa. Era só isso que eu queria esclarecer e sobre essa matéria não me vou debruçar mais, porque já vimos que o silêncio é bem revelador daquilo que se passa.

Muito obrigado.

**Deputado Francisco César (PS):** A Sra. Deputada já falou mais vezes do que os senhores todos juntos!

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Quem ainda não falou foi o Governo!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições?

Sr. Vice-Presidente do Governo tem a palavra.

**(\*) Vice-Presidente do Governo (Sérgio Ávila):** Sra. Presidente, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Muito rapidamente eu gostaria aqui de, sobre esta proposta, dizer três coisas essenciais:

Primeira, o “Berço de Emprego” é uma medida inovadora criada pelos Governos Regionais do Partido Socialista e tão inovadora que foi considerada um exemplo a nível europeu e é uma medida premiada a nível europeu como um exemplo de igualdade de oportunidades.

**Deputado António Marinho (PSD):** Não é verdade!

**O Orador:** Segunda questão que foi aqui dita: esta medida visa essencialmente assegurar que as mulheres não sejam prejudicadas no acesso ao trabalho pelo facto de serem mães...

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Nem podem ser! A lei não permite que sejam!

**O Orador:** ... e terem que ficar algum período fora do espaço laboral, isto é, o sinal que se dá às empresas e às entidades e isso é que é inovador é que, contratando uma senhora, se ela ficar grávida, o Governo assegura durante esse período da licença a sua substituição para que a empresa ou a entidade não fique prejudicada e por essa via não olhem à partida para um recurso humano feminino com menos apetência para a empregabilidade que o masculino, porque não deriva da sua condição e da licença de maternidade qualquer desvantagem ou prejuízo para a empresa.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Ninguém me substitui na Universidade! Não sei porque será?

**O Orador:** É esta a essência deste diploma e é este o carácter inovador deste diploma que contribui decisivamente conforme substitui as estatísticas para aumentar significativamente a taxa de empregabilidade feminina nos Açores. E isso não é dito por nós e é dito pela Comissão Europeia...

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... que elogiou e deu como referência este mesmo diploma.

Segundo aspeto: o que é que estamos aqui a tratar?

Nós estamos aqui a tratar de uma recomendação ao Governo. Não estamos aqui a tratar de uma alteração (decreto) de qualquer legislação. Está a recomendar ao Governo.

E sei que a minha intervenção na Comissão foi citada e a minha intervenção na Comissão visa precisamente clarificar o conteúdo da recomendação, porque há duas coisas que não podem acontecer: é necessário quando se clarifica uma recomendação que seja previamente para que o Governo possa cumprir a recomendação.

**Deputado Paulo Parece (PSD):** Então não é o que está aqui!

**O Orador:** E foi isso que se fez, foi clarificar o conteúdo da recomendação para que a recomendação possa, se for aprovada por esta Assembleia, ser cumprida – primeira questão.

Segunda questão essencial sobre esta matéria: essa clarificação tem a ver com um aspeto essencial, é que sendo a licença de maternidade, numa primeira fase, para a mãe, numa segunda fase pode ser para o pai ou para a mãe.

O que tem que ficar precisamente salvaguardado é que essa opção tem que ser clara, à partida, sob pena de que a pessoa que vai substituir saber se vai substituir pelas primeiras seis semanas a mãe e depois temos que encontrar uma outra pessoa para substituir o pai, se for essa a opção, e a colocação de substituição é por seis semanas e não por seis meses, e isso faz toda diferença à partida, ou então, se for a mãe, a colocação de substituição é pelo período total da licença de maternidade. Foi isso que eu disse na Comissão e é isso que tem ser

obviamente clarificado, se esta recomendação for aprovada, para efeitos de alteração do Decreto Regulamentar Regional.

Portanto, é isso que nós temos aqui que clarificar sobre esta matéria. Portanto, foi essa a intervenção que fiz na Comissão no sentido de que essa matéria fique devidamente clarificada e assim possa, se aprovada, esta recomendação corresponder depois à alteração do Decreto Regulamentar Regional àquilo que era o espírito da recomendação. Penso que isso é o mais importante.

Para concluir, nós temos muito orgulho nesta medida do “Berço de Emprego”. O “Berço de Emprego” contribui decisivamente para que as entidades patronais olhassem à contratação de mulheres em igualdades de circunstâncias com os homens.

Segundo aspeto essencial: esta medida, sendo uma medida inovadora, foi uma medida que do ponto de vista europeu foi considerada como exemplo para contribuir para a igualdade de oportunidades no trabalho.

Esta clarificação e esta recomendação que é feita e bem pelo Partido Socialista visa adaptar essa mesma legislação a uma opção do próprio casal que é poder ser o pai também aquele que beneficia da licença de maternidade e ter por essa via também o mesmo direito à sua substituição quando do gozo desse direito.

Portanto, é uma matéria de atualização, se assim se pode dizer, deste mesmo conceito.

Por essa via essa recomendação, da parte do Governo, acolhe total aceitação. Evidentemente desde que aprovada por esta Casa, irá



originar a alteração, em conformidade do Decreto Regulamentar Regional que regulamenta o “Berço de Emprego”.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Pergunto se há inscrições?

*(Pausa)*

Julgo não haver inscrições.

Vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O Projeto de Resolução apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Sra. Deputada Sónia Nicolau, para uma declaração de voto, tem a palavra.

**(\*) Deputada Sónia Nicolau (PS):** Muito obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sra. Secretária, Srs. Secretários:

O Partido Socialista quer aqui assinalar aquela que foi a unanimidade neste Projeto de Resolução que vem assentar aquele que é o princípio, um olhar diferente para as questões da parentalidade.

Penso que é importante esta Casa também dar este passo e olhar para uma medida construída pelo Governo Regional, o “Berço de Emprego”, que teve um especto de utilização bastante amplo ao

longo dos anos e agora nós associarmos aquela que também tem sido a mudança civilizacional.

Portanto, reconhecer aqui a participação de todas as Sras. e Srs. Deputados e garantir que hoje, de uma certa forma, naquele que é o “Berço de Emprego” e a aplicação da Lei da Parentalidade, se me permitem, fez-se um pouco de história ao determinar esta coerência, e juntamente, de todos os partidos no âmbito da Lei da Parentalidade.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Artur Lima tinha pedido também a palavra.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Para uma interpelação.

**Presidente:** Para uma interpelação, tem a palavra, Sr. Deputado.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

É para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental. Regressamos às 16H15.

*Eram 15 horas e 45 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos.

*Eram 16 horas e 19 minutos.*

Entramos no ponto cinco da nossa Agenda: **Projeto de Resolução n.º 59/XI – “Recomenda ao Governo Regional da Região Autónoma**

**dos Açores a cedência, à Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Ilha do Faial (APADIF), de parcela de terreno, na ilha do Faial, da propriedade da Região Autónoma dos Açores, e a consequente celebração de um contrato de cooperação-valor investimento com o objetivo de assegurar o financiamento necessário à execução de obras de construção e edificação de um Centro de Atividades Ocupacionais”.**

Este Projeto de Resolução é apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS-PP. Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Martins.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O que nos traz aqui hoje é uma reivindicação justa, e de há pelo menos 10 anos, da Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes da Ilha do Faial. Uma reivindicação que pretende dotar o Faial, nesta instituição, da oferta de um serviço de CAO que sirva as necessidades reais e os melhores interesses das pessoas com deficiência da ilha do Faial.

Esta causa que o CDS abraçou e tomou também como sua ao apresentar esta iniciativa, é agora irremediavelmente aniquilada por esta maioria socialista. O CDS fez uma proposta resolutiva e o PS e o Governo apressaram-se a tomar decisões no sentido contrário ao que é proposto, inviabilizando toda e qualquer possibilidade de, neste particular, a APADIF algum dia vir a ter uma valência de CAO.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** A proposta não tem mérito!

**O Orador:** Aliás, o que sobressai deste processo é que, qualquer iniciativa que seja levada a cabo pela oposição, é o equivalente a uma sentença de morte a esse desiderato.

Senão, vejamos:

A Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social diz que não há listas de espera para este serviço no Faial, que tem protocoladas 30 vagas, no entanto afirmou de imediato que iriam alargar o protocolo para 40 vagas. Em que é que ficamos, são necessárias vagas ou não são? É necessário alargar a oferta ou não é? Se perceberam que há uma necessidade no Faial, porquê ampliar a oferta na SCMH e não dotar a APADIF dessa valência?

Por que motivo, na análise deste projeto resolutivo, se apressou a Sra. Secretária a anunciar o investimento de 1,9 milhões de euros no CAO da Santa Casa dizendo que o novo edifício terá capacidade para 40 ou 50 utentes? Como é que consegue fazer este anúncio, nestes termos, e ao mesmo tempo dizer que quando houver a necessidade de aumentar a oferta, a APADIF será o parceiro de eleição?

Depois, a Sra. Secretária, argumentou que os utentes do Moviment'arte não se enquadram nos parâmetros de um utente de CAO com base no atual quadro legislativo que define a atividade dos Centros de Atividades Ocupacionais onde se estabelece que aquela resposta social se destina a pessoas com deficiência grave ou profunda. Mas a realidade é que o CAO nos moldes em que é praticado constitui a resposta de base à pessoa com deficiência. Tanto assim é que, no entendimento dos técnicos do Moviment'arte dos 31

utentes do projeto, cerca de 20 beneficiariam de uma resposta de CAO.

Aliás, Sra. Secretária, se tiver tempo, faça a análise do que é a Legislação vs. prática na região e diga frontalmente se todos os utentes de CAO da região são pessoas com deficiência grave ou profunda.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Diga-nos se todos os utentes do CAO da SCMH são pessoas com deficiência profunda. E, se não o são, e se o que vale é a lei, então por que motivo anunciou um alargamento do protocolo para 40 vagas?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Por que motivo anunciou que o edifício a construir poderia até ter capacidade para 50 utentes?

Mas, se a Sra. Secretária se quer valer da lei, então, esta também refere que os Centros de Atividades Ocupacionais devem ser unidades de pequena e média dimensão, com um máximo de 30 utente. Sendo assim por que é que aqui já não segue as indicações da lei?

Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A realidade é que este Governo e a Sra. Secretária, vale-se da APADIF apenas para aquilo que é experimental, para aquilo que é pioneiro na região, para aquilo que vos traz visibilidade a baixo custo. É assim com o ATL Esperança, e é assim com o Moviment'arte.

A Sra. Secretária quando instada acerca da precariedade do Moviment'arte, veio rebater esse facto invocando a existência de um protocolo de financiamento anual. A realidade é que este projeto pode ser agora menos precário, mas continua apenas a permitir o seu usufruto por pessoas com alguma autonomia e com apoio familiar. A todos aqueles que não tenham o privilégio do apoio e suporte da sua família, o Moviment'arte já não consegue ser uma resposta às suas necessidades. Esta precariedade de serviço pode levar a que seja descontinuado no futuro, por não constituir uma resposta social plena e pelo desgaste dos seus profissionais por não verem uma evolução para uma valência de CAO como é seu intuito.

Como moeda de troca pela recusa na criação desta valência, a Sra. Secretária e os deputados do PS pelo Faial, apressaram-se a visitar a APADIF e uma vez mais a dar-lhes uma benesse experimental. Disse à RTP-Açores que pretende que a APADIF desenvolva o seu trabalho na empregabilidade das pessoas com deficiência. O mais interessante é que havia dito na Comissão dos Assuntos Sociais que o investimento no CAO da Maia em São Miguel era o exemplo da aposta que se prendia com a empregabilidade das pessoas com deficiência e com a definição de competências.

Em São Miguel é um CAO que trata disto, no Faial é o Moviment'arte ou o ATL Esperança.

Ao não viabilizar a construção de espaços onde se possam desenvolver estas atividades; ao pretender apenas construir edifícios que concentrem todas as atividades e equipamentos ao invés de

privilegiar a inclusão na comunidade; ao não viabilizar que, no Faial, possa haver mais uma resposta de CAO de pequena e media dimensão, só se pode concluir que não estamos perante uma política de verdadeira inclusão social.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Na realidade, Sra. Secretária, a prática da sua ação e da sua governação, farão com que a Sra. Secretária fique para a história não como Secretária Regional da Solidariedade Social, mas sim como Secretária Regional da Exclusão Social.

Muito obrigado.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do CDS-PP)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa já tem uma inscrição. Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Ferreira.

**Deputado Carlos Ferreira (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

A inclusão plena dos cidadãos portadores de deficiência na nossa sociedade, constitui um desafio de excecional complexidade, mas também extremamente aliciante e de prossecução obrigatória, legal e moralmente, para os poderes públicos, para as organizações não governamentais e para a comunidade, de forma integral.

Neste enorme projeto social, confluem Direitos Humanos de natureza universal, e mecanismos de proteção social vitais para o amparo, proteção e inclusão dos cidadãos com deficiência na vida da comunidade.

Citando Candeias, “a inclusão é um processo que respeita e valoriza a diferença e todos têm um papel a desempenhar na sociedade”.

Mas a forma como abordamos esta temática, sofreu grandes alterações ao longo dos tempos, assim como a forma como olhamos para o “Outro”, para aquele que é diferente.

O próprio conceito de deficiência continua em evolução, conforme é constatado na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Esta Convenção, adotada em 2007, e ratificada por Portugal em 2009, constituiu um marco histórico e uma ferramenta jurídica nuclear para o reconhecimento e promoção dos direitos do ser-humano portador de deficiência, em áreas tão importantes como a educação, saúde, habilitação e reabilitação, acesso à informação e aos serviços públicos, e todas as outras áreas da nossa vida.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência responsabiliza toda a sociedade pela criação de condições que garantam os direitos fundamentais destes cidadãos.

Neste percurso histórico e focando apenas o último século, merece também referência obrigatória a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas em 1948, cujo artigo 1.º estabelece:



“Todos os seres humanos nascem livres e são iguais em dignidade de direitos”.

Em Portugal, em 1976, com a Constituição da República Portuguesa, foram dados passos cruciais com vista ao respeito pelos direitos dos cidadãos com deficiência.

Para além do princípio da igualdade, preceito fundamental nesta matéria, a Constituição dedica um dos seus artigos exclusivamente a estes cidadãos. O artigo 71.º estabelece que “os cidadãos portadores de deficiência física ou mental gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva daqueles para os quais se encontrem incapacitados.

Segundo o mesmo artigo (n.º 2), “o Estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção, tratamento, reabilitação e integração dos cidadãos portadores de deficiência e de apoio às suas famílias (...) e a assumir o encargo da efetiva realização dos seus direitos (...)”.

O Estado compromete-se ainda a apoiar as organizações de cidadãos portadores de deficiência (n.º 3).

No apoio a estes cidadãos, importa considerar e qualificar os mecanismos de amparo, proteção e inclusão, enquanto instrumentos basilares para melhorar a sua qualidade de vida.

No seio destes, os Centros de Atividades Ocupacionais desempenham um papel insubstituível na promoção de condições que contribuam para o desenvolvimento das suas capacidades e para uma vida com qualidade, sempre que possível na comunidade.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Na ilha do Faial, o Centro de Atividades Ocupacionais existente serve atualmente 34 utentes, mas funciona em instalações precárias, que devem ser qualificadas com a maior urgência.

Na perspetiva do Grupo Parlamentar do PSD/Açores, esta iniciativa tem o mérito de trazer o problema à discussão nesta Assembleia e obrigar o Governo a “definir-se” quanto aos investimentos a realizar.

Entendemos que o centro da reflexão deve ser o utente, o cidadão portador de deficiência que precisa das respostas da valência “Centro de Atividades Ocupacionais”.

É este o nosso foco, e é esta a nossa prioridade!

Sra. Secretária Regional,

Consideramos da maior urgência, que o Governo invista na qualificação da resposta de “Centro de Atividades Ocupacionais” na ilha do Faial.

Para o Grupo Parlamentar do PSD/Açores, esta qualificação não pode esperar pela próxima legislatura, tem que avançar rapidamente.

Uma qualificação urgente:

- Para dar condições aos técnicos;
- Para reconhecer o trabalho e motivar os voluntários que se dedicam a estas instituições;
- Para respeitar a diferença e valorizar os cidadãos com deficiência que precisam desta resposta social, para que estes desenvolvam as suas capacidades, e para que se sintam cidadãos de pleno direito na comunidade faialense e açoriana.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem!  
Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Tiago Branco.

**Deputado Tiago Branco (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Projeto de Resolução apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS/PP que é agora discutido propõe, resumidamente, que sejam desenvolvidas todas as diligências necessárias tendo em vista a construção de um novo Centro de Atividades Ocupacionais, sob a jurisdição da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da ilha do Faial, uma instituição que ao longo da sua história tem revelado grande competência no desenvolvimento de iniciativas e de respostas sociais que servem a ilha do Faial e a sua comunidade.

Atualmente, a APADIF dispõe de 5 valências que passam pela existência de 2 Centros de Atividades de Tempos Livres na área da juventude, o projeto Moviment'arte na área da deficiência, o Centro de Dia da Conceição para idosos, e um Centro de Desenvolvimento e Inclusão Juvenil. Parcerias essas devidamente sustentadas por parcerias com o Governo Regional dos Açores.

Neste contexto, há cerca de um ano, o Governo Regional formalizou com a APADIF, e com a colaboração do Centro Social da Paróquia de Nossa Senhora das Angústias, a criação de uma resposta social inovadora e única na ilha do Faial que permitiu a abertura de um

Centro de Atividades de Tempos Livres destinado a crianças e jovens com necessidades especiais e com capacidade para 40 utentes.

Alvo de um apoio a rondar os 76 mil euros anuais, este ATL inclusivo resulta de um compromisso eleitoral que o Partido Socialista assumiu com os faialenses e que agora está efetivamente implementado, prevendo-se para breve a conclusão do processo de apetrechamento daquele espaço, com a chegada dos últimos equipamentos necessários.

Não obstante, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista reconhece aquela que é umas das maiores ambições da APADIF: dotar-se de um Centro de Atividades Ocupacionais.

É uma ambição legítima para uma instituição que tem no apoio à população com necessidades especiais a sua principal razão de ser.

Mas também consideramos que não é responsável avançar-se para a duplicação de uma resposta social sem antes avaliar as condições de funcionamento das respostas atuais.

Nesse sentido, e tendo em conta a existência de um Centro de Atividades Ocupacionais na ilha do Faial, há que avaliar primeiramente a situação daquela infraestrutura e a resposta que é dada ao nível de CAO no concelho da Horta.

Nessa ótica, pode-se constatar que o Centro de Atividades Ocupacionais da Santa Casa da Misericórdia da Horta funciona em instalações provisórias, carecendo de obras de reabilitação ou de um novo edifício que contribuam para a qualificação daquela resposta.

A par dessa necessidade evidente, a reabilitação do atual Centro de Atividades Ocupacionais, da gestão da Santa Casa da Misericórdia da Horta, é um compromisso do Partido Socialista e essa é a resposta que o Governo irá dar nesta matéria, e bem, porque não podemos avançar para a construção de um novo equipamento quando o equipamento já existente carece de requalificação e qualificação dessa resposta.

O realismo dessa opção torna-se ainda mais evidente quando se constata que a atual resposta não está esgotada, necessita sim, de ser requalificada e melhorada.

**Deputado Francisco César (PS):** É verdade, sim senhor!

**O Orador:** Nesse sentido, a reabilitação do Centro de Atividades Ocupacionais da ilha do Faial é mais um compromisso que vamos cumprir com os faialenses na área social a par daqueles que estamos a realizar neste momento como é a ampliação da creche o Castelinho, a construção do Centro de Dia dos Flamengos ou o Edifício Intergeracional da Feteira.

A APADIF é um parceiro fundamental da região na concretização de medidas de apoio às diversas faixas etárias do concelho da Horta e quando se verificar a necessidade de se avançar para uma nova resposta de CAO na ilha do Faial, sem dúvida que a APADIF será a parceira escolhida para a implementação dessa resposta.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa de momento não tem inscrições. Sra. Secretária Regional tem a palavra.

**(\*) Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):**

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Caros Colegas:

Eu queria começar por dar duas ou três notas, até na sequência daquilo que foi conversado na Comissão de Assuntos Sociais a este propósito e até ajudar a contextualizar, ou pelo menos contribuir para clarificar algumas das afirmações que já foram hoje aqui proferidas e ainda por cima completamente descontextualizadas.

Em primeiro lugar, a APADIF é uma instituição parceira do Governo Regional no desenvolvimento de políticas sociais na Ilha do Faial. Isso é inquestionável!

Desenvolve atividades sociais, atividades de apoio nas áreas de infância e juventude, deficiência e terceira idade. Temos seis contratos de cooperação celebrados com esta instituição, sendo que o mais recente dos quais foi, como já aqui foi referido, a criação do ATL inclusivo, com capacidade para 40 utentes, e que é de facto uma iniciativa inovadora, mas que veio corresponder às necessidades das crianças e jovens da ilha do Faial e necessariamente das suas famílias.

É um facto que a APADIF ambiciona ter uma sede e ser responsável pela implementação de uma resposta de Centro de Atividades Ocupacionais e é, como já foi aqui dito, uma ambição legítima e que deve ser necessariamente olhada em função da realidade e das necessidades existentes.

É, de facto, aqui, penso eu, que temos que centrar a nossa análise a este assunto.

A resposta de CAO na ilha do Faial é assegurada pela Santa Casa da Misericórdia da Horta.

A capacidade desta resposta está estabelecida para 40 utentes e protocolada para 30. No decurso do ano de 2017 foram admitidos mais quatro utentes, utentes estes que a instituição ainda não solicitou a revisão do contrato de cooperação, mas já depois de ter tido reunião recentemente com a instituição (há um mês) reforcei a oportunidade de o fazerem assim que necessariamente o entendam, mas é importante que fique aqui claro, porque não foi aquilo que foi dito pelo Sr. Deputado Rui Martins, a capacidade instalada é para 40 utentes e foi contratada para 30.

De facto, no ano de 2014 foram admitidos mais quatro utentes do que aquilo que era a capacidade contratada, mas as instituições podem fazê-lo, têm liberdade para o fazer e se quiserem, se entenderem que veem utilidade no reforço do contrato com o Governo, pois têm que submeter um pedido de reforço no contrato de cooperação, o que é normal em todas as respostas sociais, inclusivamente na resposta de CAO.

Importa por isso dizer também, e isso foi afirmado pela Sra. Provedora da Santa Casa da Misericórdia, que não existe de facto lista de espera para esta resposta social.

Em termos de necessidade futura e em função dos dados que dispomos e que foram amplamente trabalhados já pela educação, mas também revistos pela Segurança Social ou pela Solidariedade Social, é expetável que até 2023, seis jovens com deficiência severa, e que frequentam neste momento a escola, possam vir a integrar esta resposta, porque reúnem o perfil adequado.

Importa ainda referir que de entre os 34 utentes da Santa Casa de Misericórdia da Horta, na resposta de CAO, seis deles têm mais de 55 anos de idade, dos quais três têm mais de 65 anos de idade. Por que é que eu refiro esta questão?

Porque neste momento estamos a trabalhar, ou iremos trabalhar com a Santa Casa da Misericórdia da Horta, no sentido destas pessoas que já têm idade para frequentar um Centro de Dia possam vir a transitar para uma resposta mais adequada à sua faixa etária.

Portanto, em termos de planeamento, de facto, o compromisso que o Governo tem nesta matéria e a prioridade que conferiu foi no sentido de adequar a estrutura física do CAO existente na Santa Casa da Misericórdias às necessidades.

Sabemos que foi uma estrutura provisória criada a alguns anos atrás, que neste momento tem condições de funcionar e que corresponde às necessidades, sendo certo que também temos a consciência de que é



preciso começar a programar o investimento, definir as capacidades e penso que já temos os dados para o efeito.

Sr. Deputado, o que eu afirmei na Comissão, depois de instada penso que pelo Sr. Deputado do PSD, Carlos Ferreira, quanto a um possível investimento e que valor teria, eu prestei a informação do valor do investimento na sequência de uma pergunta que me foi formulada, em que eu terei afirmado que para a construção de um CAO com capacidade para 40 utentes e de um lar residencial com capacidade para 16, o custo estimado rondaria 1 milhão e 900 mil euros e o enquadramento foi exatamente este que eu estou aqui a referir.

Portanto, penso que com aquilo que vos transmiti fica claro que não há neste momento procura que exceda a capacidade de resposta instalada ao nível de resposta de Centro de Atividades Ocupacionais.

Penso que há aqui uma outra afirmação que importa ser talvez clarificada. Não há de facto precariedade ao nível da resposta do Moviment'arte, que é uma resposta de atividades lúdicas, com um conjunto de pessoas portadoras de deficiência, é verdade, muitos deles adultos, outros deles mais jovens, alguns deles ainda na escola, alguns deles utentes do CAO.

Portanto, é uma resposta importante, que foi inovadora na Região e que o Governo apoiou (é verdade!) numa primeira fase desta resposta, a título de candidaturas anuais, que foram sendo renovadas, mas contrato este que já foi firmado como num CAO, ou num ATL ou numa outra resposta qualquer, há um contrato de cooperação

valor/cliente com a instituição e que, portanto, garante a estabilidade desta resposta.

Há questões que foram aqui ditas e que importa também clarificar. O Governo não deu qualquer benesse à APADIF ou não dá benesses à APADIF como não dá a nenhuma outra instituição.

Quando eu falo em parcerias e em parceiros, é exatamente isso.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** A expressão é sua!

**A Oradora:** Não é uma benesse, é uma parceria. Há um contrato que sustenta a parceria.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Ah, o sentido não é esse! Dependência, era isso que a senhora quis dizer! Dependência!...

**A Oradora:** Felizmente a APADIF é uma instituição com uma grande proximidade às famílias e também às crianças que têm necessidade deste tipo, de um acompanhamento mais próximo...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Que não depende do Governo!

**A Oradora:** ... e que felizmente têm tido.

Muitas outras instituições não têm, mas a APADIF tem de facto capacidade de iniciativa e isto, por si só, é importante. Porquê? Porque é que tem essa capacidade de iniciativa?

Tem, felizmente, bons técnicos, é verdade, bons recursos técnicos, um corpo dirigente motivado e ativo e tem uma integração na comunidade faialense que é perfeita. Perfeita, porque está próxima e perfeita porque consegue fazer um diagnóstico das necessidades e apontar caminhos.

Das conversas que me foi sendo possível ao longo do tempo ter com a APADIF, importa que se diga aqui que todos reconhecemos que há ainda necessidades a suprir na ilha do Faial e as necessidades, ao nível da deficiência, uma delas é aquela que já foi colmatada e que correspondeu à resposta da ATL Inclusivo, portanto, que foi garantida no ano de 2016, e outra, esta sim complementar a todas as que existem neste momento a funcionar na Ilha do Faial, e que diz respeito à promoção da empregabilidade do público das pessoas deficientes.

Nesta medida, este é um trabalho que temos vindo a desenvolver na Região que, aliás, em novembro passado, no acordo base celebrado com a URMA e com a URIPSSA, se tiverem oportunidade de o ler, poderão constatar que foi conferida prioridade à avaliação das respostas na área da deficiência.

Dito isto, o Governo Regional irá apresentar até ao final deste semestre, um programa de ações integradas, com uma preocupação central, que é a de promover a qualidade de vida das pessoas com deficiência olhando para a pessoa e olhando para a pessoa não pelas suas limitações, mas sobretudo pelas suas capacidades e acho que este é um aspeto fundamental, e, neste sentido, proporcionar o apoio necessário para que essas capacidades sejam potenciadas com os apoios mais ajustados e personalizados. É este o nosso grande objetivo e, como tal, como disse, até ao final deste primeiro semestre, iremos apresentar o Programa “Aqui Açores”, que pretende avaliar as respostas, os utentes e as famílias, qualificar as respostas sociais na

vertente física e técnica e inserir as pessoas com deficiência social e profissionalmente.

Este é um grande desafio que temos pela frente.

Queria deixar aqui uma nota final ainda a propósito do que já aqui foi dito. Quando eu falei no CAO da Maia, na audição, Sr. Deputado Rui Martins, eu falei no CAO na Maia, porque era um CAO em construção com capacidade para 40 utentes e na sequência da questão sobre o custo do investimento. Foi este o enquadramento.

Qualquer CAO pressupõe que acolhe ou dá resposta a pessoas com deficiência severa ou grave, é verdade, mas mesmo assim as questões da ocupação e da empregabilidade têm sempre que ser trabalhadas. Isto é um pressuposto de qualquer Centro de Atividades Ocupacionais, mas eu estou a falar... Ou seja, o desafio que lançámos à APADIF foi um desafio distinto deste, que foi trabalhar os jovens com deficiência moderada ou ligeira e potenciar a empregabilidade destes jovens.

Foi este o desafio que nós lançámos à APADIF e a APADIF tem todas as condições para o fazer, para já porque os conhece, conhece os jovens, porque trabalha com eles nos ATL's, porque tem um Centro de Desenvolvimento de Inclusão Juvenil, e terá da parte do Governo Regional o acompanhamento necessário à definição da resposta adequada, até porque ela será de facto em muitos aspetos pioneira na Região.

Este é um trabalho que queremos desenvolver com a APADIF e foi um desafio que a APADIF, como sempre, aliás, agarrou logo no primeiro momento. Por isso queria deixar aqui de facto esta nota.

Reafirmar aquilo que disse na Comissão, Sr. Deputado. Ao contrário, de facto, do que foi dito pelo Sr. Deputado Rui Martins na Comissão, o Governo não entende que haja benefício na concorrência, atendendo a que temos capacidade de resposta instalada. Portanto, não há qualquer vantagem nem para os jovens, nem para as suas famílias numa resposta concorrencial.

A nossa perspetiva é que, de facto, sejamos capazes de corresponder às necessidades criando respostas complementares e que vão ao encontro das necessidades de cada um dos jovens com deficiência.

Nesse sentido queremos, de facto, qualificar as nossas respostas ao nível da deficiência, no sentido de promover a empregabilidade dos jovens com deficiência, que quer pelo seu percurso escolar, quer pela sua baixa escolaridade ou situação sociofamiliar carecem de facto do desenvolvimento de novas respostas sociais mais direccionadas e potenciadoras das suas competências e autonomia.

Muito obrigada.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária Regional.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Rui Martins.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sra. Secretária, eu começava por dizer-lhe que a APADIF pode ser parceira do Governo, mas neste caso em concreto o CDS é parceiro da APADIF, neste objetivo que eles perseguem.

Uma das coisas que eu lhe pergunto, que por acaso faz-me alguma confusão sempre que se fala em ATL's Inclusivo. O ATL não devia ser inclusivo sempre?

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** E é!

**O Orador:** Ou seja, basicamente é mais uma vez, exclusivamente, inclusivo.

Na verdade, a Sra. Secretária na Comissão quando falou...

Vou começar aqui por esta questão de empregabilidade. Uma das coisas que eu gostava de saber era efetivamente que verbas é que tem disponíveis para esse projeto?

Como é que pretende operacionalizar esta questão da empregabilidade, sobretudo tendo em conta aquilo que são também as cada vez maiores exigências do mercado de trabalho? Ou seja, está-se a tornar cada vez mais difícil inserir no mercado trabalho pessoas com um determinado grau de incapacidade.

Depois o que eu questiono, e está no relatório (vou ler aqui o relatório e tem a ver com esta questão da empregabilidade), diz aqui que a Sra. Secretária “Disse ainda que a aposta se prende na empregabilidade das pessoas com deficiência, com a definição das capacidades, dando como exemplo o investimento realizado no CAO da Maia...”. É a tal situação.

Em São Miguel a empregabilidade vai ser trabalhada no âmbito de um CAO. No Faial vai ser mais uma vez um projeto experimental que vos dá visibilidade e eventualmente o trabalho todo à instituição.

Depois, o que eu também lhe questiono é se está também em condições de garantir que na ausência (que foi o que eu lhe perguntei na minha intervenção inicial) do apoio familiar que atualmente os utentes do Moviment'arte dispõem, que esses utentes vão ter uma resposta, neste caso, no CAO da Santa Casa?

Depois, volto a referir e a repetir que efetivamente é estranho dizer que a APADIF, no caso de haver uma necessidade de CAO no Faial, será o parceiro preferencial, quando ao mesmo tempo diz que não há listas de espera, ao mesmo tempo diz que há uma capacidade instalada de 40 e que vai contratualizar essas 40 vagas. Disse isto em Comissão, não está no relatório efetivamente, mas disse em comissão que o edifício poderia ter capacidade para 40 ou até 50 utentes.

Ou seja, a previsão é de aumentar a capacidade instalada na Santa Casa, aniquilando por completo toda e qualquer possibilidade de fazer alguma vez sentido a APADIF ter esta valência de CAO.

Sra. Secretária, gostava de perguntar-lhe mais uma coisa, que foi na altura, em Comissão, ficou de nos facultar os dados, o levantamento das necessidades do Faial e foi informação que também nunca nos chegou.

Para já, é só.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa de momento não tem inscrições.

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições?

*(Pausa)*

Sras. e Srs. Deputados, pergunto se há inscrições?

Julgo não haver. Vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

Sr. Deputado Rui Martins nós já estamos... Só estamos a fazer a contagem para poder fazer a votação. Perguntei várias vezes se havia inscrições.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E nós aguardámos que a Sra. Secretária respondesse!

**Presidente:** Vamos então passar à votação.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Quando não interessa a Sra. Presidente acaba! Mas leva com o protestozinho na declaração de voto!

**Presidente:** As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.



**Secretária:** O Projeto de Resolução apresentado foi rejeitado com 27 votos contra do PS, 4 votos a favor do CDS-PP, 2 votos a favor do BE e 17 abstenções do PSD.

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Rui Martins.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente. Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Efetivamente entristece-me bastante e acho que devia entristecer qualquer Deputado desta Casa, quando se fazem questões, quando houve informação que foi dito em Comissão que seria facultada à Comissão, que seria facultada aos Deputados para esta discussão, e que efetivamente não chegou.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Sr. Deputado, uma declaração de voto! O senhor gosta de se ouvir falar!

**O Orador:** Por acaso ficou a faltar-me na altura a questão da concorrência, ir buscar ao relatório quando nós falamos em concorrência. Efetivamente a Sra. Secretária quando lhe dá jeito, noutras situações, pode haver concorrência; nesta situação não dá jeito a concorrência.

E há aqui uma deturpação daquilo que foi a concorrência, que eu clarifiquei muito bem na Comissão.

A concorrência tem a ver com a capacidade que nós temos de nos superar quando vemos que há um serviço bem prestado por outra instituição do mesmo âmbito.

Efetivamente estar nesta discussão e ver que são feitas perguntas que ficam sem resposta é efetivamente de lamentar e é uma desconsideração por esta Casa.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputada.

A Sra. Secretária Regional pediu a palavra para uma interpelação à Mesa. Tem a palavra, Sra. Secretária.

(\*) **Secretária Regional da Solidariedade Social** (*Andreia Costa*):

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O Sr. Deputado referiu que teriam sido solicitados dados na Comissão e que eu não os teria facultado.

Eu penso que na minha primeira intervenção fiz referência aos seis jovens com deficiência que até 2023 necessitam de resposta em CAO.

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Sra. Presidente, mas o que é isto?

**A Oradora:** Esse dado foi facultado aqui na minha primeira intervenção, como também foi facultado das seis pessoas com mais de 55 anos de idade e que...

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Sra. Presidente, isso é uma resposta agora!

**A Oradora:** Eu dei...

**Presidente:** Sra. Secretária Regional, agradeço que não repita...

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Isto é inaceitável! Isto não pode ser!

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos lá a ter calma.

Sra. Secretária, como sabe, está no uso da palavra para uma interpelação, agradeço que não repita os dados.

**A Oradora:** Estou a clarificar que dei os dados na minha intervenção inicial, não os vou repetir, peço desculpa. De qualquer forma, farei chegar à Mesa, naturalmente, esses elementos que referi na minha primeira intervenção.

Obrigada.

**Presidente:** Muito obrigada, Sra. Secretária.

Sr. Deputado Artur Lima, para uma interpelação à Mesa tem a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente, agradeço que nos fizesse chegar também, para nosso esclarecimento, o tempo que dispunha o Governo para este debate e para resposta às perguntas que foram feitas. Se o Governo tinha ou não tinha tempo para responder, na altura certa, durante o debate, às perguntas que lhe foram feitas pelo CDS.

Realmente, a Sra. Secretária, faz uso, e vezeiro, como o Governo costuma fazer, destas situações, para depois numa interpelação dizer aquilo que devia ter dito e não dizer nada absolutamente do que devia ter dito durante o debate.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Berto Messias):** O Governo respondeu a tudo!

**O Orador:** Portanto, é reprovável este comportamento do Governo.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Berto Messias*): O Governo respondeu a tudo e vai enviar informação em papel para o senhor poder ler!

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Não respondeu! Quer as perguntas?

**Presidente**: Obrigada, Sr. Deputado.

Sras. e Srs. Deputados, nós ainda não terminámos este ponto porque temos ainda duas declarações de voto.

Sr. Deputado Tiago Branco para uma declaração de voto tem a palavra.

(\*) **Deputado Tiago Branco** (*PS*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Apenas para reforçar aquela que é a posição do Grupo Parlamentar do Partido Socialista nesta matéria. Esta é uma questão que para nós é muito clara.

Compreendemos a ambição da APADIF em dotar-se de uma infraestrutura destas, mas não podemos avançar para uma duplicação de uma resposta fechando os olhos às condições da atual resposta. É uma questão de prioridades.

**Deputado Francisco César** (*PS*): Muito bem!

**Orador**: Assumimos essa prioridade conforme é o nosso compromisso eleitoral...

**Deputado Luís Maurício** (*PSD*): Já andam com os olhos fechados há muito tempo!

**Presidente**: Sras. e Srs. Deputados...

**O Orador:** ... e nós não estamos disponíveis (o Partido Socialista não está disponível!) para instrumentalizar instituições como a APADIF, para fazer política.

*(Risos do Deputado Rui Martins)*

Ministros da Exclusão Social foram os senhores que no passado bem recente...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Instrumentalizar? É o que os senhores fazem todos os dias! Os senhores todos os dias, os senhores e o Governo, criam dependência nas pessoas!

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados... Sr. Deputado Tiago Branco.

**O Orador:** O nosso compromisso é reabilitar a resposta atual que que ainda dá resposta.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O vosso compromisso é comprar gente!

**O Orador:** Não faz sentido duplicarmos uma resposta que ainda dá resposta. Faz sentido requalificar essa resposta e colocá-la ao serviço das necessidades desta população.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Ferreira.

**(\*) Deputado Carlos Ferreira (PSD):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do PSD-Açores reitera que esta iniciativa tem o mérito de colocar a discussão, o problema, e obrigar o Governo a definir-se quanto aos investimentos que pretende realizar nesta matéria, e que tem que realizar obrigatoriamente nesta matéria.

A posição do Grupo Parlamentar do PSD baseia-se no entendimento de que para nós o mais importante não é a instituição que presta o serviço...

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):**

Muito bem!

**O Orador:** ... é o cidadão portador de deficiência que necessita dessa valência e é também a necessidade de qualificação urgente da resposta de Centro de Atividades Ocupacionais na Ilha do Faial.

Por isso, gostaria também de reiterar que estes cidadãos não podem esperar por mais uma legislatura para que esta qualificação, que acabou aqui de ser classificada como urgente possa ocorrer.

Apelamos ao Governo Regional para que acelere o processo, não espere pelas próximas eleições e decida de uma vez por todas avançar com o projeto para que possa lançar a concurso ainda na presente legislatura a qualificação da valência de Centro de Atividades Ocupacionais na Ilha do Faial.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Terminámos assim este nosso ponto de Agenda e vamos continuar os nossos trabalhos nomeadamente com o ponto 6: **Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 11/XI – “Desafeta do regime florestal parcial uma parcela de terreno localizada no núcleo florestal das Fontinhas, freguesia de S. Brás, concelho da Praia da Vitória”.**

Estamos em processo legislativo comum. Os tempos são os que habitualmente usamos e tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (João Ponte):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo: Há muito que a equitação deixou de ser um desporto limitado às designadas elites. Aprender a andar de cavalo e a interagir com este nobre animal é hoje em dia, cada vez mais, uma prática altamente recomendável. Vários estudos científicos assim o atestam. Trata-se não só de praticar desporto, mas também de aprender a interagir com outro ser vivo, ganhar autoconfiança, disciplina, postura, entre outros aspetos.

O cavalo nos Açores é desde sempre um animal associado à ruralidade e à agricultura. Com a evolução e modernização do setor, os cavalos têm sido progressivamente trocados por viaturas, ficando quase esquecida uma das imagens de marca da nossa agricultura.

Importa, pois, não deixar morrer essa ligação homem/cavalo, este símbolo do setor e inculcar nas novas gerações o gosto pelos cavalos.

Em vários concelhos da Região Autónoma dos Açores existem já várias entidades privadas a ministrar aulas de equitação. Mas no caso do concelho da Praia da Vitória, não existe atualmente nenhum centro hípico.

O Clube Cinegético e Cinófilo da ilha Terceira tenciona avançar com a construção de um Centro Hípico, mas não dispõe de terreno para o efeito.

A proposta de Decreto Legislativo Regional, agora em apreço, visa colmatar esta lacuna, através da desafetação de uma parcela de terreno, com uma área de 1,79 hectares, do núcleo florestal das Fontinhas, do perímetro florestal da ilha Terceira, com vista à cedência, a título precário, ao Clube Cinegético e Cinófilo da ilha Terceira.

De acordo com os estatutos deste clube, está prevista a possibilidade de fomentar outras modalidades desportivas além da cinegética, como é o caso da equitação.

A construção deste tipo de infraestrutura reveste-se, portanto, de grande interesse não só para a população em geral, mas também para os visitantes que dela poderão usufruir, dado que as atividades hípcas são cada vez mais populares. Acresce que na ilha Terceira há uma grande tradição taurina, em que o cavalo é também um dos elementos centrais da festa, quando esta ocorre na praça.



O terreno que se pretende agora desafetar enquadra-se numa zona com interesse turístico, junto ao parque de lazer de São Brás e o trilho das Relheiras de São Brás.

Uma vez concedida a parcela de terreno, o Clube Cinegético e Cinófilo da ilha Terceira terá dois anos para obter a aprovação do projeto junto da Câmara Municipal da Praia da Vitória, a contar da data da entrada em vigor do Decreto Legislativo Regional, sob pena da parcela de terreno ser reintegrada no regime florestal público.

Por tudo isso, creio que é justificável e plausível avançar com a desafetação desta parcela de terreno, que vai permitir dotar o concelho da Praia da Vitória de mais um elemento qualificador, formador e gerador de dinamismo económico.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

A Mesa já tem uma inscrição. Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Rendeiro.

(\*) **Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma intervenção muito breve no seguimento daquela que foi a apresentação feita pelo Sr. Secretário Regional deste diploma, para sublinhar aquilo que aqui foi dito e da necessidade de haver a criação ou a possibilidade da criação de uma estrutura que promova e que ajude à criação e ensino dos cavalos no concelho da Praia da Vitória, que não existe, o aproveitamento de um terreno que é posse da Região, que está disponível, que pode ser utilizado e até valorizado

para o fim a que essa associação o pretende utilizar, e desejar que essa associação e os seus entusiastas possam conseguir levar ao fim este desejo, que é também uma necessidade do concelho da Praia da Vitória, como aqui foi bem referido, da criação do desporto equestre e também da tauromaquia naquele concelho, seguindo aquilo que é a tradição existente e enraizada nas populações.

Portanto saúda-se esta disponibilidade de desafetação da área do terreno e que seja possível constituir um polo de desenvolvimento de equitação naquele lugar.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Catarina Cabeceiras.

(\*) **Deputada Catarina Cabeceiras (CDS-PP):** Muito obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta Proposta de Decreto Legislativo Regional efetivamente surge novamente, uma vez que já tinha acontecido no passado em que, em 2006, foi aprovada esta afetação e depois, em 2015, foi revogada. Uma vez que o Clube Cinegético não tinha realizado efetivamente o Centro Hípico, era esse o intuito desta desafetação.

Surge agora novamente, como foi dito no próprio documento, e agora pelo Sr. Secretário, esta intenção do Clube Cinegético da Ilha Terceira avançar efetivamente com o Centro Hípico, o que nos parece, uma vez que é uma infraestrutura que não existe no concelho da Praia da Vitória, que efetivamente será uma mais-valia.

Dado que o Clube em causa não possui parcela de terreno para essa construção, parece-nos fazer sentido novamente tentar esta desafetação e tentarmos querer que é desta vez que será criado este centro hípico, bem como até o próprio Decreto Legislativo Regional, a proposta, já tem outras ressalvas que até o anterior não tinha nesse sentido de salvaguardar efetivamente essa construção.

E, portanto, o Grupo Parlamentar do CDS entende que será um importante contributo na dinamização socioeconómica da comunidade, para além de que será uma valência que, pelos diversos benefícios que são os conhecidos da prática desta modalidade, quer na vertente da equitação terapêutica, adaptada, de lazer ou até mesmo enquanto modalidade desportiva.

Portanto, acho que faz sentido também tentarmos criar as condições para que este clube possa efetivamente criar o Centro Hípico.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada. Tem agora a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isto é para a caça, Sr. Deputado, é para a caça!

**O Orador:** É para a caça! Enquanto o caçador não vem, nós aproveitamos e...

Na sequência do que tem sido dito pelas diversas bancadas, nós também pensamos (aliás tivemos oportunidade de ver isto na

Comissão competente, na CAPAT) que esta proposta do Governo, no sentido de desafetar do regime florestal parcial e de ceder a título precário e nestas condições uma parcela de terreno cita na freguesia de São Brás, concelho da Praia da Vitória, é um diploma equilibrado face exatamente aos objetivos úteis que se visa alcançar através do Clube Cinegético e Cinófilo da Ilha Terceira, qual seja, a construção de um centro hípico e das suas atividades, e também acautela suficientemente, como aliás se viu já e foi aqui lembrado pela Sra. Deputada Catarina Cabeceiras, aquilo que deve ser o equilíbrio entre o interesse público e o interesse privado, embora com a natureza social.

Ou seja, trata-se de uma cedência precária para este fim e que tem prazos para que essa entidade prossiga esse objetivo sob pena de reversão para a propriedade pública.

Nessa medida também, e naturalmente, o Partido Socialista vai aprovar este diploma.

Muito obrigado.

**Deputada Renata Correia Botelho e Deputado José San-Bento**

*(PS):* Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa de momento não tem inscrições.

Pergunto se há inscrições?

*(Pausa)*

Julgo não haver. Vamos então passar à votação desta Proposta de Decreto Legislativo Regional.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A Proposta de Decreto Legislativo Regional apresentada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora ao debate e votação na especialidade.

Julgo não haver inscrições.

Este diploma tem apenas seis artigos e perante a unanimidade que existiu na votação na generalidade penso que posso colocá-los à votação em conjunto.

Não havendo oposição estão então à votação os seis artigos que constituem este diploma.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** Em votação final global a Proposta de Decreto Legislativo Regional apresentada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos então ao ponto 7.

Sra. Deputada Zuraida Soares, para uma interpelação tem a palavra.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Obrigada, Sra. Presidente.

É para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental. Regressamos às 17H40.

*Eram 17 horas e 11 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, agradeço que ocupem os vossos lugares para podermos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 17 horas e 53 minutos.*

Entramos no ponto sete da nossa Agenda: **Petição n.º 1/XI – “Pela recuperação e preservação do Forte de São João Baptista, na ilha de Santa Maria”**. Esta Petição foi apresentada por Ângela dos Santos Loura, na qualidade de primeira subscritora.

Rege esta matéria o artigo 192.º do Regimento da Assembleia e os tempos foram definidos pela Conferência de Líderes e são os que habitualmente temos vindo a utilizar: cada grupo ou representação parlamentar intervém uma única vez por tempo não superior a 10 minutos.

Para apresentação do relatório tem a palavra o Sr. Relator da Comissão de Assuntos Sociais, o Sr. Deputado João Paulo Ávila.

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

#### **RELATÓRIO NO ÂMBITO DA APRECIACÃO DA PETIÇÃO Nº 1/XI**

**“RECUPERAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO FORTE DE SÃO JOÃO  
BAPTISTA, NA ILHA DE SANTA MARIA.”**

*TERCEIRA, NOVEMBRO DE 2017*

**CAPÍTULO I**

**Introdução**

A 9 de dezembro de 2016 deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores uma petição, à qual foi atribuído o n.º 1/XI, intitulada “Recuperação e Preservação do Forte de São João Baptista, na ilha de Santa Maria.”, que reúne um total de 328 (trezentas e vinte e oito) assinaturas, tendo como primeira signatária Ângela dos Santos Loura.

Por despacho da Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a referida petição foi remetida à Comissão de Assuntos Sociais, para relato e emissão de parecer.

**CAPÍTULO II**

**Enquadramento Jurídico**

O direito de petição, previsto no artigo 52.º da Constituição da República Portuguesa, é exercido nos termos do disposto no artigo 9.º do Estatuto Político-administrativo da Região Autónoma dos Açores, na redação que lhe foi dada pela Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro, nos

artigos 189.º a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa e na Lei n.º 43/90, de 10 de agosto.

Cabe à Comissão permanente especializada com competência na matéria a apreciação da petição e elaboração do respetivo relatório, nos termos do disposto nos n.ºs 1 dos artigos 190.º e 191.º do Regimento, bem como do artigo 73.º, n.º 4 do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

Nos termos do disposto na Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 18/2016/A, de 6 de dezembro, as matérias relativas a “Educação”, onde se enquadra a presente petição, são competência da Comissão de Assuntos Sociais.

### **CAPÍTULO III**

#### **Apreciação da Petição**

##### **a) ADMISSIBILIDADE**

Verificada a conformidade do exercício do direito de petição com os requisitos legais (Lei n.º 43/90) e regimentais (artigo 189.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores), a Comissão de Assuntos Sociais procedeu à apreciação da sua admissibilidade, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 190.º do referido regimento e deliberou admiti-la, por unanimidade.

##### **b) OBJETO DA PETIÇÃO**

Os peticionários pretendem:



- A passagem da titularidade do Forte de São João Baptista, na ilha de Santa Maria, para o Governo Regional dos Açores;
- A classificação do Forte de São João Baptista como património protegido, à semelhança do que acontece com a “zona antiga de Vila do Porto” sob Decreto Legislativo Regional n.º 22/92/A, de 21 de outubro;
- A garantia de verbas para a recuperação e preservação do Forte de São João Baptista para fins museológicos/turísticos, bem como campanhas arqueológicas.

E para isso apresentam os seguintes argumentos:

- O Forte de São João Baptista da Praia Formosa, também denominado como Castelo de São João Baptista ou Castelo da Praia, localiza-se na praia Formosa, na freguesia da Almagreira, concelho da Vila do Porto, na ilha de Santa Maria, nos Açores.
- Em posição estratégica sobre este trecho da costa da ilha, constituiu-se em um forte destinado à defesa deste ancoradouro contra os ataques de piratas e corsários, outrora frequentes nesta região do oceano Atlântico.
- As campanhas de prospeção arqueológica desenvolvidas no Forte de São João Baptista levantam a possibilidade de este ser a mais antiga estrutura de fortificação no arquipélago, remontando ao século XVI, o que acresce a sua importância como referência na História militar dos Açores.

- Existe um estudo detalhado para a consolidação e recuperação do Forte que, em ruínas, não se encontra classificado ou protegido, estudo este realizado pelo Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo em 1996.
- O mau tempo que atingiu as ilhas do Grupo Oriental entre 27 e 28 de setembro de 2011 levou à derrocada de parte da antiga estrutura, no lado voltado para a ribeira. Desde então, a população tem assistido à sua degradação cada vez mais acelerada.
- Dado o seu agravado estado de degradação, e tendo em conta o mau tempo que se tem feito sentir nos últimos invernos, existem fortes probabilidades da estrutura hoje existente não resistir ao inverno de 2016.
- Recentemente, fonte da Secretaria da Educação e Cultura dos Açores afirmou à agência Lusa que esta questão "foi apreciada" no local pelo Laboratório Regional de Engenharia Civil e pela Direção Regional da Cultura, mas salvaguardou que o forte é de domínio público marítimo, estando na alçada do Governo da República, e que o Governo dos Açores tem vindo a manter contactos com os ministérios da Cultura e da Defesa sobre esta matéria, visando sensibilizar para o estado de degradação daquele património.

### c) **DILIGÊNCIAS EFETUADAS**

Foi deliberado proceder à audição da primeira peticionária, a cidadã Ângela dos Santos Loura, do Secretário Regional da Educação e Cultura (SREC) e da Câmara Municipal de Vila do Porto. Foi ainda deliberado solicitar pareceres por escrito à Universidade dos Açores, à Junta de Freguesia de Almagreira, ao Clube dos Amigos e Defensores do Património-Cultural e Natural (CADEP-CN), ao Instituto Histórico da Ilha Terceira, ao Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea, ao Conselho de Ilha de Santa Maria e ao Doutor Carlos Luís Cruz.

A audição da peticionária bem como do representante da Câmara Municipal de Vila do Porto acorreram no dia 28 de março de 2017 e a audição do SREC aconteceu no dia 24 de novembro de 2017.

### **1) Audição da peticionária, a cidadã Ângela dos Santos Loura:**

A peticionária iniciou a sua intervenção dando conhecimento aos Deputados da origem da petição e do porquê de ela ter surgido.

O Deputado João Vasco Costa interveio para questionar a peticionária sobre o real objetivo da petição ao que a peticionária respondeu dizendo que é objeto da petição que o Forte em causa passe para o Governo Regional dos Açores, que o Forte passe a estar protegido ao abrigo de um Decreto Regional à semelhança do acontece com a zona histórica de Vila do Porto e que a partir daí sejam tomadas medidas em vista à sua recuperação e conservação. O deputado João Vasco Costa voltou a intervir para questionar se a peticionária sabe quantos

fortes existem nos Açores e se a peticionária faz equivaler o forte à zona histórica de Vila do Porto. A peticionária respondeu que não sabe quantos fortes existem nos Açores.

A Deputada Susana Goulart interveio para fazer referência ao Estatuto Político Administrativo da Região Autónoma dos Açores que exclui da posse da Região os bens afetos ao domínio público militar e marítimo onde se insere o Forte São João Baptista e para fazer referência de que a passagem para a Região terá implicações bem mais exigentes que uma simples troca já que estamos a trabalhar com as competências do Governo da República questionando se os peticionários tiveram em consideração os limites do nosso próprio Estatuto a este nível, ao que a peticionária respondeu que sim e até comparou com o Forte de São Brás que possivelmente estará abrangido também por estas exceções.

O Deputado Paulo Parece interveio para questionar se em primeira instância há o objetivo de atacar o estado de ruína do Forte e se neste momento a peticionária está satisfeita com a intervenção realizada recentemente, ao que a peticionária respondeu dizendo que não está satisfeita já que estas intervenções foram somente para atrasar o processo de degradação da estrutura.

A Deputada Bárbara Chaves interveio para perceber se o objetivo é a requalificação tornando-a num espaço igual ao que ele era na sua origem ou se será manter o estado a que ele se encontra agora, naturalmente dando-lhe as condições de segurança necessárias à sua manutenção, ao que a peticionária respondeu dizendo que tornar o

Forte naquilo que ele era na sua origem deverá ser complicado já que o mesmo sofreu algumas alterações ao longo da sua história não se sabendo ao certo quais foram as alterações que foram realizadas e quais as características que ficaram intactas, sendo da opinião de quem ficar responsável pelo Forte deverá ter o cuidado de trabalhar em conjunto com algumas instituições, nomeadamente na área arqueológica, para se definir qual a melhor forma de o requalificar. A Deputada Bárbara Chaves questionou também os peticionários sobre que uso acham que poderá ser dado ao Forte após a sua requalificação ao que a peticionária respondeu dizendo que as opções poderão ser várias dado o contexto da ilha, sendo uma das hipóteses o da criação de um Museu, um ponto turístico ou até mesmo um espaço de exposições, entre outras.

O Deputado Paulo Estevão interveio para felicitar a peticionária e para informar a peticionária que em 2016 realizou questões ao Governo Regional em forma de requerimento sobre a preservação daquele Forte e que em resposta o Governo Regional informou que já tinha alertado o Governo da República para esta situação e que já tinha sido feito um levantamento de necessidades e mostrou-se disponível para acompanhar esta situação. A peticionária reagiu dizendo que já tinha conhecimento do requerimento.

## **2) Audição do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila do Porto:**

Não sendo possível ao Sr. Presidente da Câmara estar presente na audição, fez-se representar pelo Vice-Presidente da autarquia, Roberto Furtado.

A audição iniciou-se com a Deputada Susana Goulart Costa a realçar o objetivo comum de todos que é a preservação do património em causa nesta petição. Assim, e visto que a classificação do imóvel como interesse municipal é o primeiro passo para a proteção do mesmo, questionou se está a ser pensada a proposta de classificação de interesse municipal deste imóvel, ao que o Sr. Vice-Presidente respondeu que não está a decorrer nenhum processo de classificação de nenhum imóvel nem a autarquia tem um trabalho feito de classificação de imóveis de interesse municipal devido aos recursos da autarquia a nível cultural. Também por este motivo não está prevista a classificação do mesmo sendo sua opinião que esta classificação não resolverá o problema do imóvel deixando claro que a autarquia estará disponível para uma parceria com o Governo Regional com vista a recuperação do mesmo. Realçou também o estudo que tem sido feito, a contrato da Câmara Municipal, por um arqueólogo. A Deputada Susana Goulart Costa voltou a intervir para esclarecer que a classificação do imóvel viria ajudar num melhor conhecimento do mesmo e por consequência ajudar no argumentário a ser criado para a recuperação do mesmo.

O Deputado Paulo Parece interveio para explicar o percurso de reivindicação da população de Santa Maria para a recuperação deste imóvel fazendo referência à incerteza que já existiu sobre a

propriedade do mesmo deixando a questão se a Câmara Municipal mantém a decisão de uma eventual colaboração com o Governo Regional e se tem havido conversações entre a Câmara Municipal e o Governo Regional que conduzam à recuperação do Forte. O Sr. Vice-Presidente da Câmara respondeu dizendo que em contatos realizados no passado através da Associação Cultural Maré de Agosto a mesma conseguiu uma autorização da Vice-Presidência do Governo Regional para a realização de alguns eventos no Forte. Em relação às conversações acrescentou que há 12 anos já iniciou as reivindicações sobre a recuperação do imóvel e a própria Câmara Municipal informou que tem tido vários contatos com o Governo Regional, realçando que a recuperação do imóvel extravasa a competência municipal mostrando que se mantém o interesse em participar na recuperação do mesmo.

O Deputado João Vasco Costa interveio fazendo referência ao Instituto Histórico da Ilha Terceira que menciona um desinteresse sobre o imóvel e que levou à sua degradação. Também perguntou se, à semelhança de outros imóveis, a autarquia tem interesse em que o imóvel, sendo propriedade do Governo da República, passe diretamente para a posse da Câmara Municipal. Questionou também sobre qual o interesse da Câmara Municipal na recuperação do imóvel já que não pondera a classificação do mesmo e se alguma vez o arqueólogo que está ao serviço da Câmara Municipal sugeriu a classificação do imóvel. O Sr. Vice-presidente da Câmara respondeu dizendo que o desinteresse a que o Instituto se refere é o desinteresse

militar sobre o imóvel. Relativamente à classificação municipal é seu entendimento que independentemente dessa classificação o interesse é a sua recuperação, realçando que tem solicitado ao Governo Regional apoio técnico para levantamento de necessidades do imóvel. Relativamente à primeira questão o Vice-Presidente informa que só depois de haver um levantamento dos recursos necessários é que esta questão se poderá colocar.

O Deputado Paulo Parece interveio para dizer que o interesse de recuperação deste imóvel deve envolver todos os níveis políticos e públicos porque este é o interesse de todos, sobretudo dos marienses, ao que o Sr. Vice-Presidente da Câmara reagiu reforçando essa mesma ideia.

A Deputada Bárbara Chaves interveio para realçar que para o PS é fundamental a recuperação e manutenção do imóvel em causa argumentando com toda a importância histórica do mesmo e questionou sobre qual será o uso que a Câmara acha que deverá ser dado ao imóvel depois da sua recuperação. O Sr. Vice-Presidente respondeu que deverá ser dado um passo de cada vez dando realce à possibilidade de haver parcerias entre Associações do Concelho e a própria autarquia para a exploração do imóvel. A Deputada Bárbara Chaves voltou a intervir para realçar a dificuldade que existe na recuperação deste imóvel dadas as características do mesmo.

### **3) Audição do Secretário Regional da Educação e Cultura (SREC):**



A audição iniciou-se com o Sr. SREC a fazer um enquadramento histórico e de missão sobre o Forte de São João Baptista e que por essa importância histórica e cultural afirmou que se justificava um processo de recuperação do mesmo realçando esta intenção desde a década de 1990 quando o Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo avançou com um esboço de um plano de intervenção capaz de originar um processo posterior de classificação como imóvel de interesse público. Acrescentou ainda que como se encontra em domínio publico marítimo é propriedade do Estado, não possuindo a Região ou as autarquias capacidade de posse e de intervenção e muito menos a possibilidade de acesso a fundos comunitários para a realização de um processo de reabilitação. Informou ainda que perante o atual Governo da República teve a oportunidade de alertar para a necessidade da recuperação e eventualmente para a clarificação da propriedade para possibilitar a intervenção dos poderes locais. Informou também que o Governo Regional informou o Conselho de Ilha de que, à semelhança do que acontece no Continente e aqui na Região, o Forte deveria passar da posse da República para a posse da Câmara Municipal de Vila do Porto, acrescentando que esta possibilidade corresponde a uma vontade já expressa em 2014 pela Câmara Municipal em respetivo Boletim Municipal. Sendo que existem, nos Açores, cerca de duzentas fortificações identificáveis é necessária a intervenção dos poderes locais dada a dificuldade de o Governo Regional acudir a todas as necessidades. Informou também que solicitou a colaboração do Laboratório Regional de Engenharia

Civil para avaliar as condições de segurança do imóvel e que do relatório realizado resultaram intervenções de manutenção da fortificação.

A Deputada Bárbara Chaves interveio para dizer que acha pertinente a proposta apresentada pelo Governo Regional em reunião do Conselho de Ilha em se passar a posse do Forte do Estado para a autarquia e questionou se esta passagem para a autarquia será facilitada se o imóvel já estiver classificado como imóvel de interesse municipal. O SREC respondeu dizendo que a Direção Regional da Cultura tem contratualizado com o Instituto Histórico da Ilha Terceira uma ação de levantamento das fortificações existentes nos Açores com vista ao seu inventário e à sua recuperação e que deste levantamento já se pode dizer que existem cerca de duzentas fortificações identificáveis na Região e que por este mesmo motivo as autarquias terão um papel fundamental da requalificação das mesmas. Aquando da conclusão deste inventário o SREC informou que é intenção propor a classificação de interesse público regional destes imóveis à semelhança do que já aconteceu relativamente a outros imóveis. Acrescentou que essa classificação poderá acontecer, acrescentando que no atual contexto burocrático isto não seja um processo mais complicado exigindo até uma autorização prévia do Governo da República.

O Deputado Paulo Parece questionou o SREC sobre a alteração de opinião relativamente à posse do Forte de São João Baptista no período de três anos e que fez com que a melhor opção para o

Governo Regional fosse a passagem da posse do Governo da República para a autarquia e questionou também se acontecendo esta hipótese o Governo Regional estaria interessado em colaborar com a autarquia na recuperação do mesmo. O SREC respondeu dizendo que a alteração de opinião relativamente a posse do imóvel se deveu a um erro de memorando preparado pela administração regional e que esta situação já foi desmentida, inclusive em Conselho de Ilha de Santa Maria. Relativamente à possível colaboração entre a autarquia e o Governo Regional o SREC esclareceu que a passagem do imóvel para a autarquia não significará que o Governo Regional se coloque à margem da sua requalificação acrescentando que a própria Direção Regional da Cultura estará sempre disponível com o apoio técnico que for necessário.

A Deputada Susana Goulart Costa interveio dizendo que o que deverá ser salvaguardado é a proteção do imóvel e que a proposta de classificação de imóvel de interesse municipal é uma peça fundamental em todo o processo sendo que este processo só carece de informação desta classificação ao proprietário e não carecendo de autorização do mesmo, acrescentando que, aumentando um patamar na classificação para interesse público, aí sim, já depende de quem tem a posse do imóvel.

### **Outros pareceres:**

Os pareceres solicitados e recebidos à data de aprovação deste relatório são anexos do mesmo.

## CAPÍTULO IV

### Parecer

Considerando as pretensões dos peticionários, bem como o teor das audições efetuadas, a Comissão Permanente de Assuntos Sociais deliberou, por unanimidade, emitir o seguinte parecer:

1. Considerando que a presente petição foi subscrita por 328 cidadãos, deve a mesma ser apreciada em Plenário da Assembleia Legislativa, nos termos e para os efeitos do disposto na alínea a) do n.º 1 do artigo 192.º do respetivo Regimento;
2. A presente petição tem como principal objetivo a recuperação e preservação do Forte de São João Baptista, na ilha de Santa Maria.
3. Ficou clara a vontade de que o imóvel seja recuperado da melhor forma possível para que haja uma futura utilização do mesmo.
4. Ficaram também claras as posições, quer da Câmara Municipal de Vila do Porto, quer do Governo Regional, sobre uma eventual parceria a vários níveis em prol da requalificação do imóvel.

5. Do presente relatório deve ser dado conhecimento ao primeiro subscritor, bem como ao membro do Governo Regional com responsabilidade e competência na matéria.

**Contatados a Representação Parlamentar do PCP e o Grupo Parlamentar do BE, embora sem direito a voto na Comissão Permanente de Assuntos Sociais, que não se pronunciaram.**

**O Relator:** João Paulo Ávila

O presente relatório foi aprovado por maioria, com os votos favoráveis do PS, PSD e PPM e com a abstenção do CDS-PP.

**A Presidente:** Renata Correia Botelho

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado. Estão agora abertas as inscrições.

Sr. Deputado João Vasco Costa tem a palavra.

**Deputado João Vasco Costa (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

O Partido Socialista gostaria, em primeiro lugar, de saudar os subscritores desta iniciativa, que representa desde logo um nobre exercício de cidadania participativa que é sempre de louvar.

A relevância do Castelo de S. João Baptista é inegável.

A partir do século XVI, os Açores foram frequentemente alvo de diversos ataques de piratas e corsários, tornando-se imprescindível dotar o arquipélago com um sistema de defesa eficiente. É neste contexto que é edificado o forte de São João Baptista ou Castelo da Praia, localizado na praia Formosa, na freguesia da Almagreira, concelho de Vila do Porto, com o objetivo de proteger a costa sul da ilha de Santa Maria.

Em relação à datação do imóvel, é possível apontar duas fases de edificação. Uma primeira, que remonta ao século XVI, e uma segunda, que data da centúria seguinte. Em relação à primeira, destaquem-se as informações recolhidas no âmbito das campanhas arqueológicas realizadas entre 2008 e 2012, período em que decorreu o projeto EAMA (Estudo da Arquitetura Moderna do Arquipélago dos Açores) desenvolvido pelo Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea da Universidade da Madeira, com o apoio da Direção Regional da Cultura e a colaboração da Câmara Municipal de Vila do Porto e da Associação Cultural Maré de Agosto.

A segunda fase da edificação foi na sequência de um grave ataque de argelinos a Santa Maria que, em 1616, causou

elevados danos humanos e materiais, obrigando a um reforço da defesa ilhense às ordens do rei Filipe III.

No entanto, a reestruturação terá sido lenta, ao sabor dos investimentos possíveis e da magnitude das rivalidades marítimas.

A partir do século XVIII, perante a diminuição dos ataques de piratas e corsários a Santa Maria e face às alterações logísticas da estratégia militar europeia, os elementos defensivos do forte de S. João Baptista foram-se debilitando.

O desinvestimento no Castelo da Praia como elemento militar justificou que, em 1921, o imóvel estivesse alugado a um particular por 8,00 escudos/ano, provocando um desgaste crescente. Na década de 80, do século passado, ainda havia elementos de artilharia abandonados junto à praia e o edifício apresentava uma degradação incisiva. Apesar da sua localização costeira ter sido valorizada em 2007, quando o espaço do forte foi utilizado como palco do “Festival Maré de Agosto”, a verdade é que a fragilidade do imóvel acentuou-se, agravando-se em setembro de 2011, quando o mau tempo que atingiu as ilhas do Grupo Oriental levou à derrocada de parte da antiga estrutura.

Perante a progressiva degradação do imóvel, entre finais de 2016 e 2017, o Governo Regional dos Açores solicitou a

colaboração do Laboratório Regional de Engenharia Civil para avaliar as condições de segurança do imóvel. Em resultado do relatório, foram efetuadas intervenções de manutenção da fortificação, para acautelar a segurança do bem e de pessoas.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo,

Teve, esta petição o indiscutível mérito de, clarificar águas relativamente a um dos aspetos mais relevantes que envolvem tudo quanto se possa dizer e pensar sobre o Forte de São Batista, a titularidade da propriedade do mesmo.

Tal facto, quer jurídica quer politicamente tem toda a importância:

- por um lado, põe a nu a negligência do Estado Português, proprietário daquele imóvel, na sua manutenção e preservação ao longo de décadas;
- por outro lado, permite exigir do mesmo uma de duas atitudes, ou que proceda à sua efetiva recuperação, ou então que transfira a propriedade do mesmo para quem possa e esteja melhor colocado para, de forma eficaz, efetuar tal recuperação e preservação, por forma a dar-lhe a dignidade que merece.



Aqui chegados, o Partido Socialista e o Governo têm assumido uma postura coerente e clara: quem tem legitimidade jurídica para intervir seja na manutenção seja na preservação de um qualquer imóvel é sem dúvida, o proprietário do mesmo.

Convém relembrar, todavia que o Governo Regional dos Açores preocupado com a segurança do edifício em causa solicitou um relatório ao LREC, a partir do qual realizou a necessária intervenção por forma a que o mesmo não pudesse ruir.

Refira-se que o Governo da República está disponível para transferir a propriedade do forte para a Câmara Municipal de Vila do Porto, à semelhança do que fez, ao transferir para a Câmara Municipal da Horta as posições militares dos fortes da Espalamaca e do Monte da Guia.

A Câmara Municipal de Vila do Porto tarda em perceber toda a utilidade desta transferência, o que se lamenta, e restará que se posicione ou do lado da solução ou do lado do problema.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Na nossa perspetiva, e atenta a sucessiva negligência por parte do Estado na preservação e manutenção do Forte de S. João Batista, o caminho só pode passar pela transferência da titularidade do mesmo para a Câmara Municipal de Vila do Porto que é quem melhor poderá levar a

cabo o desafio de o recuperar, preservar e dar a utilidade que os marienses merecem.

Por diversas vezes, e publicamente, o Sr. Presidente do Governo Regional assumiu total abertura para eventuais parcerias a celebrar no futuro com a autarquia mariense, por forma a garantir que esta não estará, nem nunca se sinta só nesta tarefa. Esta é, em nosso entender a melhor forma de tornar eficaz e exequível tal desiderato.

Concluindo, percebendo e concordando com a ideia de recuperar e preservar aquele património de inegável importância para os Marienses e conseqüentemente para os Açores, pensamos que a titularidade do Forte de S. João Batista deva passar diretamente para a esfera da Câmara Municipal de Vila do Porto. Não basta apregoar descentralização, há que assumi-la sem receios, com frontalidade e ambição.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Paulo Parece.

**Deputado Paulo Parece (PSD):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Quero em primeiro lugar, em nome do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, saudar, na pessoa da Senhora Ângela Loura, os 328 subscritores da Petição “Recuperação e Preservação do Forte de São João Baptista na Ilha de Santa Maria”.

É de louvar e elogiar a motivação deste grupo de cidadão que deram corpo e suscitaram um amplo debate público sobre uma preocupação que desde há muito une os marienses.

O Forte de São João Baptista, conhecido localmente como o Castelo da Praia, situa-se na Praia Formosa, Freguesia de Almagreira, Ilha de Santa Maria.

Trata-se de uma “pequena fortaleza entre o caminho litoral e o mar. É constituída por uma plataforma abaluartada, parcialmente murada e ameada, onde, confinando com o caminho público, está implantado um corpo torreado de que restam as paredes resistentes.” E cujo o atual estado de conservação é: ruina, conforme consta na ficha de caracterização do Inventário do Património dos Açores elaborado pelo Instituto Açoriano de Cultura.

A importância histórica deste imóvel, que originou a petição em apreciação, ganhou notoriedade a partir da realização de sucessivas Campanhas Arqueológicas ao Castelo de São João Baptista, Iniciadas em 2008, por iniciativa do arqueólogo Élvio Sousa. Estas campanhas

tiveram apoio do projeto EAMA-Estudo da Arquitetura Moderna do Arquipélago dos Açores desenvolvido pelo Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea da Universidade da Madeira. Estes trabalhos tiveram também apoio da Direção Regional da Cultura e a colaboração da Câmara Municipal de Vila do Porto e da Associação Cultural Maré de Agosto.

Estas escavações permitiram identificar o Castelo de São João Baptista como a possível fortificação mais antiga dos Açores.

Em agosto de 2010, na segunda campanha, uma equipa mista das Universidades da Madeira e dos Açores, permitiu o levantamento tridimensional do forte e a comparação entre a estrutura original e a acrescentada.

Estas escavações revelaram que o núcleo inicial, em torre, remonta ao século 16, numa fase histórica ainda de povoamento da ilha. Posteriormente, talvez em finais de 1500 e início de 1600 e, possivelmente, por ordenação Filipina, foi acrescentada uma muralha defensiva ao forte.

Esta característica torna o forte de São João Baptista num exemplar de grande interesse para a História do Atlântico.

Cientes da importância deste valioso património Histórico, desde então, a sociedade civil mariense tem-se mobilizado na defesa da sua recuperação e preservação quer por ação das associações locais de defesa de património e Associações culturais, quer por ação dos órgãos políticos: Câmara e Assembleia Municipal.

Também o Conselho de Ilha vem reivindicando e alertando para a importância deste assunto que tem incluído em sucessivos memorandos apresentados ao Governo dos Açores aquando da visita estatutária a Santa Maria e agora, também, através desta Petição...

A titularidade do Imóvel tem sido o principal argumento utilizado para o constante adiar da solução que a cada dia que passa agrava o estado de degradação em que se encontra o Castelo da Praia sob pena de tornar impossível a sua reabilitação.

A assunção pelo Secretário Regional da Educação e Cultura, em 2015, de que o imóvel em questão seria propriedade da Região, situação desmentida e corrigida, pelo próprio, no ano seguinte perante o Conselho de Ilha, justificando que tal informação se “deveu a um erro de memorando preparado pela administração regional”, é exemplo bem demonstrativo do “empenho” do Governo a propósito deste assunto...

Em 2017, de novo na reunião do Governo com o Conselho de Ilha, perante a insistência e chamada de atenção deste órgão para o estado de degradação acelerado em que se encontra o Forte, foi a vez do Sr. Vice-Presidente do Governo anunciar que o referido imóvel deverá passar diretamente do Governo da República para a Autarquia...

Como se vê, TUDO tem servido de argumento, mesmo o mais rebuscado para adiar a resolução de um problema sem fim à vista.

Apesar disso, a Câmara Municipal de Vila do Porto, considerando que a recuperação do imóvel extravasa a competência municipal, está

disponível para, em parceria com o Governo Regional, participar na recuperação do mesmo.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

São três os pontos que constituem o objeto da Petição que estamos a apreciar:

- A passagem da titularidade do Forte de São João Baptista, na ilha de Santa Maria para o Governo Regional dos Açores.
- A Classificação do Forte de São João Baptista como património protegido, à semelhança do que acontece com a “zona antiga de Vila do Porto”.
- A garantia de verbas para a recuperação e preservação do Forte de São João Baptista para fins museológicos/Turísticos, bem como campanhas arqueológicas.

Relativamente à primeira pretensão, é nosso entendimento que deverá o Governo dos Açores proceder e envidar todos os esforços para passar a titularidade do imóvel para propriedade da Região, naturalmente que facilitada pelo tão apregoado excelente relacionamento e pela proximidade e privilegiado entendimento entre este Governo da República e o Regional.

Os peticionários pretendem, também, a classificação do Forte de São João Baptista como património protegido.

Este é um imóvel único, não só nos Açores, mas também no contexto da arquitetura militar da expansão portuguesa.

A proposta de classificação do imóvel é igualmente defendida por diversas entidades cujos pareceres foram entregues à Comissão Parlamentar de Assuntos Sociais a propósito da petição aqui em apreciação:

A Universidade dos Açores considerou “adequada a proposta de classificação” do Forte de São João Baptista enquanto “imóvel de interesse público”.

O Instituto Histórico da Ilha Terceira defendeu a necessidade de “classificar e consolidar todas as estruturas que ainda restam” do imóvel.

Também o Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea afirmou, no seu parecer, que deve ser “estabelecido um registo patrimonial de classificação seguido de um projeto de reserva arqueológica de proteção, ao abrigo da legislação”.

Os pareceres apresentados pelas referidas entidades comprovam as vantagens e a necessidade de classificação do Forte de São João Baptista como imóvel de interesse público.

No início de 2017, o Diretor Regional da Cultura revelou “a intenção de divulgar, ainda naquele ano, a lista revista e atualizada de património imóvel dos Açores

Em resposta a um requerimento efetuado por esta bancada, sobre este assunto em particular, fomos informados através da Direção Regional da Cultura, que a Secretaria Regional da Educação e Cultura

estabeleceu uma colaboração com o Instituto Histórico da Ilha Terceira para o levantamento do Património Militar Imóvel da RAA e que uma eventual classificação como imóvel de interesse público de qualquer das fortificações encontra-se, pois, na dependência do documento final a elaborar por aquele instituto.

Apesar de não ser conhecido até à data o documento em questão, consideramos estarem reunidas todas as condições para que o Governo Regional, no âmbito do processo de atualização do Inventário do Património Imóvel dos Açores, classifique o Forte de São João Baptista, na Praia Formosa, como imóvel de interesse público.

Deverá, também, o Governo Regional definir um plano de reabilitação e conservação do imóvel, devido ao profundo estado de degradação em que este se encontra.

Finalmente,

- A garantia de verbas para a recuperação e preservação do Forte.

Sensível a este assunto, é bom recordar que o Grupo Parlamentar do PSD em novembro passado, em sede da discussão do Plano e Orçamento para 2018, neste Parlamento, propôs a criação de nova ação, com o objetivo de preservar e recuperar o Forte de São João Baptista, na Ilha de Santa Maria, no valor de 100 000 €, indo assim ao encontro da pretensão da sociedade civil mariense e dos peticionários.



A mesma, foi chumbada pela maioria socialista nesta casa!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem!  
Muito bem!

**O Orador:** Lamentamos, que o PS em Santa Maria, através do seu Deputado João Vasco Costa considere que, e cito “a oposição tente iludir os cidadãos, propondo como solução para o Forte de São João Baptista uma verba, desvalorizando assim a afirmação da nossa autonomia, que nos permite reivindicar a quem de direito – neste caso ao Governo da República – que assuma as suas responsabilidades neste processo”. Fim de citação.

É caso para dizermos que o Governo e a maioria que o suporta neste Parlamento se entendam e que, por sua iniciativa ou exigindo responsabilidades à República, encontrem as soluções que satisfaçam a pretensão deste grupo de cidadãos.

Estamos aqui, como sempre o afirmamos, convictamente, para servir os Açorianos.

Apelamos por isso, à sensibilidade e ao empenho do Governo, bastando para tal vontade política e respeito pelos açorianos e neste caso pelos marienses.

Disse

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem!  
Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Secretário Regional pede a palavra para?

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos**

**Parlamentares** (*Berto Messias*): Uma interpelação, Sra. Presidente.

**Presidente:** Uma interpelação tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos**

**Parlamentares** (*Berto Messias*): Sra. Presidente, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Deputados, Caros Colegas:

Sra. Presidente, apenas para solicitar a V. Exa. uma clarificação, para quem virá a ler o Diário das Sessões e eventualmente esteja a ver e a ouvir este debate não possa ficar um pouco confundido. Queria apenas pedir-lhe que clarificasse se o Governo pode participar no debate no âmbito de uma Petição...

**Deputado Paulo Parece** (*PSD*): Claro que não!

**O Orador:** ... porque foi visado várias vezes, e interpelado várias vezes, na intervenção que acabou de acontecer.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

De facto, o nosso artigo 192.º não prevê, nem permite a participação do Governo na figura da Petição.

**Deputado Paulo Parece** (*PSD*): Nem no da República, Sra. Presidente!

**Presidente:** Pergunto agora se há inscrições?

Sr. Deputado Rui Martins tem a palavra.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Primeiramente pretendo saudar os peticionários, e em particular a Sra. Ângela dos Santos Loura, enquanto primeira subscritora desta Petição, pois iniciativas como esta são um importante contributo para a aproximação dos eleitores e dos seus representantes eleitos, num direito que também está consagrado no Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

Relativamente ao objeto da Petição, que é em prol da recuperação e preservação do Forte de São João Baptista, na Ilha de Santa Maria, o Grupo Parlamentar do CDS revê-se neste objetivo, salientando a importância da recuperação e preservação do património, subscrevendo assim as pretensões dos peticionários.

Ficou claro nas audições de que é de superior interesse dos marienses a passagem da tutela deste património para a Região, seja ela propriedade do Governo Regional ou do próprio município, porque o que é verdadeiramente importante é a possibilidade de intervir neste património recuperando-o, valorizando-o e colocando-o ao dispor dos marienses e de quem os visita.

Assim, esperamos que este tenha sido o primeiro passo para, de uma vez por todas, se dar início ao processo de passagem da propriedade da República para a Região e, posteriormente, se poder recuperar este importante marco da nossa história comum.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

(\*) **Deputada Zuraida Soares (BE):** Muito obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

É mais do que justo começar por saudar, em nome do Bloco de Esquerda, os mais de 300 peticionários e peticionárias que aderiram a esta ação cívica, a esta intervenção cívica, no sentido de manifestar a sua preocupação pela salvaguarda, pela recuperação e pela manutenção do nosso património cultural, património que conta a história dos Açores e de cada uma das suas ilhas, e portanto, conta no fundo a história do nosso país, e que no caso em apreço se materializa no sentido de solicitar a esta câmara que se pronuncie sobre a necessidade, diria mesmo a urgência, da recuperação e da preservação do Forte de São João Baptista, Castelo da Praia, na Ilha da Santa Maria.

Feita esta justa saudação, dizer a propósito que é uma pena que o Governo Regional, de facto, de acordo com o nosso Regimento, não possa intervir na discussão das Petições que vêm a este Parlamento, pelo que, desde já posso adiantar que o Bloco de Esquerda proporá, na nossa ainda, eterna e adiada revisão do Estatuto que o Governo Regional possa intervir e participar no debate das Petições.

Deve fazê-lo até no sentido de prestar esclarecimentos que de outra maneira ficarão por prestar e é o caso, Sras. e Srs. Deputados, no que concerne a esta Petição. E por que é que é que o caso? Porque há uma conclusão inevitável, ou várias.

Primeira: esta Petição entrou na nossa Casa em dezembro de 2016. Quando entrou já dizia que a situação física deste forte era bastante periclitante. Passou mais de um ano, Sras. e Srs. Deputados. Portanto, se há um ano atrás, se nada fosse feito, a Região, e a ilha de Santa Maria em concreto, corriam o risco de perder um bocado, um pedaço do seu património cultural, histórico, absolutamente significativo não só para a ilha, mas para a Região e para o país, passado mais de um ano, nós já não corremos esse risco.

Quer dizer, nós nem sabemos se no dia em que for tomada uma decisão, se ainda existe alguma coisa para recuperar, isto só pode ser lamentável a todos os títulos, sobretudo quando é possível... Não sei se será completamente justo. É uma pena, mais uma vez, que o Governo Regional não se possa pronunciar, mas é pacífico concluir, das várias intervenções que já ouvimos acerca desta Petição, que há um braço de ferro entre várias entidades, há um braço de ferro, desde logo, entre o Governo Regional e o Governo da República, porque o Governo da República há muito tempo, pelos vistos há mais de 10 anos, que tem sido sensibilizado pelo Governo Regional, no sentido de que a propriedade deste imóvel passe para a Região. É isso que consta do relatório da Comissão que li com atenção (12 anos, mais de 12 anos!).

Portanto, há aqui um braço de ferro que não está resolvido.

Depois há um braço de ferro entre o Governo Regional e o Presidente da Câmara de Vila do Porto no sentido de perceber quem é que fica

com “o menino nos braços”, se é a Câmara ou se é afinal o Governo Regional. E este braço de ferro também não está resolvido.

Aliás, no mesmo relatório, o Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila do Porto, quando foi chamado a pronunciar-se sobre esta matéria, disse o seguinte: “em relação às conversações entre o Governo Regional e a Câmara, elas duram há 12 anos, com sucessivas reivindicações sobre a recuperação do imóvel e a própria Câmara Municipal. Informou que tem tido vários contactos com o Governo Regional, realçando que a recuperação do imóvel extravasa a competência municipal, mas mostrando que mantém o interesse em participar na recuperação do mesmo”.

Portanto, braços de ferro existem!

Que há um imóvel a morrer aos bocadinhos também é verdade.

Que há felizmente na nossa Região vários, variadíssimos, centenas de cidadãos e de cidadãs preocupados com o que esta perda significa de lesão à memória histórica desta Região e deste país, também há.

Então a pergunta é esta: o que é que falta? O que é que falta para esta situação que os peticionários trazem a esta Casa ter alguma luz ao fundo do túnel?

Fica a pergunta. O Governo não pode responder, mas talvez numa outra oportunidade.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Concluimos assim este nosso ponto da Agenda. Vamos dar continuidade aos nossos trabalhos. Entramos agora no ponto oito:

**Projeto de Resolução n.º 25/XI – “Recomenda ao Governo Regional a contratação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil para a realização de uma auditoria técnica às obras do novo cais de passageiros e respetivo molhe do Porto da Horta”,** apresentado pelo Grupo Parlamentar do BE.

Alerto a câmara que foi entregue à Mesa e já distribuído por todos uma proposta de substituição integral. É sobre ela que vai incidir o debate e também será ela que depois será colocada à votação.

Para apresentação do diploma tem a palavra o Sr. Deputado António Lima.

**Deputado António Lima (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Começo apenas por referir, como foi já explicado pela Sra. Presidente, que o Bloco de Esquerda entregou uma proposta de substituição integral deste Projeto de Resolução que alterou apenas a sua parte resolutiva num pequeno pormenor de linguagem.

O Porto da Horta foi, durante anos, um porto seguro e uma referência para todos aqueles que, na travessia atlântica, o procuravam para refazer forças, abastecer ou procurar socorro de qualquer tipo.

Este facto granjeou – entre iatistas e velejadores – renome mundial ao porto da Horta e foi, desde há muito, uma fonte imprescindível para a economia da cidade da Horta e da ilha do Faial.

Desenvolver este potencial económico, modernizando-o, multiplicando os seus serviços e aumentando a segurança, eram os

anseios dos agentes económicos da ilha do Faial assim como de toda a população.

Foi esta a promessa do Governo Regional aos faialenses, quando levou por diante o projeto do novo cais de passageiros e respetivo molhe, prometendo condições para a receção de navios de cruzeiros, através de um cais para cruzeiros com cerca de 400 metros de comprimento e profundidade de menos 12 metros; o aumento da segurança no porto e condições para uma maior diversificação de serviços e um digno cais de passageiros.

Infelizmente, estas promessas não foram concretizadas, como o resultado do que foi feito é preocupante no que diz respeito à segurança e operacionalidade do porto e, portanto, da economia da ilha. Para além de uma gare de passageiros digna, tudo o resto ficou pior. Se não, vejamos:

- O cais de acostagem para cruzeiros, pela sua baixa profundidade, de apenas 8 metros, não tem condições para acostagem de muitos destes navios, com exceção para os de pequeno calado. A título de exemplo, dos navios de cruzeiro que se preveem que escalem a Horta em 2018, quase 40% não poderão atracar no cais de passageiros devido ao seu calado. Este facto limita muitíssimo a operacionalidade do porto e não permite uma verdadeira alavancagem da economia da ilha.

- O porto, antes seguro e calmo, passou a ser assolado por ondulação (por vezes forte), no seu interior. Ao contrário do passado, o ‘porto de abrigo’ passou a ser um ‘porto problemático’, criando, assim, condições para que o porto da Horta seja riscado das escalas por



muitos amantes do mar, com consequências nefastas para a economia da ilha.

Para remediar estes malefícios, o Governo Regional apresentou, agora, novas obras no interior do porto, a chamada segunda fase do reordenamento do porto da Horta. Estas, da forma como são apresentadas, não visam mais do que branquear os erros do passado, sem estudar a fundo o que está mal e recorrendo a todos os meios técnicos disponíveis para os remediar. Assim, caminha-se novamente para decisões precipitadas que seguramente se irão traduzir em mais erros de palmatória que põem em causa esta infraestrutura fundamental para o Faial.

As novas obras poderão não resolver as questões de fundo com que hoje se debate o porto da Horta e, por outro lado, arriscam ainda ser mais um fator de incerteza e instabilidade, aumentando a ondulação em áreas fulcrais do porto.

As infraestruturas portuárias são fundamentais para qualquer região e essa importância fulcral é ainda mais óbvia quando falamos de ilhas. Para além disso, as obras nestas infraestruturas são complexas e, como todos sabemos, têm custos financeiros elevados.

É por isso que os erros nestas obras custam muito caro e as emendas são, na maioria das vezes, pior do que os sonetos. Veja-se o que sucedeu com o Porto de pescas de Rabo de Peixe, cujo projeto foi desde o início contestado, mas que ainda assim avançou, o que levou à necessidade de, anos mais tarde, se tentar remendar o que se havia feito. O que ficou, continua a ser alvo de críticas dos pescadores por

não oferecer as condições de operacionalidade e segurança que se exigiam.

É por isso que não podem de forma alguma ser ignorados todos os alertas dos operadores do porto da Horta.

Quando os agentes, diretamente envolvidos no porto, apontam o dedo à má conceção da obra do novo molhe do porto da Horta – exatamente, porque todos estes problemas só surgiram após a conclusão das obras do molhe –, o Governo Regional propõe-se gastar 14 de milhões de euros, por pura teimosia e para proteger a incompetência dos dirigentes da “Portos dos Açores”.

É incompreensível – à luz da razão, da economia do Faial e da tão falada economia do mar – que o Governo Regional teime em premiar a incompetência, nem que para isso ouse gastar dezenas de milhões de euros de dinheiro público, num remedeio cujo resultado é muito duvidoso e incerto.

Alertam ainda as forças vivas, para os riscos de aumento de agitação marítima na baía norte, com o projeto recentemente apresentado. Perante estas dúvidas, o Governo Regional, na voz na Sra. Secretária Regional das Obras Públicas admitiu que esta solução possa gerar mais agitação marítima no interior da marina da Horta, mas ao mesmo tempo, a Sra. Secretária admitiu repensar projeto.

Chegados, pois, aqui, impõe-se a questão: está o Governo Regional disponível, como propõe o Bloco de Esquerda, para, após suspender o processo de lançamento do concurso público para as novas obras do porto da Horta, encomendar ao Laboratório Nacional de Engenharia

Civil uma auditoria técnica às obras do novo cais de passageiros que inclua a apresentação de soluções técnicas para que esta infraestrutura possa cumprir plenamente o objetivo para a qual foi construída, ou seja, potenciar o desenvolvimento económico do Faial?

Ou continuará o Governo por um caminho de decisões casuísticas, e irresponsáveis, não suportadas por estudos técnicos aprofundados, que saem mais caras ao erário público, pois exigem, pela sua inadequação, correções que inevitavelmente serão necessárias no futuro?

Obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão agora abertas as inscrições.

Sr. Deputado Luís Garcia tem a palavra.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs.

Membros Secretários Regionais:

A história do Faial e dos Açores está marcada pelo forte contributo do seguro porto da Horta. Os cabos submarinos, as travessias aéreas transatlânticas e mais recentemente o iatismo internacional conferiram e conferem a este porto um papel central na projeção das ilhas açorianas no mundo e um contributo insubstituível para a nossa vida social e económica.

O respeito por este percurso histórico, mas também pelo seu contributo para o desenvolvimento presente e futuro dos Açores, recomendam (diria mesmo que obrigam) que as intervenções numa

infraestrutura desta natureza devam ser devidamente refletidas e estudadas para que se evitem erros que possam vir a comprometer a sua segurança e a sua operacionalidade.

Infelizmente, não é isso que tem acontecido no porto da Horta.

Para o explicar e contextualizar é útil neste debate recordar o longo percurso de peripécias, de promessas não cumpridas, de inverdades e de erros que têm marcado os investimentos no porto da Horta.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Começamos então pelo ano de 2007, ano em que o então Secretário da Economia anunciou que o Governo Regional iria lançar um concurso público para criar no porto da Horta “um cais para cruzeiros “com cerca de 400 metros de comprimento e à profundidade de menos 12 metros”.

Prometia mais, o enfático Secretário Duarte Ponte (e cito): “Horta e Portas do Mar vão receber os maiores navios de cruzeiro do mundo”.

Para que todos consolassem as vistas a maravilhosa promessa foi, com pompa e circunstância, à boa maneira socialista, exibida numa maquete na Semana do Mar.

A verdade é que, por razões economicistas ou outras, o novo cais sofreu um forte revés e minguou, dos prometidos 400 m passou para 260 e dos menos 12 metros passou para menos 6, que, entretanto, já em obra e com uma dragagem, decidiram ir até aos menos 8 metros.

Sai Duarte Ponte e entra Vasco Cordeiro, mas a teimosia e as vistas curtas da governação mantêm-se e a obra concretiza-se com essa

redução que inviabilizou a utilização deste cais para a receção dos tais “maiores navios de cruzeiro do mundo”.

E não fosse isso já suficientemente grave, a orientação com que ficou aquele cais teve e tem implicações na segurança e na operacionalidade do porto da Horta, com determinadas correntes. Para o confirmar bastará falar com quem trabalha neste porto.

Esse erro podia e devia ter sido evitado se o Governo tivesse ouvido muitos faialenses conhecedores do nosso porto que alertaram para esses riscos. O Governo não os quis ouvir e até hoje não é capaz de assumir os erros que cometeu.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Muda-se de fase, mas o folhetim continua.

A designada 2.<sup>a</sup> fase, tal como a primeira, está a ser marcada por três caraterísticas.

A primeira é que também foi adiada no tempo, ou seja, foi prometida para a legislatura anterior, mas ainda está por concretizar, apesar dos cerca de 13 milhões de euros que foram inscritos nos planos regionais.

A segunda caraterística comum às duas fases do reordenamento do porto da Horta é que tudo foi preparado às escondidas e sem o envolvimento efetivo dos Faialenses, mesmo dos que desenvolvem as suas atividades naquele porto.

A terceira caraterística comum refere-se à diferença entre o que foi prometido e o que foi ou é executado. O que o Governo diz que vai

concretizar nesta 2.<sup>a</sup> fase difere, e muito, do que foi prometido aos Faialenses. Deixa de fora vários investimentos prometidos.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Houve alguém que tropeçou na maquete!

**O Orador:** No último ano da anterior legislatura o Governo operou a multiplicação das fases e dividiu a designada 2.<sup>a</sup> fase em três novas intervenções, ou seja, em três novas fases, ficando o investimento que era para ser feito em duas fases, agora terá quatro.

Mas esta não foi a única multiplicação operada. O projeto também vai sendo multiplicado e já vai para a sua 4.<sup>a</sup> versão, sem conseguir recolher a aceitação dos Faialenses.

Em 2016 apesar da grande contestação que o projeto apresentado motivou, o governo lançou-o a concurso, que ficou deserto.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Graças a Deus!

**O Orador** Aproveitando esse facto o Governo anunciou em fins de 2016 que o projeto, (o tal projeto!) que antes assegurava todas as condições de segurança e de operacionalidade, afinal esse projeto ia ser revisto.

Em novembro de 2017, a nova Secretária dos Transportes apresentou a nova versão do projeto, cujo autor admitiu poder vir a introduzir maior agitação na parte norte da nossa Marina da Horta.

Os Faialenses nem queriam acreditar, um ano a rever um projeto e apresentam uma nova versão que coloca em causa aquela que é seguramente uma das valências mais importantes do nosso porto.

Obviamente que esta nova versão motivou nova contestação e pareceres negativos das instituições do Faial e o que fez o Governo? Anunciou que o projeto vai ser novamente revisto.

Resultado: de revisão em revisão o investimento vai sendo adiado.

Se há pouco afirmei que as duas fases deste investimento ficaram marcadas por três características semelhantes, há, contudo, uma grande diferença.

Se na 1.<sup>a</sup> fase perante a grande contestação dos faialenses face à diminuição imposta no novo cais, o Governo disse (e cito): “ou é isso ou é nada”; agora não o dizem claramente e então vão apresentando versões controversas de projetos à espera da contestação e assim obtendo o argumento para não fazer o investimento.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Este processo, Sras. e Srs. Deputados, é tão invulgar e tão revelador de má consciência que hoje, após a revisão da 2.<sup>a</sup> versão e agora da 3.<sup>a</sup> versão do projeto, eu pergunto e se o concurso lançado em 2016 não tivesse ficado deserto, o que teria acontecido? Eu respondo: estariam a cometer mais erros no porto da Horta, pois estaria a ser implementado um projeto que até o governo quis posteriormente alterar. E pergunto: isto é normal numa governação responsável?! Isto é normal?

**Deputado Carlos Silva (PS):** Responda!

**O Orador:** É assim que o Governo e o PS têm enganado e entretido os Faialenses em relação a este investimento:...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... com promessas nunca concretizadas, com milhões nunca investidos e com projetos que subvertem as promessas feitas.

O que o Governo fez e quer fazer no porto da Horta é quase criminoso e não podemos permitir que se cometam mais erros numa infraestrutura que é estratégica para o desenvolvimento do Faial e dos Açores.

Exige-se, por isso, que as soluções a implementar neste investimento sejam bem refletidas e estudadas de forma séria e independente.

Inclusivamente devem ser avaliadas e propostas soluções para corrigir ou atenuar os problemas causados pela orientação dada ao novo cais construído a norte da baía.

Sras. e Srs. Membros do Governo: o Faial tem um porto com condições naturais extraordinárias que devem ser potenciadas e não destruídas e garanto-vos que os Faialenses estarão muito atentos e não vão permitir que se cometam mais erros no seu porto.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem!  
Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sr. Deputado Tiago Branco tem a palavra.

**Deputado Tiago Branco (PS):** Obrigado, Sra. Presidente.



Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Quando falamos do Porto da Horta falamos de uma infraestrutura histórica que ao longo dos anos tem sido de fundamental importância para o desenvolvimento económico da ilha do Faial e um pilar inquestionável na concretização da cidade da Horta enquanto cidade-mar dos Açores.

A contínua melhoria das condições de operacionalidade e segurança do Porto da Horta e daqueles que lá operam diariamente tem motivado importantes investimentos que os Governos do Partido Socialista têm feito naquela infraestrutura.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Desde 1999, foram investidos 70 milhões de euros que tiveram sempre na sua base a melhoria das suas condições de vivência.

O Novo Terminal Marítimo de passageiros, inaugurado em 2012, consagrou a separação da atividade comercial da atividade destinada ao tráfego de passageiros e que, acompanhado pelo investimento realizado em novos navios, revolucionou – ao contrário do que é afirmado neste projeto de resolução –...

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... o transporte marítimo de passageiros e viaturas no triângulo.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Tal facto comprova-se num aumento de 22% de passageiros desembarcados e embarcados no porto da Horta comparando os números de 2013 com 2016, tendo-se registado, no final de 2017, um recorde de passageiros transportados no Grupo Central...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Graças aos “Cruzeiros”!

**O Orador:** ... que atingiu os 500 mil e pelo qual o Terminal Marítimo da Horta muito contribuiu.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** O que é que isso tem haver com a agitação marítima!?

**O Orador:** Este investimento permitiu igualmente, ao contrário do que é afirmado neste projeto de resolução, potenciar a atividade do turismo de cruzeiro.

Senão vejamos:

Para quem diz que não atracam navios no Terminal Marítimo da Horta, em 2013, atracaram 13 navios; em 2014, 15 navios; em 2015, 23 navios; em 2016, 23 navios; e em 2017, 27 navios.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E grandes!!!

**O Orador:** Estes objetivos alcançados são bem reveladores da importância que a nova infraestrutura trouxe para o desenvolvimento da ilha do Faial.

Este projeto de resolução pede que seja contratado o Laboratório Nacional de Engenharia Civil para realizar uma auditoria técnica ao Terminal Marítimo da Horta partindo de um pressuposto de que a obra levada a cabo não foi sustentada pelos devidos estudos técnicos

nomeadamente ensaios de agitação marítima tanto em modelo físico como em modelo matemático.

Foi precisamente no Laboratório Nacional de Engenharia Civil que foi realizado, em 2008, ensaios de agitação marítima em modelo reduzido do projeto de requalificação do Porto da Horta, onde se incluía já o novo cais de passageiros da Horta.

Esses ensaios culminaram num relatório elaborado pelo LNEC, que está ao dispor desta Casa, e que espelha as conclusões e os resultados desses ensaios,...

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Qual deles?

**O Orador:** ... o que só revela que, ao contrário do que é dito neste projeto de resolução, o projeto de requalificação do Porto da Horta é sustentado tecnicamente...

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... precisamente pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil...

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... e pelo próprio projetista que tem um reconhecido *know-how* nesta matéria.

Também é proposto e cito “que o Governo Regional adie, de imediato, a assumida pretensão da Portos dos Açores de lançar o concurso público para novas obras no Porto da Horta, evitando assim factos consumados e encargos futuros”.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** O estudo foi feito em 2008 e o projeto foi apresentado em 2013!

**O Orador:** Não. O Grupo Parlamentar do Partido Socialista não pode concordar que se adie este investimento,...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Passaram-se cinco anos! Imediatamente!

**Presidente:** Srs. Deputados...

**O Orador:** ... um investimento de 14 milhões de euros que não deve ser desperdiçado e que é fundamental para continuar a melhorar as condições de operacionalidade e segurança do Porto da Horta e as condições de funcionamento dos diversos sectores de atividade portuários, num processo que está a envolver todas as entidades que integram a Comissão Municipal para os Assuntos do Mar.

Não queremos travar este investimento no Porto da Horta, e também por esse motivo, não podemos viabilizar este projeto de resolução.

Disse.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Graça Silveira, tem a palavra.

**Deputado Francisco César (PS):** A Sra. Deputada Graça Silveira já gastou o seu tempo em apartes!

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Os especialistas em infraestruturas portuárias afirmam sistematicamente que as obras marítimas não se podem resumir apenas a cálculos de engenharia, mas ao contrário estão fortemente dependentes da experiência humana.

Quem pode ter mais experiência do que os nossos mestres, do que os nossos homens do mar, que durante anos navegaram e atracaram barcos nas nossas ilhas?

No entanto, por ignorância, por incompetência ou arrogância não se ouve nada, nem ninguém, e os resultados desta prepotência velada estão à vista.

O suposto cais de cruzeiros transformou-se num terminal de passageiros e ao fim de 55 milhões de euros os barcos continuam a fundear ao largo.

**Deputado Francisco César (PS):** São navios!

**A Oradora:** O Sr. Deputado Tiago acabou de dizer que são cinco por ano. Antigamente eram muito mais do que esses, só que ficavam fundeados ao largo.

**Deputado Francisco César (PS):** Não foi nada disso que ele disse!

**Deputado Tiago Branco (PS):** Eram 27!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Eram maiores!

**A Oradora:** Vinte sete? Seja o que for!

Mas eu explico qual é o problema. Eu explico-lhe, Sr. Deputado, se me quiser ouvir e não quiser gastar também o seu tempo em apartes.

**Deputado Francisco César (PS):** É preciso ter lata!

**A Oradora:** Os cálculos estavam feitos, porque os navios de 200 metros que até, e segundo aquilo que é dito neste relatório, e para ser mais precisa na resposta à Sra. Deputada Zuraída Soares, quando disse que ficou tudo pior e foi dito que afinal ficou tudo melhor, que os barcos de 200 metros representavam 58% da frota mundial, isso é verdade. Mas são os barcos de 200 metros de calado, que a nossa bacia não tem.

Ou seja, barcos de 200 metros com calado inferior a 7 metros, não são seguramente 58, porque a nossa baía, como já foi dito, era para ter 12 metros de profundidade, acabou com 6 metros de profundidade e depois tiveram que se gastar mais 3,5 milhões numa nova empreitada para fazer a dragagem da bacia para conseguir ter pelo menos 8 metros de profundidade, mas se tivermos que dar uma folga de 1 metro e meio por questões de ondulação, por segurança, os barcos não podem manobrar ali com um calado superior a sete metros.

Portanto, barcos de 200 metros com menos de sete metros de calado são muitos poucos e nós vemos que existem imensos barcos que continuam a ficar ancorados ao largo da baía.

Mas não vem mal nenhum ao mundo, porque se aquilo que o Governo Regional queria era efetivamente aumentar as condições de segurança de quem todos os dias tem que viajar entre o Faial e o Pico, tinha-se feito um terminal de passageiros por 9 milhões, que de resto foi o que custou o terminal de passageiros da Madalena do Pico e tinha-se poupado 45 milhões ao erário público.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Querer um cais de cruzeiros e acabar com um terminal de passageiros, gastando 55 milhões, é que é seguramente uma gestão danosa do erário público dos açorianos.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Mas digo-lhe mais: mesmo em relação ao Terminal Marítimo da Madalena, que toda a gente conhece o mar sempre disse que aquele terminal construído naquele lugar, construído com a boca virada para o inferno, mais dia, menos dia, ia dar uma desgraça. E deu!

Mas não foi só uma desgraça! Já tinham rebentado cabeços. De resto, toda a gente falou dos cabeços que rebentaram no Terminal da Madalena, mas um mês antes já tinha rebentado um cabeço exatamente no Terminal de Passageiros da Horta, porque não é preciso ser especialista de mar para saber que ao fundo da avenida, exatamente onde nós temos o Terminal de Passageiros, temos correntes perigosíssimas.

Não havia um único pai, de crianças, no Faial, que nos deixasse ir tomar banho para a praia da Alagoa, porque na praia da Alagoa estavam sempre pessoa, com mar manso, a ser afogadas, porque tem correntes muito perigosas ali ao fundo, que são as que ensacam e obrigam a fazer as dragagens e que foi já na altura uma má opção, não só pelas questões de segurança e operacionalidade, como impediu que a marina da Horta, que é o nosso ex-libris, pudesse crescer.

Neste momento a marina da Horta não consegue crescer para mais lado nenhum. Não se consegue alargar a marina que está sempre

sobrelotada e, não satisfeitos, as obras da segunda fase vão aumentar a ondulação da marina. É dito no relatório de 2008 que o projeto inicial... Eu vou ler o que é dito aqui, como resultado. Não foi nada apanhado de surpresa, nem desprevenido, porque o estudo do LNEC já dizia isto:

“No caso da sub-bacia 4, vulgo cais comercial, os resultados obtidos demonstraram que as novas obras poderão implicar um agravamento das condições atuais em cerca de 15% nos casos do rumo largo mais rodados a sul.

Na sub-bacia 5, entrada e interior da atual marina, para a situação dos rumos ao largo rodeados a sul, verifica-se um agravamento das atuais condições de tranquilidade da marinha em cerca de 30%”.

Ou seja, o estudo do LNEC já dizia que a marina depois destas obras ia deixar de ter tranquilidade e que as condições de mar dentro da marina iam ser agravadas em 30%.

Portanto, se a nossa marinha é suposto receber os iatistas, é uma marina de referência a nível mundial que param aqui para descansar, recuperar forças e depois tem uma ondulação com os cascos a bater todo o dia contra os pontões com os cabos a rebentar, seguramente que vai deixar de ser uma marina de eleição.

Mas a questão que se coloca, Sra. Secretária, é a seguinte:

No estudo que foi feito em 2008, e que nas palavras do Sr. Deputado foi rapidamente colocado a concurso (o estudo foi feito em 2008), aqui na Fábrica da Baleia o projeto foi apresentado em 2013, cinco



anos depois. Depois dos estudos, do projeto, cinco anos depois foram apresentados em 2013 aqui.

Estranhamente a abertura do concurso público é feita três anos depois, em setembro de 2016 e na altura o concurso foi aberto com 14 milhões, ficou deserto, felizmente. Entretanto, em declarações do Sr. Secretário que tutelava os transportes na altura, disse que “vai ser feita uma reavaliação da estimativa orçamental”.

Na altura nunca se falou se se ia tirar o triângulo, se se ia colocar um pontão adicional. A única coisa que foi feita e que o Sr. Secretário na altura disse foi, uma vez que o concurso ficou deserto vamos fazer uma reavaliação orçamental do projeto que foi apresentado.

Estranhamente com todas estas alterações e tendo ficado deserto na altura, a Sra. Secretária vem aqui dizer que a obra está novamente orçada em 14 milhões de euros. Então o que é que aconteceu? Houve alteração do projeto? Houve reavaliação orçamental?

Por que é que há um ano atrás abriu o concurso com 14 mil e ficou deserto e agora vem ao Faial dizer que vai voltar a abrir o concurso exatamente por 14 milhões, num projeto que é diferente? Mas é efetivamente diferente?

E qual é a segurança que a Sra. Secretária nos dá que a obra que vai ser iniciada não vai pôr em causa as condições de segurança e de ondulação da marina da Horta?

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Pergunto se há inscrições? Sra. Secretária Regional tem a palavra.

(\*) **Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas** (*Ana Cunha*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A posição do Governo Regional dos Açores relativamente ao Projeto de Resolução apresentado pelo Bloco de Esquerda já foi manifestada, pelo menos desde junho deste ano, sendo certo que já nessa altura se demonstrou não aderir aos fundamentos invocados para a necessidade da realização de uma auditoria técnica, aliás, sugerindo-se uma entidade creditada e credível que realizou auditorias não, mas testes previamente à realização do investimento.

No que se refere ao atual projeto de requalificação do Porto Comercial da Horta também é público que se encontra, na sequência de audição da Comissão Municipal dos Assuntos do Mar da Horta, em reavaliação, precisamente para ultrapassar determinados aspetos que foram apresentados pelo projetista a essa Comissão.

Esta foi a postura do Governo Regional de ouvir as forças vivas,...

**Deputado Marco Costa (PSD):** É só quando interessa!

**A Oradora:** ... de ouvir as diversas entidades que operam no porto, quanto ao projeto que têm a apresentar.

Sra. Deputada, o projeto inicial foi revisto não só na sua parte orçamental, mantendo-se, no entanto, a intenção deste Governo de manter o investimento na ordem dos 14 milhões de euros conforme anunciado.

Não me parece que seja um problema ter-se anunciado que ia ser revisto o orçamento e manter-se o mesmo valor do investimento.

No que se refere ao projeto, conforme referi, está nesta fase com o projetista, em fase de reavaliação, e será o mais brevemente possível novamente apresentado.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária Regional.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado António Lima.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Foi aqui referido já pelo Sr. Deputado Tiago Branco que foram efetuados ensaios pelo LNEC sobre este projeto, sobre estas obras no porto da Horta.

O que eu perguntava à Sra. Secretária Regional, ou ao Sr. Deputado Tiago Branco se ele souber, se esses ensaios foram com o tal cais de 400 metros que não chegou a existir, ou para o cais de 200, com a profundidade de 6 metros, de 8 metros ou da prevista 12 metros? Quais foram os ensaios em modelo reduzido que foram feitos?

Por outro lado, quais foram os ensaios em modelo matemático que foram feitos, porque como sabemos um ensaio em modelo reduzido não é a mesma coisa que um ensaio em modelo matemático. Um ensaio em modelo matemático tem, como é óbvio um grau de fiabilidade bastante superior ao ensaio em modelo reduzido.

Gostaria também de perguntar à Sra. Secretária Regional quando é que já custou este novo projeto da segunda fase e essas sucessivas

reavaliações que, de facto, de x em x meses, de 6 ou 6 meses, ou de ano a ano, vão surgindo?

Sobre as escalas de navio cruzeiro aqui no porto da Horta a Sra. Deputada Graça Silveira citou o parecer do projetista que referia que 50% dos navios existentes no mundo têm um calado...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Cumprimento de 200 metros!

**O Orador:** Exato! Cumprimento de 200 metros!

Mas convém lembrar que nem todos os navios passam nessa zona do Atlântico e nem todos escalam os Açores.

Já na minha intervenção inicial referi que no porto da Horta, os que se preveem escalar o porto da Horta em 2018, praticamente 40% deles não podem atracar porque têm um calado superior a 8 metros.

Eu perguntava à Sra. Secretária Regional qual é a percentagem de navios que vão escalar o porto de Ponta Delgada (navios de cruzeiro) que têm um calado inferior a 8 metros e que porventura poderiam fazer escala também no porto da Horta?

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições?

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições?

Sr. Deputado Luís Garcia tem a palavra.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Há aqui duas afirmações do Sr. Deputado Tiago Branco que não podem passar evidentemente sem um comentário meu.

A primeira, de que as condições de segurança e de operacionalidade do porto da Horta ficaram melhores com os ditos 70 milhões de euros que os senhores dizem que investiram nesse porto.

Eu pergunto ao Sr. Deputado se o senhor não fala com as pessoas que trabalham no porto?

**Deputado Francisco César (PS):** Lá vem com esse argumento outra vez! E o senhor fala?

**O Orador:** Se o senhor não fala com os operadores do porto? Se o senhor não está nos Conselhos de Ilha? Se o senhor não tem tido conhecimento das preocupações unanimemente aprovadas pela Câmara Municipal e pela Assembleia Municipal?

Esta gente toda anda aqui a dizer que as coisas estão piores é porque lhes apetece dizer e não porque constatam efetivamente as coisas estão piores.

Portanto, é esse apelo de que vos falo: vão ao terreno, falem com as pessoas e constatem efetivamente que as coisas estão piores.

Depois o senhor indignou-se com um termo do Projeto de Resolução do Bloco de Esquerda que eu acho engraçado. O senhor diz que o PS não concorda em adiar este investimento.

Ó senhores, o que é que os senhores têm feito se não é adiar o investimento?

O investimento que estava previsto para a legislatura anterior foi adiado; agora, de revisão em revisão, os senhores estão adiando o investimento.

**Deputado Paulo Parece (PSD):** É virtual!

**O Orador:** É que nós aqui, pelo menos a oposição, vai adiar para estudar. E os senhores estão adiando para quê?... Para quê?!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** É para enganar!

**O Orador:** É para enganar os faialenses, só pode ser.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Depois há uma outra coisa: se as coisas estão bem, se os senhores têm segurança, qual é o vosso medo em estudar isso?

**Deputado Francisco César (PS):** Não temos medo nenhum!

**O Orador:** Qual é o vosso receio em encomendarem uma auditoria e verem. Se está tudo bem, continuem!... Se está tudo bem, continuem!...

Se não está, vamos corrigir!

Se as pessoas que ali trabalham naquele porto e que são essenciais para o nosso desenvolvimento, todos os dias nos relatam problemas naquele porto, de rebentamento de cabos, de embarcações que têm que sair para se abrigar no sul da ilha, fazem isso por capricho? Ou não há aqui problemas novos que precisam de ser estudados? Ou não há aqui soluções novas que precisam de ser encontradas para nós salvaguardarmos a segurança e a operacionalidade de uma infraestrutura que é essencial ao nosso desenvolvimento?

Do que é que os senhores têm medo se está tudo bem?

Há uma outra afirmação que vos quero dizer do senhor ex-Diretor dos Portos, da APTO, Eng.º Ângelo Andrade, que numa entrevista a um jornal disse o seguinte:

“Eu defendia uma orientação diferente do molhe para leste. A equipa de engenheiros que estava a desenvolver o projeto concordava comigo.”

Então de quem foi a decisão, se não foi dos técnicos, se não foi dos responsáveis que estavam à frente do porto naquela altura, de quem foi a decisão de encurtar aquele cais que teve as consequências que teve? De quem foi essa decisão? Foi uma decisão política e os senhores têm de ser responsabilizados politicamente...

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... pelos erros que cometeram...

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

... e pelos crimes que comeram no porto da Horta.

Portanto, é uma obrigação moral e política estudar esses problemas e encontrar soluções para atenuar e corrigir esses problemas.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Graça Silveira tem a palavra.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, gostaria de colocar uma questão à Sra. Secretária que disse que o projeto neste momento foi entregue ao projetista para reavaliação.

Do que é que consta essa reavaliação? Porque o relatório do LNEC continua a ser exatamente o mesmo. As condições da baía não se alteraram entretanto, não foi feita nenhuma obra no Porto da Horta entretanto.

A questão que lhe coloco é, qual é que é a mudança, porque sendo o Governo Regional o dono da obra, deve ter pedido ao projetista para reavaliar o projeto alterando isto, aquilo ou aqueloutro, de resto, que é o que acontece com a construção das nossas casas. Eu peço ao projetista para reavaliar o projeto, se eu quero alterar determinadas coisas no meu projeto e eu, enquanto dono da obra é que digo o que é que quero alterar.

Portanto, pergunto-lhe o que é que pediu ao projetista para reavaliar no projeto?

Depois, em relação à pressa, porque sistematicamente o Governo diz: temos que aproveitar estes 14 milhões!... Temos que aproveitar estes 14 milhões!... Ou não vamos aproveitar os 14 milhões?

Eu percebo o desconforto, porque estes 14 milhões ainda vêm da antiga CROP, da tal Carta Regional das Obras Públicas que ficou como ficou.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Há anos!



**A Oradora:** Se estes 14 milhões para esta obra da segunda fase de reordenamento do Porto da Horta ainda pertencia à CROP, eu não sei aonde é que estes 14 milhões ficaram à espera para serem investidos? Ou são do novo Quadro Comunitário de Apoio ou são do antigo Quadro Comunitário de Apoio? Como é que ainda vão ser executados? Gostaria também que me explicasse.

E se há alguma pressa em executar os milhões, foi dado um parecer em que há vários investimentos neste reordenamento que não implicam com a construção da tal barreira que iria alterar a ondulação na marina, nomeadamente a melhoria das redes de comunicação e de abastecimento, a requalificação da antiga gare e as zonas adjacentes, a parte toda da operacionalidade das marítimo-turísticas, a revisão dos pontos de atracagem, a dragagem do porto, novos locais de atracagem, a instalação do Travelift, a criação de zonas de estacionamento, o terrapleno e a zona manutenção de barcos a seco para pequenas reparações. Tudo isto faz parte do projeto da segunda fase e em nada implica com a alteração da ondulação no interior da marina.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Tiago Branco tem agora a palavra.

(\*) **Deputado Tiago Branco (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sra. Deputada Graça Silveira, a senhora citou e bem o relatório elaborado pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em que

frisa precisamente essa questão do aumento da agitação marítima na marina da Horta nesse projeto que foi testado no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Qual foi o projeto?

**O Orador:** Precisamente por se ter verificado essa questão é que o Governo pediu de seguida ao projetista que apresentasse soluções que melhorassem essa questão...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O senhor é que acabou de dizer que era perfeito!

**O Orador:** ... e os senhores, ao mesmo tempo que o Governo tenta melhorar a questão, criticam o Governo por o Governo estar a tentar melhorar essa questão.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O senhor é que disse na intervenção anterior que era perfeito!

**O Orador:** Sr. Deputado Luís Garcia, também não o percebo, porque em sede de Comissão, na discussão deste Projeto de Resolução, o senhor desafiou o Governo a abrir o debate sobre o projeto de requalificação do Porto da Horta.

A Sra. Secretária vai reunir com todos os operadores do Porto da Horta para apresentar o projeto e o senhor vem aqui no debate do Plano e Orçamento dizer que isto é uma desculpa adiar o investimento.

**Deputado Francisco César (PS):** Inacreditável

**O Orador:** Afinal o PSD é a favor ou é contra este investimento para o Porto da Horta?

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sr. Deputado António Lima tem a palavra.

**(\*) Deputado António Lima (BE):** Muito obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu fiz um conjunto de questões e não houve qualquer resposta, mas sobre este assunto parece que é o timbre do Governo Regional, porque há vários meses atrás o Bloco de Esquerda apresentou, neste caso, em outubro de 2017, um requerimento ao Governo Regional sobre este assunto, no seguimento da audição do anterior Secretário Regional das Obras Públicas, em sede de Comissão, aquando da audição do Sr. Secretário, no âmbito deste mesmo Projeto de Resolução.

Nessa audição, o Sr. Secretário Regional, Eng.º Vitor Fraga, referiu novamente a mesma questão, que tinham sido efetuados ensaios em modelos físico e matemático para infraestrutura que o Projeto de Resolução do Bloco de Esquerda visava.

Ora, até hoje a resposta foi zero, nada! Tenho aqui o requerimento. Continua à espera de resposta e pelos vistos esta questão hoje vai ficar igualmente por responder, porque já passaram 60 dias, o prazo

regimental que o Governo Regional tem para responder, e o requerimento aqui está sem qualquer tipo de resposta.

O Governo Regional foi ouvir as forças vivas do concelho, foi ouvir o Conselho Municipal para os Assuntos do Mar, mas também deveria talvez ler os pareceres que os tais parceiros deram a este Projeto de Resolução.

A Associação de Produtores de Espécies Demersais dos Açores, no seu parecer, enviado à Comissão e que julgo que todos terão lido, diz o seguinte: “A Associação de Produtores de Espécies Demersais dos Açores deliberou que sejam feitas todas as diligências com vista a minimizar constrangimentos da movimentação de massas de água dentro do porto da Horta.

Somos a favor que se esgotem todas as hipóteses e possibilidades, com vista a encontrar a melhor solução, uma solução que venha ao encontro do desenvolvimento da Ilha do Faial e da Região”.

Mais claro do que isto penso que é impossível. Ou seja, desenvolver e esgotar todas as hipóteses, aquilo que o Governo Regional não anda a fazer, porque anda a brincar aos projetos, apresentando um projeto hoje e amanhã sem ir ao cerne da questão e sem estudar efetivamente aquilo que está mal, obviamente com custo para o erário público e com custos essencialmente para a ilha do Faial, para a Horta e para todos os operadores que operam no Porto.

A Câmara Municipal da Horta enviou um parecer também que a dada altura refere, caso não existam (e passo a citar) “ou não corresponda aos objetivos que se pretende, entendemos que o mesmo deverá ser

promovido pelo mesmo...” entenda-se a tal auditoria técnica por parte do Laboratório Regional de Engenharia Civil, para não falar também de uma moção aprovada na Assembleia Municipal da Horta que defende que sejam esgotadas todas as possibilidades e que sejam estudadas e que não se façam obras erradas como já foi feito anteriormente.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Aprovada por unanimidade!

**O Orador:** E aprovada por unanimidade, é verdade, como bem lembra o Sr. Deputado.

Finalmente, volto a questionar a Sra. Secretária em relação às questões que eu fiz no início e obviamente espero resposta antes de terminar o debate.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Rui Martins tem a palavra.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A minha pergunta é relativamente simples. Obviamente as perguntas importantes ainda estão por responder e já foram colocadas pelos meus colegas da oposição.

A minha pergunta é muito simples. A Sra. Secretária quando apresentou o projeto admitiu que havia problemas na agitação, que o projetista não estava a conseguir resolver, o próprio projetista admitiu que não estava a ter soluções melhores para a agitação que estava a introduzir na marina norte com o projeto que ele apresentou.

O Sr. Deputado Tiago Branco está muito bem ao corrente dessas dificuldades que o projetista admitiu.

Eu não percebo qual é que é a relutância em não aprovar um Projeto de Resolução que a única coisa que pretende – e se vocês têm tanta confiança no projeto e no trabalho desenvolvido, qual é que é a relutância em aprovar um Projeto de Resolução – é auditar o trabalho efetuado?

A outra pergunta que eu tenho a fazer é ao Sr. Tiago Branco, que está muito preocupado com a potencial perda dos 14 milhões de investimento previsto. O que eu lhe pergunto é quantos milhões é que se poderão perder fazendo investimentos ou implementando soluções erradas?

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado José Ávila tem a palavra.

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Não haja dúvida nenhuma que os portos são o motor de desenvolvimento de qualquer região.

Nos Açores foi criada uma rede de infraestruturas portuárias com características especiais por serem vulneráveis às condições meteorológicas adversas que assolam a Região Autónoma.

As novas exigências em termos de transporte de passageiros obrigaram o Governo Regional a adaptar infraestruturas para absorver

o crescimento de tráfego e é aqui que se enquadra a obra no molhe norte do Porto da Horta e os investimentos previstos para aquela infraestrutura no futuro próximo.

Ao contrário do que a oposição disse, achamos que o investimento feito recentemente não compromete a segurança de toda a infraestrutura e serve exatamente para aquilo que foi concebido, ou seja, melhorar os níveis de conforto dos nossos passageiros, permitir a acostagem de navios de cruzeiro e alavancar a economia do Faial e, por conseguinte, também, dos Açores.

Nos considerandos desta proposta é afirmado que o Porto da Horta com este investimento ficou pior, que apenas encostam pequenos navios de cruzeiro, que passou a ser assolado pela ondulação no seu interior, que passou a ser um porto problemático e com cancelamentos e ainda por cima sujeito a assoreamento.

Ora bem, na nossa opinião, o Porto da Horta ficou melhor, ao contrário do que disseram aqui.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**O Orador:** O cais de passageiros passou de 213 metros para 422, duplicou a zona de estacionamento, foram construídas três rampas *roll-on/roll-off* quando antes não existia sequer uma, melhorou a qualidade de serviço aos passageiros que utilizam aquela infraestrutura.

Os fundos eram de menos de três metros a menos de cinco.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Mas se era para um cais de passageiros por que é que se gastou 55 milhões?

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados...

**O Orador:** Neste momento são de menos cinco a menos oito.

**Deputada Isabel Quinto (PS):** Muito bem!

**O Orador:** O cais de cruzeiros permite a acostagem de navios até 200 metros sem qualquer limitação e já encostaram navios, ao contrário do que foi dito aqui, de 240 metros.

A Sra. Deputada esqueceu-se de referir isso, até porque isto é importante, porque os navios de 240 metros são, de facto, 76% de todos os navios cruzeiro do mundo.

Quanto à ondulação, o próprio LNEC no seu relatório diz, ao contrário do que é dito aqui pelo Bloco de Esquerda, no preâmbulo desta proposta:

“No que respeita ao facto do porto ser problemático [eu acho que aqui os números falam por si]: as entradas têm aumentado de forma sustentada desde 2013, nomeadamente passaram para o dobro”.

Relativamente ao assoreamento, lamento dizer, mas isto é um processo que acontece em qualquer porto do mundo, muito embora o Instituto Hidrográfico até relativamente ao Porto da Horta tenha dito que isto neste momento não está a acontecer.

Relativamente ao que foi dito nesta Casa aqui há pouco, pelo Sr. Deputado Luís Garcia, eu queria só dizer que o Sr. Deputado veio aqui, e a Sra. Deputada Graça Silveira também, com uma fita métrica na mão.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sr. Deputado José Ávila, sabe qual é a minha fita métrica?



**O Orador:** Veio aqui falar na questão das quotas e das profundidades do porto.

Vamos ao porto do Funchal, que é um porto muito conhecido pelo seu movimento de navios de cruzeiro.

O porto do Funchal tem o Cais Norte, a quota de 4,10 metros; rampa Ro-Ro 6,50 metros...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** *Roll-on/roll-off!*

**O Orador:**... Cais n.º 2, 5,10 metros, o cais n.º 3, esse sim, tem 11 metros e cais n.º 8 tem apenas 5 metros e meio.

E o Porto Santo, que também é um porto muito conhecido por ter muitos cruzeiros, tem uma quota (imagine-se!) com menos um metro que o Porto da Horta.

Portanto, o Porto da Horta não é assim tão mau como os senhores querem fazer pintar.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Não vem mal ao mundo ser um cais de passageiro. Não é preciso é gastar 55 milhões!

**O Orador:** Relativamente à questão deste processo ter sido preparado às escondidas, eu, sinceramente, vou dizer-lhe aqui com toda a franqueza, não concordo.

Este processo foi daqueles processos que na Região teve uma exposição mediática maior.

Portanto, não foi feito nada às escondidas. Aliás, nos primeiros passos que foram dados em todo este processo houve a consulta a todas as entidades utilizadoras do Porto da Horta.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** O senhor não sabe o que é que está a dizer!

**O Orador:** Não, Sr. Deputado Luís Garcia! Eu sei, sei o que é que estou a dizer.

Queria dizer também ao Sr. Deputado Luís Garcia que em todos os portos do mundo, inclusivamente no Porto da Horta, antes destas obras, rebentam cabos. Em todos os portos do mundo!

E no Porto da Horta não é exceção. Já rebentavam cabos desta... E eu sei!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Cabos é normal rebentar, cabeços é que não!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Secretária Regional.

**(\*) Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas (Ana Cunha):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Lima, respondendo à sua questão sobre a comparação dos dados entre os navios que atracarão em Ponta Delgada e os da Horta, eu confesso que não tenho esses dados comigo, mas irei pedir à Portos dos Açores para lhe fornecer essa comparação entre os navios que atracam em ambos os portos.

Sra. Deputada Graça Silveira, perguntou-me qual a mudança que eu ordenei ao projetista ou que instruções que terei dado ao projetista. Eu julgo que fui clara naquilo que referi quando disse que a Portos dos Açores (o projetista) encontra-se a rever o projeto e os seus termos de referência, na sequência da apresentação desse projeto na Comissão Municipal dos Assuntos do Mar.

Obviamente que a mudança que a tutela ordene é que se responda a essas observações que foram transmitidas na sequência dessa apresentação e que foram transmitidas pela Comissão.

Não haja, no entanto, qualquer dúvida que a revisão do projeto não altera qualquer um dos seus objetivos principais e visados com esta obra, que é a melhoria das condições de operacionalidade e de permanência de embarcações no saco do porto e a melhoria das condições de estacionamento em terra para embarcações, inclusivamente para execução de pequenas reparações.

No que se refere aos 14 milhões, perguntou-me se era deste Quadro ou se era do próximo. É deste Quadro Comunitário.

Por último, perguntou-me se poderia fazer a obra por fases, julgo que foi essa a sua questão.

Conforme tivemos aqui oportunidade de ouvir, uma das críticas dirigidas à obra que é feita no porto da Horta foi o seu faseamento. Portanto, não fará para mim qualquer sentido, numa empreitada desta fase de requalificação do porto comercial, faseá-la novamente.

Sr. Deputado António Lima, eu confesso que me fez mais uma pergunta que eu não me estou a recordar. Pedia-lhe, se pudesse, que repetisse.

**Deputado António Lima (BE):** Preço dos projetos!

**A Oradora:** Desculpe!

**Deputado António Lima (BE):** Preço dos projetos!

**A Oradora:** Ah, o preço dos projetos.

Muito bem! O projeto de requalificação do porto comercial da Horta foi adjudicado à WW pelo valor de 95 mil euros. A sua revisão não importará, à partida, qualquer incremento deste valor.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Pergunto se há mais inscrições?

Sr. Deputado António Lima, tem a palavra.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Agradecendo a resposta da Sra. Secretária gostaria que esclarecesse se está a falar do projeto atual que foi apresentado recentemente, ou se inclui o projeto que foi apresentado há cerca de um ano, que tinha a tal famosa zona triangular.

Perguntei também, e há pouco não o disse em aparte, porque era mais complexo para responder, quais foram os projetos que tiveram uma avaliação por parte do LNEC em modelo reduzido e em modelo matemático? Se estamos a falar do projeto do molhe de 400 metros

que nunca chegou a ser construído ou do molhe que existe atualmente?

Faço apenas também um pequeno comentário à intervenção do Sr. Deputado José Ávila, perguntando se o Bloco de Esquerda e a oposição passarem a apresentar Projetos de Resolução sem preâmbulo, se o Partido Socialista aprova?

É porque não o ouvi falar da parte resolutiva, que é aquilo que efetivamente se vota. Falou dos preâmbulos, mas da parte resolutiva nada disso. Parece-me que é do mais elementar bom senso parar este processo, adiar este processo no sentido de encontrar a melhor solução possível recorrendo a uma auditoria do LNEC,...

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Muito bem!

**O Orador:** ... algo tão simples quanto isso.

De facto, não estamos a votar não é o preâmbulo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições? Sra. Deputada Graça Silveira, dispõe de cerca de dois minutos.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs.

Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sra. Secretária, eu continuo a fazer a mesma questão e que é importantíssima para a credibilização do que se está a passar aqui dentro.

Este relatório é de 2008. Não foi feita qualquer obra ou qualquer alteração à baía da Horta. As condições de operacionalidade mantêm-se as mesmas.

Qual é a capacidade que o projetista tem de fazer alterações ou reavaliações se não houver uma nova avaliação por parte do LNEC do novo projeto?

Já se teve três versões de projeto sem que tenha havido nenhuma reavaliação por parte de LNEC.

E se o Governo, que é o dono da obra, não pede nenhuma alteração, que a única coisa que quer é que se garanta que não haja ondulação dentro da marina da Horta, pergunto-lhe se é exatamente o mesmo projetista, por que é que ele já não conseguiu, da primeira vez, apresentar um projeto sem ondulação?

É porque muito provavelmente, e é isso que os senhores não querem dizer, o cais de passageiros, que foi construído no fundo da avenida, comprometeu, de futuro, qualquer obra que se fosse fazer, porque se aumentou a ondulação na zona sul, no porto comercial, se alterou as condições dentro da baía, por muito bom que seja o projetista, não pode fazer milagres.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Pelo menos que tenha o apoio do Laboratório Nacional de Engenharia no novo projeto que vai ser avaliado.

Muito obrigada.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Pergunto se há mais inscrições?

Sra. Secretária Regional tem a palavra.

**(\*) Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas** *(Ana Cunha)*: Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Lima, o projeto que foi alvo do estudo do LNEC...

**Deputado Artur Lima** *(CDS-PP)*: Ah!...

**A Oradora**: Foi a pergunta que ele fez! Diga, Sr. Deputado?

**Deputado Artur Lima** *(CDS-PP)*: A pergunta só há uma!

**A Oradora**: Pois, mas a resposta será essa, não é, obviamente!

... será o que já está executado, o do Terminal de Passageiros.

Sra. Deputada Graça Silveira, eu não conheço uma baía sem ondulação.

**Deputado Paulo Parece** *(PSD)*: Mas há!

**A Oradora**: Será assim uma coisa que me escapa. Eu julgo que ondulação existirá sempre.

Eu vou repetir aquilo que disse, porque se calhar não foi explícita naquilo que mencionei.

O projeto está a ser revisto, porque na versão apresentada na Comissão Municipal dos Assuntos do Mar, a solução apresentada,

originava um agravamento das condições da agitação no interior da bacia norte da marina.

Nesse sentido foi solicitado ao projetista que equacionasse as diversas possibilidades de diminuição dessa ondulação.

Obviamente que isso será alvo de ensaios em modelo matemático e em modelo físico antes de se passar à efetiva aprovação do projeto e é esse projeto revisto que se pretende apresentar novamente nos mesmos moldes à população.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Pergunto se há mais inscrições?

Sr. Deputado Carlos Ferreira tem a palavra.

(\*) **Deputado Carlos Ferreira (PSD):** Muito obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Quando se tem uma baía com condições naturais privilegiadas a missão dos governantes está facilitada: basta, em primeiro lugar, não estragar e, em segundo, promover as condições para potenciar o que a natureza generosamente nos proporcionou. Infelizmente não foi isso que aconteceu!

**Deputado Francisco César (PS):** Até me admira como é que nós fizemos um porto!

**O Orador:** Infelizmente não foi isso que aconteceu!

A partir de um projeto apresentado, com pompa e circunstância, assistiu-se, como aqui já foi referido, ao encolhimento do cais, e a



uma alteração do ângulo de orientação, também com resultados muito nefastos para a baía e para a ilha do Faial.

Resultado: temos uma boa gare marítima e um mau cais, que não serve um dos principais propósitos para os quais foi construído, receber navios de cruzeiro de maior dimensão.

Mas esse mau cais causou também danos graves no estado do mar na bacia sul do porto da Horta e é isso que o Governo até hoje se recusa a admitir, que causou danos graves na baía da Horta.

Por isso, Sr. Presidente, quem não deve não teme! E se o Partido Socialista está tão seguro do trabalho que fez na baía da Horta tem aqui uma excelente oportunidade para viabilizar uma auditoria do LNEC à obra realizada e a partir daí, a partir dos resultados dessa auditoria, podemos com maior certeza, e com segurança, avançar então para melhorar as condições de operacionalidade e segurança do porto da Horta, que é fundamental para o desenvolvimento desta ilha, do triângulo e da Região Autónoma dos Açores.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Tiago Branco tem a palavra.

(\*) **Deputado Tiago Branco (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Srs. Deputados, não há obras que se façam em portos, em marinas que não causem alterações.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Mas queremos alterações boas!

**Deputado Miguel Costa (PS):** Alterações até à operação! Não há nenhuma!

**O Orador:** Não há alterações quando não se fazem os investimentos.

**Deputado Francisco César (PS):** Ah, isso é verdade!

**O Orador:** Aquilo que os senhores estão aqui a tentar insinuar é que não foi testado devidamente este projeto.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Qual projeto?

**O Orador:** O Terminal Marítimo de Passageiros do porto da Horta foi testado no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, como é público e os senhores não veem isso.

Os senhores não querem estudo nenhum! Os senhores querem é parar os investimentos no porto da Horta!

**Deputado Francisco César (PS):** É verdade, sim senhor!

**O Orador:** Os senhores querem é travar o investimento do porto da Horta e os senhores estão é a contribuir para isso.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Deputado Miguel Costa (PS):** E o Bloco de Esquerda!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E eles batem palmas!

**O Orador:** Sr. Deputado Luís Garcia, eu não disse que os 70 milhões tinham sido todos investidos no Terminal Marítimo da Horta, mas há

evoluções que são significativas e que os senhores também têm que reconhecer.

Houve uma revolução no transporte marítimo de passageiros no triângulo, houve capacidade, houve uma diversificação de serviços e o Bloco de Esquerda afirma demagógicamente que estas obras da segunda fase são para branquear obras passadas. Desde o início que esteve previsto o reordenamento do saco do porto da Horta, do Núcleo de Pescas, do porto comercial. Sempre estiveram previstos esses investimentos.

**Deputado Francisco César (PS):** Façam um reconhecimento, pequenino que seja!

**O Orador:** O que é certo é que este processo está a ser conduzido, na nossa ótica, devidamente.

Tudo o que for o resultado da revisão deste projeto será feito em consonância com os operadores do porto da Horta. Eles estão a participar ativamente neste processo.

Aquilo que o Partido Socialista, ao não viabilizar este Projeto de Resolução, está a assegurar, é que não sejam perdidos os 14 milhões de euros que queremos ver investidos no porto da Horta...

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Para onde?

**O Orador:** ... para melhorar aquela infraestrutura e para servir a ilha do Faial.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sra. Deputada Graça Silveira. Dispõe de cerca de um minuto.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Tiago Branco, não é por desmerecimento que eu não lhe tenho dado resposta, mas a única pessoa aqui que pode assegurar que esta obra não vai continuar e que os faialenses podem estar descansados em relação ao futuro do seu porto é a Sra. Secretária Regional.

Mas já agora digo-lhe, em relação à sua última intervenção, que uma obra de 14 milhões que vai comprometer uma marina que é um dos portos de recreio mais conhecidos...

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e mais respeitadas, e em termos europeus, não é um investimento, é um crime!

**Vozes dos Deputados da bancada do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado José Ávila, tem a palavra.

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu queria apenas fazer umas perguntas, pedir uns esclarecimentos ao Sr. Deputado António Lima, relativamente ao ponto n.º 2 desta proposta, alínea b).

O Bloco de Esquerda diz que é preciso apresentar alterações necessárias para a atracagem de navios de cruzeiro e também para reforçar a segurança do porto.

Eu queria saber se isto tem alguma coisa a ver com o aumento da quota existente naquele porto, ou se tem alguma coisa a ver com a reorientação do porto?

Relativamente ao Sr. Deputado Carlos Ferreira eu só tenho aqui uma coisa a dizer:

Sr. Deputado Carlos Ferreira, está-se a pedir aqui um estudo. Parece até que este estudo é que vai resolver algum problema...

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Alguém tem que resolver!

**O Orador:** ... que exista no porto da Horta. O estudo é que vai resolver, pelo que eu percebi.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Sabe-se lá!

**O Orador:** Mas não é assim. Agora, eu pergunto-lhe também Sr. Deputado...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Mais vale o Sr. Deputado dizer que não tenho razão! O Sr. Deputado Carlos Ferreira já explicou!

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados...

**O Orador:** Sra. Deputada Graça Silveira, é sempre a mesma coisa. Quando eu estou a falar a senhora interrompe-me sempre. Mas vou passar por isso.

Não é só o Sr. Deputado Carlos Ferreira, o Sr. Deputado Luís Garcia também, pretendem pedir um estudo ao LNEC, mas parece que os senhores não acreditam nos testes que foram feitos pelo LNEC sobre esta matéria. É uma coisa curiosa: pedem um estudo a uma instituição a qual não concordam com os testes feitos em modelo reduzido, à escala, etc.. Portanto, há qualquer coisa aqui que não joga bem.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Eu por mim quero que o “fogo” pegue no LNEC! Não tem credibilidade nenhuma!

**O Orador:** É a chamada “pescadinha com o rabo na boca”, é porque vamos pedir à mesma instituição que fez os testes, e aliás os testes até dizem que há redução da agitação marítima em grande parte do porto, portanto, até os testes comprovam que a obra foi bem-feita, e agora o senhor vai pedir mais um estudo há mesma instituição que fez os estudos em modelo reduzido.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado António Lima tem a palavra.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

*(Diálogo entre os Deputados da bancada do PS e do CDS-PP)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos permitir que o Sr. Deputado António Lima possa fazer a sua intervenção.

**O Orador:** Obrigado, Sra. Presidente, pela tolerância.

Sra. Secretária, se o Governo Regional sabe quais foram os testes que foram feitos, qual o projeto, se foi em modelo reduzido, se foi em modelo matemático, por que é que o Governo não respondeu a um requerimento feito pelo Bloco de Esquerda a pedir esses mesmos estudos em outubro do ano passado?

**Deputada Zuraída Soares (BE):** E agora também não!

**O Orador:** É difícil de compreender qual é a dificuldade em responder a uma simples questão a pedir um documento.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Não respondeu!

**Deputado Francisco César (PS):** São do conhecimento da Assembleia!

**Deputado Miguel Costa (PS):** Da Comissão de Inquérito! Estão todos os documentos lá! É preciso é lê-los!

**O Orador:** A Sra. Secretária respondeu que o novo projeto, o projeto que está agora em reavaliação, será sujeito a ensaios em modelo reduzido em modelo matemático. Quem é que vai fazer estes ensaios? É o projetista? É o LNEC? É outra entidade?

O Sr. Deputado Tiago Branco e o Partido Socialista têm referido que há o perigo de perdermos 14 milhões de euros.

Pergunto à Sra. Secretária Regional, e ao Partido Socialista se souber, de onde é que vêm esses 14 milhões de euros e para onde é que eles vão? É que nesta Região há obras que são adiadas sem data prevista,

que entram nos Planos e nunca são concretizadas, e não vejo o Partido Socialista preocupado com o dinheiro a fugir, porque realmente as obras não são feitas na mesma e o Partido Socialista não está minimamente preocupado em adiá-las.

Aqui, quando se pede para adiar, para pensar e para analisar a questão devidamente, aí os 14 milhões de euros parece que vão a algum lado. Respondendo finalmente à questão do Sr. Deputado José Ávila, aquilo que o Bloco de Esquerda está a dizer é que se estude, e não é o Bloco de Esquerda que vai dizer qual é a solução e quais são as recomendações que devem ser feitas para se fazer uma correção em determinado ponto, ou sobre determinada área, ou na questão da ondulação, ou na questão na quota. É o LNEC, perante um pedido, obviamente do Governo Regional. É isso que o Bloco de Esquerda está a propor.

Não está a propor soluções técnicas. Está a propor uma avaliação técnica por parte de uma entidade que é assumidamente reconhecida pela sua competência e pela sua idoneidade.

Agora, quando o Partido Socialista afirma que a oposição não quer reconhecer estudos feitos em modelo reduzido sobre este projeto, quer dizer, o projeto já foi remodelado tantas vezes, como é que alguém pode ter confiança em estudos que foram feitos sobre um porto que já não é o mesmo e um projeto que não é o mesmo. É essa contradição que o Partido Socialista não consegue responder, porque tem uma teimosia inexplicável em não querer adiar por alguns meses



esta obra, simplesmente porque não quer admitir provavelmente que errou nem todo este processo desde há muitos anos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sra. Secretária Regional tem a palavra.

(\*) **Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas** (*Ana Cunha*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Muito brevemente para responder a algumas questões que voltaram a ser colocadas pelo Sr. Deputado António Lima.

O novo projeto temos previsto neste momento levar a ensaios em modelo reduzido e matemático e não ainda em modelo físico.

Os ensaios são sempre feitos, conforme já referi, por entidades creditadas e credíveis, pode ser o LNEC, poder ser a Escola Náutica Infante D. Henrique.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Essa é melhor que o LNEC!

**A Oradora:** Portanto, será sempre por alguém creditado.

Em relação à sua questão sobre os pareceres do LNEC que aqui foram mencionados por si e pela Sra. Deputada Graça Silveira, esses pareceres constam do processo da Comissão de Inquérito, de junho, do ano que passou, mas ainda assim, Sr. Deputado, obviamente farei chegá-los a seu poder em resposta ao requerimento apresentado.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária Regional.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Luís Garcia.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Eu não resisto, neste debate, e a caminhar para o fim, creio eu, de contar uma história, uma pequenina história, que há dias me contou uma mãe que ia com a sua filha, agora por esses dias do Carnaval, a atravessar a avenida, e havia um navio de cruzeiros no novo cais.

A menina perguntou à mãe:

- Ó mãe, aquele é o Cruzeiro que vem do Pico?

Portanto, por aqui se vê o tamanho dos cruzeiros de turismo que, hoje, vêm ao porto da Horta.

*(Risos da Câmara)*

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Isso é tudo à proporção!

**O Orador:** Sr. Deputado José Ávila, eu podia não ter mais nada para dizer neste debate, mas há uma coisa que tem que ficar muito clara relativamente a uma afirmação sua:

O senhor disse que este processo tinha sido um processo em que os faialenses e as suas forças vivas tinham sido ouvidas e envolvidas.

Ora, nada mais falso e nada mais errado. O senhor não conhece efetivamente este processo, o senhor não esteve em reuniões de câmara, em reuniões de assembleia municipal, em reuniões de conselhos de ilha, em que todos, incluindo o Partido Socialista do Faial, reivindicavam esse envolvimento que não foi concretizado.

Portanto, o senhor não pode dizer isso, porque isso não corresponde à verdade.

**Deputado José Ávila (PS):** E a Comissão de Inquérito?

**O Orador:** Outra coisa que o senhor diz, que nós queremos um estudo.

Sr. Deputado, pois se os projetos foram alterados tanta vez, se aquela obra que foi feita no cais norte introduziu problemas novos na baía, o senhor não acha (o Partido Socialista não acha!) que tem que haver uma entidade que estude esses problemas, que estude efetivamente se são consequência daquela obra, se não são consequência daquela obra, e quais são as soluções para esses problemas?

É isso que os faialenses querem.

Sr. Deputado Tiago Branco, o senhor está muito preocupado com os 14 milhões!... Com os 14 milhões!...

Sr. Deputado, na legislatura anterior foram inscritos para este investimento, segunda fase do reordenamento do porto Horta, quase 13 milhões de euros. Onde é que eles estão? O senhor não se preocupou com isso!

O senhor não se preocupou com isso?

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Esses é que se evaporaram mesmo!

**O Orador:** Há bocadinho, na minha intervenção inicial, disse que esse processo tinha sido caracterizado, quer a primeira fase, quer a segunda fase, por três características semelhantes.

Eu esqueci-me de uma e quero acrescentá-la nesta fase, para ser justo. Há mais uma característica semelhante. É que sobre este processo, quer na primeira fase, quer na segunda, só existiram no Faial duas entidades a defender este projeto: o Governo e os Deputados do Partido Socialista.

Isto é absolutamente lamentável, que exista gente eleita pelo povo desta terra que perante um problema tão grave que nos afeta, afeta o presente e pode afetar o nosso futuro, não se coloque ao lado do Faial e ao lado deste problema, que é um problema gravíssimo que pode comprometer o nosso futuro.

Isso é lamentável! Pobre terra esta!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem!  
Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** A Mesa de momento não tem inscrições.

Sr. Deputado Tiago Branco tem a palavra.

(\*) **Deputado Tiago Branco (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Luís Garcia, é falso que este processo não esteja a ser discutido com a comunidade faialense! Isso é falso!

A Sra. Secretária, numa atitude de total abertura, reuniu com a Comissão Náutica, Comissão Municipal para os Assuntos do Mar, para apresentar o projeto da segunda fase das obras do porto da Horta.

A Sra. Secretária apresentou e as pessoas que lá estavam ouviram. Apresentou o projeto e recebeu os contributos destas entidades.

Se isto é esconder o processo dos faialenses, então eu não sei do que é que o senhor está a falar.

**Deputado José Contente (PS):** Muito bem!

**Deputado Francisco César (PS):** O senhor é que cria aqui um truque!

**O Orador:** Até a Comissão Municipal saudou o Governo por essa abertura. O senhor também pediu ao Governo essa abertura, mas agora quando o Governo tem essa abertura o senhor já não gosta.

Portanto, essa matéria, nós não podemos concordar.

Relativamente a este Projeto de Resolução há um facto que os senhores e o Bloco de Esquerda não reconheceram, que foi, o Terminal Marítimo de Passageiros do Porto da Horta foi testado em modelo físico no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Isso aconteceu.

Se isso não tivesse acontecido a gente até percebia, mas isso aconteceu e os senhores negam esse facto. Os senhores negam esse facto!...

O que resta deste Projeto de Resolução é, de facto, adiar esta obra, porque os senhores querem duplicar um estudo, querem duplicar uma coisa que já existe e, por outro lado, querem que se pare a obra.

**Deputado Paulo Parece (PSD):** Ela nunca começou!

**O Orador:** Nós, o Partido Socialista, não queremos que esta obra pare.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Onde é que está a obra?

**O Orador:** Queremos pô-la ao serviço dos faialenses de acordo com aquilo que são as pretensões dos seus operadores.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Ela está parada não sei há quantos anos!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Pergunto se há mais inscrições?

Julgo não haver. Vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O Projeto de Resolução apresentado foi rejeitado com 28 votos contra do PS, 19 votos a favor do PSD, 4 votos a favor do CDS-PP e 2 votos a favor do BE.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Sr. Deputado António Lima para uma declaração de voto tem a palavra.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

O Bloco de Esquerda votou a favor deste Projeto de Resolução por considerar que esta proposta era uma oportunidade para se reavaliar tudo o que foi feito até aqui e de se evitar erros futuros.

Lamentamos que o Partido Socialista tenha sido o único a recusar este Projeto de Resolução teimando em avançar com um projeto de duvidosa eficácia que não é bem aceite pelos faialenses nem pelos operadores do porto da Horta.

Assim não será de estranhar que daqui a alguns anos, infelizmente, se esteja a lamentar o agravamento das condições da operacionalidade do porto da Horta e o facto de atempadamente não se ter parado para avaliar o que estava a ser feito.

O único responsável por esta decisão será o Partido Socialista.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Julgo não haver mais inscrições para declaração de voto.

Sr. Deputado Duarte Freitas, para uma interpelação tem a palavra.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Para pedir um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental. Considerando o nosso horário, nós vamos terminar por agora os nossos trabalhos. Regressamos amanhã às 10H00.

*Eram 19 horas e 48 minutos.*

*Deputados que entraram durante a sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**João Vasco Pereira da Costa**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**João Luís Bruto da Costa Machado da Costa**

*Deputados que faltaram à sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**André Jorge Dionísio Bradford**

**Mário José Diniz Tomé**

**Partido Comunista Português (PCP/PEV)**

**João Paulo Valadão Corvelo**

(\*) Texto não revisto pelo orador

**Documentos entrados**



## Listagem da correspondência

### **1 – Proposta de Lei:**

**Assunto:** Procede à alteração do Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 383-B/84, de 26 de dezembro – n.º 130/XI-AR

**Proveniência:** Assembleia da República

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29

**Comissão:** Economia

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 02 – 19.

### **2 – Projetos de Resolução:**

**Assunto:** Posição geoestratégica dos Açores - n.º 1267/XIII/3.<sup>a</sup> (PSD) – n.º 129/XI-AR

**Proveniência:** Assembleia da República

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 25

**Comissão:** Política Geral

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 02 – 14:

**Assunto:** Recomenda ao Governo que promova total descontaminação da Ilha Terceira - n.º 1270/XIII/3.<sup>a</sup> (PS) – n.º 131/XI-AR

**Proveniência:** Assembleia da República

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Comissão:** Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 02 – 20;

**Assunto:** Recomenda ao Governo que promova total descontaminação da Ilha Terceira - n.º 1269/XIII/3.<sup>a</sup> (CDS-PP) – n.º 132/XI-AR

**Proveniência:** Assembleia da República

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Comissão:** Economia

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 02 – 20;

**Assunto:** Reforço da importância Geoestratégica dos Açores - n.º 1316/XIII/3.<sup>a</sup> (PS) – n.º 133/XI-AR

**Proveniência:** Assembleia da República

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 09

**Comissão:** Política Geral

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 03 – 01.

### **3 – Projetos de Diploma:**

**Assunto:** Aprova o regime específico de seleção e recrutamento de docentes do ensino artístico especializado da música e da dança - MEDU - (Reg. DL 4/2018) – n.º 65/XI-GR

**Proveniência:** Presidência do Conselho de Ministros

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29

**Comissão:** Assuntos Sociais

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 02 – 08;

**Assunto:** Cria o grupo de recrutamento da Língua Gestual Portuguesa, e aprova as condições de acesso

dos docentes da Língua Gestual Portuguesa ao concurso externo de seleção e recrutamento do pessoal docente regulado no Decreto-Lei n.º 132/2012, de 27 de junho - MEDU - (Reg. DL 3172018)) – n.º 66/XI-GR

**Proveniência:** Presidência do Conselho de Ministros

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29

**Comissão:** Assuntos Sociais

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 02 – 08.

#### **4 – Projeto de Deliberação:**

**Assunto:** [Competência para suscitar junto da Assembleia Legislativa da Região da RAA o levantamento da imunidade parlamentar para prestação de declarações de deputado, na qualidade de arguido ou declarante](#) – n.º 1/2018

**Proveniência:** PS

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Comissão:** Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 03 – 01.

## **5 – Proposta de Decreto Legislativo Regional:**

**Assunto:** [Cria o Paleoparque de Santa Maria](#) – n.º 15/XI

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 07

**Comissão:** Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 03 – 09.

## **6 – Projeto de Resolução:**

**Assunto:** [Recomenda ao Governo Regional que crie as condições necessárias para que as unidades da Região recuperem a gestão dos refeitórios e cantinas e a consequente confeção das refeições escolares](#) – n.º 70/XI

**Proveniência:** BE

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 09

**Comissão:** Assuntos Sociais

**Data Limite de Parecer:** 2018 – 03 – 12;

**Assunto:** [Projeto de Resolução n.º 71/XI - Auditoria pela Secção Regional dos Açores do Tribunal de Contas aos apoios financeiros concedidos à ARRISCA](#)

**Proveniência:** PSD

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 12

**Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão.**

## **7 – Requerimentos:**

**Assunto:** [Cobertura no Porto de Pescas de Rabo de Peixe](#)

**Autores:** Duarte Freitas, Luís Maurício, Jaime Vieira e Luís Garcia (PSD)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 22

**Referência:** 54.03.02 – N.º 375/XI;

**Assunto:** [Comité de Cooperação com os Açores](#)

**Autores:** Artur Lima, Graça Silveira, Catarina Cabeceiras e Rui Martins (CDS-PP)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 23

**Referência:** 54.01.00 – N.º 376/XI;

**Assunto:** [Porto da Prainha do Norte](#)

**Autor:** António Lima (BE)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 24

**Referência:** 54.06.06 – N.º 377/XI;

**Assunto:** [Relatórios de todas as auditorias realizadas pela Inspeção Regional de Saúde no período de 2012 a 2017 e despachos exarados sobre os mesmos](#)

**Autores:** Duarte Freitas, Luís Maurício, Mónica Seidi, Paulo Henrique Parece Bettencourt, António Viveiros e Carlos Ferreira (PSD)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 24

**Referência:** 54.03.00 – N.º 378/XI;

**Assunto:** [Manutenção da Lagoa da Caldeira de Santo Cristo](#)

**Autores:** Catarina Cabeceiras, Artur Lima, Graça Silveira e Rui Martins (CDS-PP)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26

**Referência:** 54.01.05 – N.º 379/XI;

**Assunto:** [SINAGA](#)

**Autor:** António Lima (BE)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26

**Referência:** 54.04.02 – N.º 380/XI;

**Assunto:** [Aeroporto do Pico](#)

**Autores:** Jorge Jorge e Marco Costa (PSD)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29

**Referência:** 54.03.06 – N.º 381/XI;

**Assunto:** [Relatório do LNEC, encomendado pelo Governo da República, acerca da situação ambiental da Ilha Terceira condicionada pela atividade militar norte-americana da base das Lajes](#)

**Autor:** António Lima (BE)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29

**Referência:** 54.06.03 – N.º 382/XI;

**Assunto:** [Apoio à edição de obras culturais](#)

**Autores:** Luís Maurício e César Toste (PSD)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Referência:** 54.03.00 – N.º 383/XI;

**Assunto:** [Caderno de encargos referente ao fornecimento de refeições escolares para a Escola Básica e Secundária Mouzinho da Silveira](#)

**Autor:** Paulo Estêvão (PPM)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Referência:** 54.07.09 – N.º 384/XI;

**Assunto:** [Condições de Higiene e Segurança no Trabalho no Centro de Processamento de Resíduos do Corvo 2](#)

**Autor:** Paulo Estêvão (PPM)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Referência:** 54.07.09 – N.º 385/XI;

**Assunto:** [Centro de Interpretação de Aves da Ilha do Corvo 4](#)

**Autor:** Paulo Estêvão (PPM)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Referência:** 54.07.09 – N.º 386/XI;

**Assunto:** [Concurso para concessão das termas do Carapacho](#)

**Autor:** João Bruto da Costa (PSD)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 31

**Referência:** 54.03.04 – N.º 387/XI;

**Assunto:** [Projeto de requalificação do Porto das Pipas](#)

**Autores:** Artur Lima, Graça Silveira, Catarina Cabeceiras e Rui Martins (CDS-PP)

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 31

**Referência:** 54.01.03 – N.º 388/XI;

**Assunto:** [Falta de manutenção em alguns caminhos agrícolas em São Jorge](#)

**Autores:** Catarina Cabeceiras, Artur Lima, Graça Silveira e Rui Martins (CDS-PP)

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 02

**Referência:** 54.01.05 – N.º 389/XI;

**Assunto:** [Limpeza de invasoras nas Zonas Húmidas](#)

**Autor:** João Corvelo (PCP)

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 02

**Referência:** 54.04.08 – N.º 390/XI;

**Assunto:** [Qual o planeamento da Azores Airlines para a rota Horta-Lisboa no verão IATA de 2018](#)

**Autores:** Carlos Ferreira e Luís Garcia (PSD)

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 05

**Referência:** 54.03.07 – N.º 391/XI;



**Assunto:** [Execução e calendarização prevista no âmbito do projeto do Ecomuseu do Corvo](#)

**Autor:** Paulo Estêvão (PPM)

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 06

**Referência:** 54.07.09 – N.º 392/XI;

**Assunto:** [Dívidas de trabalhadores independentes e pequenos produtores agrícolas ao Instituto da Segurança Social dos Açores](#)

**Autor:** João Paulo Corvelo (PCP)

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 07

**Referência:** 54.04.08 – N.º 393/XI;

**Assunto:** [Intervenção urgente na Escola Básica e Secundária das Flores](#)

**Autor:** João Paulo Corvelo (PCP)

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 08

**Referência:** 54.04.08 – N.º 394/XI;

**Assunto:** [Falta de capacidade no âmbito do transporte aéreo limita a venda de pescado](#)

**Autor:** Paulo Estêvão (PPM)

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 15

**Referência:** 54.07.00 – N.º 395/XI.

**8 – Resposta a Requerimentos:**

**Assunto:** [Irregularidades no funcionamento dos centros de processamento de resíduos da Região](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 22

**Referência:** 54.03.00 – N.º 331/XI;

**Assunto:** [Trabalhadores da SINAGA](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26

**Referência:** 54.0 4.02 – N.º 341/XI;

**Assunto:** [Reabilitação da Escola EBS das Flores](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26

**Referência:** 54.0 3.08 – N.º 356/XI;

**Assunto:** [Transporte marítimo de mercadorias para a Calheta de São Jorge](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26

**Referência:** 54.06.05 – N.º 369/XI;

**Assunto:** [Transporte marítimo de mercadorias para a Calheta de São Jorge](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26

**Referência:** 54.04.05 – N.º 370/XI;

**Assunto:** [Valor Pago pelas refeições escolares na RAA](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26

**Referência:** 54.01.00 – N.º 371/XI;

**Assunto:** [O serviço de medicina dentária na ilha do Corvo limita-se a arrancar dentes na ilha do Corvo](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 30

**Referência:** 54.07.09 – N.º 336/XI;

**Assunto:** [Degradação do Polidesportivo do Corvo](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 31

**Referência:** 54.07.09 – N.º 373/XI;

**Assunto:** [SINAGA](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 05

**Referência:** 54.04.02 – N.º 342/XI;

**Assunto:** [Gare marítima de passageiros no Porto das Velas](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 07

**Referência:** 54.01.05 – N.º 353/XI;

**Assunto:** [Porto Comercial das Lajes das Flores](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 07

**Referência:** 54.04.08 – N.º 360/XI;

**Assunto:** [Fim da ligação Terceira-Madrid](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 08

**Referência:** 54.03.03 – N.º 334/XI;

**Assunto:** [Porto da Prainha do Norte](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 08

**Referência:** 54.06.06 – N.º 377/XI;

**Assunto:** [Avaria da grua do porto das Poças, em Santa Cruz das Flores](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 09

**Referência:** 54.04.08 – N.º 366/XI;

**Assunto:** [Dificuldade de reserva aérea para estudantes em férias de natal](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 09

**Referência:** 54.04.00 – N.º 357/XI;

**Assunto:** [Funcionamento do SAPA nos Açores - Sistema de atribuição de produtos de apoio a pessoas com deficiência ou incapacidade temporária](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 14

**Referência:** 54.03.00 – N.º 350/XI;

**Assunto:** [Alteração do horário da SATA AIR AÇORES, inverno IATA 2017 – 2018, relativamente a Santa Maria](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 15

**Referência:** 54.03.01 – N.º 328/XI;

**Assunto:** [Programação de Horário de Inverno dos voos da SATA para a ilha de Santa Maria](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 15

**Referência:** 54.06.01 – N.º 329/XI.

## **9 – Comunicações/Informações:**

**Assunto:** Ofício a apresentar os problemas reais e quotidianos com que se debatem os diversos agentes da comunidade educativa,

nomeadamente os alunos, os professores e o pessoal não docente no desempenho da sua missão

**Proveniência:** Ulisses Santos Silva Jorge Barata, Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária Antero de Quental

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 17;

**Assunto:** Ofício a agradecer o Voto de Pesar pelo falecimento do Doutor Luís Jorge Silva de Oliveira

**Proveniência:** Frederico de Oliveira

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 22;

**Assunto:** Ofício n.º 36, de 26 de janeiro de 2018 a enviar relatórios – Censos Pombo-Torcaz e correção de densidade populacional

**Proveniência:** Lina Maria Cabral de Freitas, Chefe de Gabinete do Secretário Regional Ajunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26;

**Assunto:** Ofício n.º 54, de 1 de fevereiro a solicitar o agendamento, na Sessão Plenária de fevereiro sobre o debate por iniciativa do Governo Regional sobre "A União Europeia pós 2020"

**Proveniência:** Berto José Branco Messias, Secretário Regional Ajunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 01;

**Assunto:** Ofício a remeter a deliberação aprovada, por unanimidade, referente às acessibilidades aéreas

**Proveniência:** Guilherme Marinho Pinto de Sousa, Presidente do Conselho de Ilha do Faial

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 06;

**Assunto:** Ofício a informar que pretende formular oralmente perguntas ao Governo Regional sobre os resultados obtidos pelo sistema educativo açoriano no âmbito dos rankings das escolas do ensino básico e secundário referentes ao ano letivo 2016/2017

**Proveniência:** Paulo Estêvão, da Representação Parlamentar do PPM

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 06;

**Assunto:** Ofício de 9 de fevereiro de 2018 a comunicar que pretende a nomeação do Eng.º Vitor Manuel Ângelo de Fraga para a presidência do Conselho de Administração da SDEA – Sociedade para o Desenvolvimento Empresarial dos Açores, EPER

**Proveniência:** Vasco Alves Cordeiro, Presidente do Governo Regional

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 09;

**Assunto:** Ofício n.º 14, de 12 de fevereiro de 2018 a cancelar a sessão de perguntas ao Governo Regional com resposta oral sobre os resultados obtidos pelo sistema educativo açoriano no âmbito dos

rankings das escolas do ensino básico e secundário referentes ao ano letivo 2016/2017

**Proveniência:** Paulo Estêvão, Representação Parlamentar do PPM

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 12;

**Assunto:** Ofício de 12 de fevereiro de 2018 a provocar uma interpelação ao Governo Regional sobre “Resultados dos Exames e Provas nacionais obtidos nas Escolas dos Açores no ano letivo de 2016/2017”

**Proveniência:** André Bradford, Presidente do Grupo Parlamentar do PS

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 12;

**Assunto:** Ofício de 1334, de 8 fevereiro de 2018 a acusar a receção e agradecer o envio da Resolução n.º 3/2018 – “Pronúncia por iniciativa própria da Assembleia Legislativa da RAA contra o encerramento de lojas dos CTT na RAA”

**Proveniência:** Patrícia Melo e Castro, Chefe de Gabinete de Sua Excelência o Primeiro-Ministro

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 12;

**Assunto:** Ofício de 3057, de 7 fevereiro de 2018 a acusar a receção e agradecer o envio da Resolução n.º 3/2018 – “Pronúncia por iniciativa própria da Assembleia Legislativa da RAA contra o encerramento de lojas dos CTT na RAA”



**Proveniência:** Maria José Ribeiro, Chefe de Gabinete de Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 14;

**Assunto:** Ofício de 15 fevereiro de 2018 a requerer um debate de urgência sobre “Funcionamento do Serviço Regional de Saúde dos Açores

**Proveniência:** Duarte Freitas, Presidente do Grupo Parlamentar do PSD

**Data de Entrada:** 2018 – 02– 15.

## 10 – Relatórios:

**Assunto:** [Recomenda ao Governo um maior apoio ao investimento de defesa da floresta conta incêndios](#) – n.º 1062/XIII/3.<sup>a</sup> – n.º 113/XI -AR

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 19;

**Assunto:** [Primeira alteração à Lei n.º 78/2017, de 17 de agosto, que cria um sistema de informação cadastral simplificado, e revoga a Lei n.º 152/2015, de 14 de setembro](#) - n.º 614/XIII/3.<sup>a</sup> (PSD) – n.º 114/XI-AR

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 19;

**Assunto:** [Primeira alteração à Lei n.º 78/2017, de 17 de agosto, que cria um sistema de informação cadastral simplificado e revoga a Lei n.º 152/2015, de 14 de setembro - n.º 617/XIII/3.ª \(CDS\) – n.º 115/XI-AR](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 19;

**Assunto:** [Primeira alteração à Lei n.º 48/2014, de 28 de julho - n.º 107/XIII/3.ª \(ALRAM\) – n.º 124/XI-AR](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 19;

**Assunto:** [Parecer sectorial sobre a Proposta de Resolução n.º 4/XI - Conta da Região Autónoma dos Açores referente ao ano económico de 2016](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 26;

**Assunto:** [Verificação de impedimentos e incompatibilidades do Deputado César Leandro Costa Toste](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 12;

**Assunto:** [Verificação de impedimentos e incompatibilidades do deputado Carlos Manuel da Silva Ferreira](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 12;

**Assunto:** [Verificação de impedimentos e incompatibilidades do Deputado João Luís Bruto da Costa Machado da Costa](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 12;

**Assunto:** [Audições com carácter de urgência do Presidente do Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores e do Presidente da Direção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Angra do Heroísmo](#)

**Proveniência:** Comissão de Política Geral

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 16;

**Assunto:** [Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 12/XI – Aprova o Programa de Gerações](#)

**Proveniência:** Comissão de Política Geral

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 16;

**Assunto:** [Parecer sectorial sobre a Proposta de Resolução n.º 4/XI - Conta da Região Autónoma dos Açores referente ao ano económico de 2016](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Sociais

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29;

**Assunto:** [Proposta de Resolução n.º 51/XI – Construção de um refeitório e fornecimento de refeições escolares na Escola Básica e Secundária Mouzinho da Silveira](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Sociais

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 07;

**Assunto:** [Projeto de Decreto-Lei que aprova o regime específico de seleção e recrutamento de docentes do ensino artístico especializado da música e da dança - MEDU - \(Reg. DL 4/2018\).”](#)

n.º 65/XI-GR

**Proveniência:** SubComissão de Assuntos Sociais

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 14;

**Assunto:** [Projeto de Decreto-Lei – Cria o grupo de recrutamento da Língua Gestual Portuguesa, e aprova as condições de acesso dos docentes da Língua Gestual Portuguesa ao concurso externo de seleção e recrutamento do pessoal docente regulado no Decreto-Lei n.º 132/2012, de 27 de junho - MEDU - \(Reg. DL 31/2018\) – n.º 66/XI-GR](#)

**Proveniência:** SubComissão de Assuntos Sociais

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 14;

**Assunto:** [Projeto de Resolução n.º 59/XI - Recomenda ao Governo Regional da Região Autónoma dos Açores a cedência, à Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Ilha do Faial \(APADIF\), de parcela de terreno, na ilha do Faial, da propriedade da Região Autónoma dos Açores, e a consequente celebração de um contrato de cooperação-valor investimento](#)

com o objetivo de assegurar o financiamento necessário à execução de obras de construção e edificação de um Centro de Atividades Ocupacionais com pedido de urgência

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Sociais

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 15;

**Assunto:** Projeto de Decreto-Lei – Estabelece o regime de acesso e de exercício da atividade das agências de viagens e turismo e transpõe a Diretiva (EU) 2015/2301 – ME – (Reg. DL. 481/2017) – n.º 62/XI- GR

**Proveniência:** SubComissão de Economia

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29;

**Assunto:** Projeto de Decreto-Lei – Que altera o regime jurídico da conservação, fomento e exploração dos recursos cinegéticos - MAFRD– (Reg. DL. 284/2017) – n.º 64/XI-GR

**Proveniência:** SubComissão de Economia

**Data de Entrada:** 2018 – 01 – 29;

**Assunto:** Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 13/XI - Décima primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 8/2002/A, de 10 de abril, alterado pelos Decretos Legislativos Regionais n.ºs 22/2007/A, de 23 de outubro, 6/2010/A, de 23 de fevereiro, 3/2012/A, de 13 de janeiro, 3/2013/A, de 23 de maio, 2/2014/A, de 29 de janeiro, 14/2014/A, de 1 de agosto, 22/2014/A, de 27 de novembro, 8/2015/A, de 30 de março, 1/2016/A, de 8 de janeiro e 3/2017/A, de 16 de março, que estabelece o regime jurídico de atribuição do acréscimo regional à retribuição mínima mensal garantida, do complemento regional de pensão e da remuneração complementar regional.

**Proveniência:** Comissão de Economia

**Data de Entrada:** 2018 – 02 – 15.

**11 – Diários:**

Consideram-se aprovados nesta Sessão Plenária os Diários n.ºs 35, 36, 37, 38 e 39.

Estão presentes nesta Sessão Plenária os Diários n.ºs 40, 41, 42, 43 e 44.

**A redatora:** Maria da Conceição Fraga Branco